



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**Corpo e sexualidade em contos de Lyudmila Petrushevskaya e Marina Paley: um
olhar a partir da crítica literária feminista russa**

LUBOVA TRABO

JOÃO PESSOA
SETEMBRO DE 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LUBOVA TRABO

**Corpo e sexualidade em contos de Lyudmila Petrushevskaya e Marina Paley:
um olhar a partir da crítica literária feminista russa**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Literatura, teoria e crítica

Linha de pesquisa: Estudos culturais e de gênero

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Marinho

JOÃO PESSOA
SETEMBRO DE 2021



LUBOVA TRABO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A)
ALUNO(A)**

Aos vinte e sete dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e um, às dez horas, realizou-se, pela Plataforma Google Meet: meet.google.com/jzz-unrq-rcm a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: “Corpo e sexualidade em contos de Lyudmila Petrushevskaya e Marina Paley: um olhar a partir da crítica literária feminista russa”, apresentada pelo(a) aluno(a) Lubova Trabo, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento da ProfªDrª Daniela Maria Segabinazi, Coordenadora do Programa de Pós- Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Ana Cristina Marinho Lúcio (PPGL/UFPB), na qualidade de presidente, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte as Professoras Doutoras Luciana Eleonora Calado Deplagne (UFPB) e Karina Correa Lelles (UnB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente Ana Cristina Marinho Lúcio convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da BancaExaminadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Ana Cristina Marinho Lúcio (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

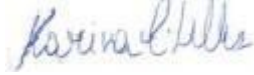
João Pessoa, 27 de
setembro de 2021.

Parecer:

A banca reconhece a originalidade e relevância da pesquisa para os estudos literários e de gênero no Brasil. Recomenda-se uma revisão normativa antes do depósito da versão final.



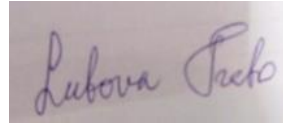
Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Marinho
Lúcio (Presidente da Banca)



Prof^a. Dr^a. Karina Correa
Lelles
(Examinadora)



Prof^a. Dr^a. Luciana Eleonora
Calado Deplagne
(Examinadora)



Lubova Trabo,
(Mestranda)

À minha querida mãe Valentina.

AGRADECIMENTOS

À minha linda mãe Valentina, que sempre torceu por mim, vibrou com minhas conquistas e acolheu minhas lágrimas;

Ao meu filho Mikhail, pela paciência por gestar uma mãe ausente em processo de escrita, e por me dar forças para continuar.

À minha orientadora Ana Marinho, por ter me deixado livre nas escolhas, pela orientação e por me guiar nesse trabalho.

Às amigas que foram minhas primeiras mulheres a levantar consciência do que é ser mulher: Vilmara, Virginie, Patricia, Flora, Gil e Sandra.

Às amigas e amigos, e, primeiro, a Marina del Cármén em especial (não só pelo apoio emocional, mas por ler e revisar meu trabalho milhões de vezes. Quem faz isso por um amigo hoje em dia?), Paula, João, Valnikson, Sigrid e Bruna por estarem comigo e me darem uma enorme ajuda nessa última etapa. Agradeço o apoio emocional, pela torcida e por não duvidar da minha capacidade. Obrigada pelo enorme incentivo.

A Michaella Araujo, por me guiar na escrita do projeto e basicamente me levar por todo processo da inscrição no mestrado.

À Capes por ter concedido a bolsa por 15 meses, no segundo ano.

A todos os professores da PPGL com quem tive contato por serem maravilhosos, aos meus colegas de turma.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo sobre a percepção do corpo feminino no período soviético e pós-soviético na Rússia, a partir da leitura de contos de Lyudmila Petrushevskaya e Marina Paley. No primeiro capítulo identificamos as prerrogativas históricas de lutas feministas e como foram abordadas as condições das mulheres no regime soviético, observando principalmente a relação com o corpo e a sexualidade feminina e como isso dialoga com o regime comunista. Aprofundamos a reflexão sobre os discursos acerca do corpo e as condições da mulher, a percepção da qual mudava de acordo com as mudanças políticas, econômicas e demográficas ou seja, de acordo com as necessidades do estado sempre patriarcal no seu cerne, apesar da propaganda da igualdade entre os gêneros. Como consequência, constatamos que a mulher sempre foi deixada fora de domínio e do poder sobre o seu corpo, sexualidade e desejos. No segundo capítulo apresentamos um panorama dos pensamentos e obras das teorias feministas russas. Demostramos como o feminismo é percebido na academia russa e, mais especificamente, a recepção das teorias feministas e crítica literária feminista ocidental pelas críticas e teóricas feministas russas, abordando, ainda, a teoria literária feminista tendo como foco corpo feminino. A metodologia utilizada será analítica e comparativa e as reflexões acerca do tema serão um ponto de partida para análise de contos de duas escritoras russas: Lyudmila Petrushevskaya e Marina Paley e seus contos “Groselhas verdes” e “A ala das acabadas”, respectivamente.

Palavras-chave: Crítica feminista na Rússia; corpo e sexualidade; Lyudmila Petrushevskaya; Marina Paley

ABSTRACT

This work aims to carry out a study of the perception of the female body in the Soviet and post-Soviet period in Russia, based on the reading of short stories by Lyudmila Petrushevskaya and Marina Paley. In the first chapter we will research early feminist struggles and look into how the general conditions of women were approached and resolved in the Soviet regime, observing mainly the relationship with the female body and sexuality and how this dialogues with the communist regime where perception of it changed according to political, economic and demographic changes, that is, according to the needs of the always patriarchal state at its core despite the propaganda of equality between the genres. As a result, we will find out that women have always been left out of control and power over their bodies, sexuality and desires. In the second chapter we will make an overview of the thoughts and works of Russian feminist theories. We will demonstrate how feminism is perceived in Russian academia and, more specifically, the reception of feminist theories and Western feminist literary criticism by Russian feminist critics and theorists. The research will continue analyzing feminist literary theory with the focus on the female body. The methodology used will be analytical and comparative and the reflections on the theme will be a starting point for the analysis of short stories by two Russian writers, Lyudmila Petrushevskaya, Marina Paley and their short stories "Unripe gooseberries" and "The ward of the Doomed" respectively.

Keywords: feminist critique in Russia; body and sexuality; Lyudmila Petrushevskaya; Marina Paley.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 AS CONQUISTAS E PERDAS DOS DIREITOS DAS MULHERES NA RÚSSIA (1905-DIAS ATUAIS)	15
1.1 Conceitos específicos na história da mulher russa	15
1.2. O novo olhar sobre a história das mulheres pesquisadoras russas	19
1.3. A história e principais acontecimentos por períodos	22
1.3.1 Primeiro período: 1850/60-1905.....	22
1.3.2 Segundo período: 1905-1917	27
1.3.3 Terceiro período: 1917-1939.....	38
1.3.4 O quarto período: 1939-1953.....	47
1.3.5 Quinto período: 1953-1985	50
1.3.6 Sexto período: 1985-2013.....	54
1.3.7 O sétimo período: 2010-dias atuais	56
2 EM BUSCA DA CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA RUSSA E MAPEAMENTO DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA PÓS-SOVIÉTICA	58
2.1 Crítica literária feminista e o feminismo no contexto russo pós-soviético	59
2.2 Em busca da base teórica a partir de autoras da Crítica Literária Feminista russa	65
2.3 Mapeamento da literatura de autoria feminina	72
3 AS DENÚNCIAS DO CORPO FEMININO NOS CONTOS DE PETRUSHEVSKAYA E PALEI	87
3.1 “Groselhas verdes”	87
3.2 “Ala das condenadas”	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, com o começo da derrocada da União Soviética (URSS), dá-se início a um processo de visibilidade de muitas escritoras na língua russa; tal fato é evidenciado pelo aumento de publicações em diversos estilos literários. Tomemos, como exemplos, as escritoras Viktoria Tokereva, Lyudmila Petrushevskaya, Dina Rubina, Lyudmila Ulitskaya, Tatiana Tolstaya e as mais jovens, que já tiveram acesso livre aos pensamentos do feminismo ocidental a partir de 1991 até os dias atuais, tais como Marina Palei, Vera Pavlova, A. Marinina, Julia Kisina, Irina Denejkina. Estas últimas criaram seus textos sem medo, negando o legado e os cânones da literatura soviética ou até “invadindo” os gêneros classicamente masculinos como, por exemplo, histórias de detetives, no caso da A. Marinina.

Porém, por mais prolífera que seja a produção feminina, a crítica literária russa tem ainda dificuldades em definir as autoras no mundo de cânone literário, tal fato se deve, ao nosso ver, à falta de sólidos estudos no campo de crítica literária feminista na Rússia e de que as poucas acadêmicas de literatura crítica feminista trabalham nas universidades fora da Federação Russa, apesar de serem as referências para se pensar a escrita da mulher russa, são elas: I. Zhrebkina e E. Baraban, entre outras.

O início do interesse nos estudos teóricos literários voltados à escritura de autoria feminina russa teve como marco o lançamento do livro estadunidense da acadêmica Barbara Heldt, *Terrible Perfection* (1987). A publicação desse livro deu início aos trabalhos de outras pesquisadoras da literatura russa escrita por mulheres, tais como a eslavista Helena Goscilo (*Dehexing Sex: Russian Womenhood During and After Glasnost*, 1996) e Rosalind Marsh (*Gender and Russian Literature*, 1996). Nos dois livros, as análises estão baseadas nas teóricas ocidentais, criticadas por E. Baraban (2003).

Essas críticas ao feminismo ocidental, que usam seus instrumentos para analisar a literatura dos “outros”, relembram muito as críticas das feministas negras, asiáticas, teóricas do pós-colonialismo, como Chandra Mohanty:

Infelizmente, por causa da alienação de tudo relacionado com o passado comunista da Rússia, o feminismo russo hoje depende não tanto da experiência doméstica da luta pela igualdade de direitos das mulheres, mas de fontes da Europa Ocidental e da América do Norte (MOHANTY apud. BARABAN, 2003, p. 15).

O segundo motivo para esse estudo se deve ao fato de que há pouco ou nenhum estudo sobre a escrita feminina russa no Brasil, apesar da presença de alguns centros de pesquisa que se voltam para a literatura russa; no entanto, os estudos se concentram de forma mais preponderante em autores como Tolstói e Dostoiévski, além de Turguêniev e Goncharóv.

O terceiro motivo posso chamar de “o recado de Angela Davis.” Durante a sua visita ao Brasil, em outubro de 2019, para o lançamento da tradução do seu livro no Brasil, Angela Davis apontou que eles/elas (a academia estadunidense) e o mundo têm que aprender mais com os trabalhos de Lélia Gonzáles, Sueli Carneiro e outras pensadoras brasileiras. Disse, ainda, que o conhecimento deveria fluir para os dois lados, criticando a academia brasileira que usa os trabalhos das feministas estrangeiras mais que os da produção própria. Essa fala foi mais um motivo para querer registrar e expor a história do feminismo e os trabalhos escritos por pensadoras fora do território Europa-América do Norte. Como o corpus escolhido são contos das escritoras russas, achamos relevante focar nas pesquisas produzidas no país de origem ou pelas representantes da cultura e língua das obras escolhidas.

O interesse pelas teorias feministas na própria Rússia pós-soviética surgiu a partir da leitura do livro da Maria Arbatova, *My name is a Woman*, publicado em 1997. A obra abarca a condição e tratamento dado à mulher em maternidades. Arbatova participa de programas na TV, debates, levanta ideias sobre os pensamentos feministas ocidentais e, a partir dessas discussões, surgiu um interesse da academia russa sobre a questão das teorias feministas já existentes no mundo ocidental. Logo, começam a discutir os pensamentos sobre a “questão da mulher” - a expressão usada no território soviético, um termo que tem certa negação com o termo “ocidental” e, assim, negando-o, propõem suas próprias soluções ideológicas a respeito das mulheres.

Maria Arbatova faz análises comparativas no artigo “A literatura feminina como um acontecimento do feminismo russo” (1995), e afirma:

No entanto, a diferença entre os problemas feministas aqui e no Ocidente segue a partir das circunstâncias propostas. A mulher russa teve a oportunidade de votar, descer à mina e ter salário igual e, para isso, ela não precisou morrer de fome, quebrar janelas de vidro e outras formas de alcançar o que as duas revoluções feministas na Europa alcançaram. Por quase um século, ela era tão cheia de direitos iguais, expressos em grandes deveres em relação aos homens, ela andou tanto dirigindo os tratores, cansou de construir trilhas de

ferrovia, que hoje não lhe parece sedutor esse tipo de autoafirmação, ao contrário de um professorado ocidental bem preparado que compõe panfletos feministas. As condições de vida de várias gerações no contexto da abundância de guerras e, portanto, da escassez de homens, a especificidade de “executar atividades do proletariado” no país pode levar uma mulher a qualquer coisa, mas certamente não à proibição de beijar as mãos e vestir um casaco. Ela viu isso tão pouco! O que ela tem a ver com rituais que reduzem a autoestima de uma mulher ocidental, quando ela (a russa) não a colheu biograficamente ou geneticamente, se ela tradicionalmente carrega sua família, equipe e, em geral, o estado, ficando nas sombras e não permitindo chegar até uma decisão legislativa para resolução dos problemas.¹

Por último, ressaltamos os motivos políticos que nos fizeram escolher o corpo feminino como foco, como objetivo principal, como categoria de análise central desse trabalho. Yulia Tsvetkova, uma ativista LGBT, diretora de teatro juvenil numa cidade na Rússia, fez uma exposição com desenhos de vaginas em forma de flores. Também abriu uma página na rede social “Vkontakte” chamada “Diálogos da vagina” em que discute o corpo feminino. Recentemente, apresentou uma exposição com o título “A mulher não é boneca” com desenhos bem simples e escrevendo sobre a normalidade das mulheres com pelo, gordura, estrias, músculos, cabelos curtos etc. Em 2019, a artista foi acusada de “divulgação de pornografia” e “propaganda gay”, delitos previstos na lei penal da federação russa. Em 2020 a sua “culpa” foi comprovada e ela corre o risco de ser penalizada com 6 anos de prisão. A sexualidade feminina e o corpo, especificamente, ainda são um tabu.

Outro fato alarmante é que, em 2017, o presidente da Rússia, V. Putin, vetou a lei da violência doméstica que já era bastante imprecisa. Agora a violência doméstica não é mais um crime, não existe uma instituição de defesa de direitos da mulher.

Um corpo perfeito ainda é um corpo muito magro, muitas atrizes estão abaixo de qualquer normalidade corporal, as redes sociais estão cheias de *influencers* famosas, as academias e *personal trainers* encorajam a eterna e contínua vigilância sobre o corpo feminino. Gorda virou um palavrão com a mensagem subliminar “se você não emagrecer ninguém vai te querer, você não vai ser amada e não vai ter sexo”.

Observando a mídia, Youtube e as redes sociais, chegamos à conclusão de que o prazer feminino continua sendo um tabu, o enfoque está no prazer masculino. As poucas tentativas de algumas mulheres (blogueiras, jornalistas e ativistas) nadam

¹ Disponível em: http://www.a-z.ru/women_cd1/html/preobrazh_3_1995_a.htm. Acesso em: 2 set. 2021.

contra essa corrente geral e se perdem diante do patriarcado e da difamação do pensamento feminista.

Tais fatos estimularam a vontade de pesquisar e identificar possíveis respostas para tamanho atraso nessa “questão feminina”, dita resolvida e não existente no período do comunismo (de 1917 até 1991) e que segue até os dias atuais. Será que o problema voltou? Será que nunca foi resolvido e, se não foi resolvido, quais seriam as razões?

Com relação ao nosso trabalho, temos objetivos históricos, como retomar a história do feminismo na Rússia a partir da instalação do regime comunista em 1917 e até hoje, a partir de fontes escritas por mulheres, a maioria delas historiadoras e sociólogas; além disso, pretendemos identificar as principais posições tomadas pelas lutas feministas nesse período, além de delimitar o estudo sobre a sexualidade e o corpo feminino em específico.

Com relação aos pressupostos e objetivos teórico-analíticos, pretendemos estabelecer contrapontos e mediações entre as epistemologias do Leste Europeu e do Ocidente, ao trazer um panorama dos pensamentos e obras das teóricas russas feministas, tendo, por finalidade, demonstrar como as teóricas russas leem as teorias feministas ocidentais, quais críticas elas fazem, como é recepcionado o feminismo ocidental e como as teóricas russas reproduzem essas ideias nas suas teorias e pesquisas; há, também, a intenção de delimitar os conceitos-chave do pensamento feminista russo, com ênfase no corpo feminino.

Como corpus de nossa pesquisa, pretendemos examinar e analisar o aspecto da sexualidade, mais especificamente o corpo feminino, a partir das obras de duas escritoras russas. Para cada conto, será examinado um aspecto da corporeidade:

- o corpo e a educação sexual (ou a falta dela);
- o corpo, a violência e o aborto

Contextualizaremos as obras escolhidas dentro dessa discussão e faremos apontamentos sobre como o corpo feminino está sendo percebido através dos textos, pois trataremos a literatura como um espelho de valores socioculturais da sociedade em que está sendo produzida, conceito este que a maioria dos teóricos literários russos está de acordo.

A escolha das autoras e obras para o corpus da pesquisa, primeiramente, foi uma escolha subjetiva. Outro motivo se deve ao aspecto cronológico para que, através

dos contos e do corpo feminino inscrito neles, seja possível constatar sobre qual aspecto da sexualidade/corpo feminino poderia se falar em certo período histórico, ou seja, com qual aspecto as mulheres se preocupavam mais em cada período. Por outro lado, sem dúvida, tal método contraria a noção de que nada é constante, que as conquistas feministas têm idas e vindas, alguns direitos conquistados de repente são vetados, os valores se invertem. Mesmo assim, tal escolha mostraria um certo desenvolvimento acerca do corpo feminino, pelo menos em algum período, ainda que, como vemos no exemplo da Rússia moderna, algumas conquistas foram perdidas, negadas, anuladas.

A escolha das autoras também se deve à acessibilidade dos textos em outras línguas que não seja só o russo. Cada uma das autoras escolhidas tem trabalhos traduzidos para inglês, alguns para francês, italiano e português.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, através da pesquisa histórica queremos traçar as percepções de corpo, percepção da mulher, específicas da Rússia; procurar os motivos, as fontes dos conceitos, traumas, conectados à sexualidade e ao corpo. Nesse capítulo da história, traçamos o começo do movimento feminista, dividimos os últimos cem anos em partes, ao nosso ver, politicamente diferentes, que marcam também os passos diferentes na história da mulher. Estabelecemos os principais conceitos na cultura russa que afetaram a percepção e o movimento feminista.

Primeiramente, para fazer um panorama histórico do feminismo, a partir de 1905 e, até hoje, com foco na sexualidade e no corpo em específico, a abordagem exploratória, bibliográfico-documental prevalecerá. Argumentamos que os resíduos dos acontecimentos histórico-culturais estão firmes e presentes na vida das mulheres hoje.

No segundo capítulo, partiremos para as teorias feministas russas e ocidentais acerca da percepção da mulher russa na literatura focando no corpo feminino. O capítulo vai focar na crítica literária feminista produzida pelas pesquisadoras mulheres com exceção de Benjamin Sutcliffe. As principais pesquisadoras que serão discutidas e tomadas como base para desenvolver a análise dos contos serão Irina Zhrebkina, Irina Savkina, Helena Goscillo, Elena Trofimova e Tatiana Rovenskaya. As reflexões acerca do tema da sexualidade e corpo feminino foram confrontadas com as teorias e, nesse levantamento das teorias feministas ocidentais usadas para análise da

literatura russa e das respostas das teóricas russas, a metodologia de comparação será mais apropriada. Sob esse aspecto, cabe também analisar a fortuna crítica sobre o corpus da pesquisa: mapearemos as tendências e enfoques no tocante ao tema principal que é a sexualidade e o corpo feminino. Tal ênfase na temática também se relaciona com o interesse de pesquisadores brasileiros pela literatura russa, pois no Brasil existem pesquisas concernentes à mesma, a exemplo do livro organizado por Graziela Schneider Urso (2017) intitulado *Emancipação Feminina na Rússia Soviética*.

No terceiro capítulo, estudaremos os contos de duas escritoras russas: Lyudmila Petrushevskaya, com os contos “Groselhas verdes” e “A contadora de histórias”; Marina Paley, com o conto “Ala das acabadas”².

O proceder metodológico usado para investigação das obras do corpus conta com a abordagem exploratória de cunho feminista interdisciplinar. Também será usada a metodologia da comparação entre os contos e poemas analisados. Deste modo, nossa análise está centrada nas marcas que convergem para focar nos conceitos sobre a sexualidade levantados na pesquisa feita no primeiro e segundo capítulos.

² Todas as traduções apresentadas nesta pesquisa são de nossa autoria, feitas com consulta direta aos textos originais em russo.

1 AS CONQUISTAS E PERDAS DOS DIREITOS DAS MULHERES NA RÚSSIA (1905-DIAS ATUAIS)

Nesse capítulo vamos apresentar as mulheres pesquisadoras utilizadas para esse estudo, em seguida discutiremos e apresentaremos alguns conceitos imprescindíveis para entender a cultura russa, conceitos que também são pertinentes ao feminismo na Rússia, como, por exemplo, o que é *zhenskij vopros*,³ a não existência de indivíduo, o auto sacrifício da mulher pelo bem da família ou da sociedade. Conceitos que, como veremos mais tarde, vêm da doutrina ortodoxa.

Mostraremos a formação, a transformação das ordens do gênero e como esta mudou em relação às mulheres e à sexualidade. Dividiremos pelos períodos e anos, para facilitar o panorama de mudanças nos hábitos, concepções e percepções acerca das mulheres, suas escolhas e pensamentos, aspectos que serão trabalhados na análise dos contos e poemas.

Esse capítulo vai tratar da perspectiva histórica a partir da leitura de autoras como Aivazova (1998), Mitina⁴ (2007), Pushkariova N. (2007, 2012), Pushkariova I. (2017), Jukina (2014) e Ielnikova (2003). Essas autoras, no geral, perceberam variados aspectos das condições da mulher e da história com perspectivas distintas, e, também, semelhantes acerca de como os fatos históricos influenciaram a sexualidade feminina. Analisaremos como as mudanças nas leis afetaram as mulheres, como a lei de aborto, a lei de benefício maternidade ou a de pensão alimentícia.

A análise vai partir do final do século XIX, momento importante para entender alguns aspectos do movimento feminista.

1.1 Conceitos específicos na história da mulher russa

³ A pesar de ser um termo já usado na história como “a questão feminina”, os políticos da URSS usaram o termo não só para determinar os problemas e soluções acerca das condições femininas, mas também para fugir do termo ‘feminismo’, “movimentos femininos/feministas” tão populares antes e logo no começo da era comunista.

⁴ Filósofa que trabalha na Universidade de Economia da cidade de Vladivostok, na Rússia. Cf. descrição disponível em: <https://cyberleninka.ru/article/n/marksistskiy-gendernyy-proekt>. Acesso em: 2 set. 2021.

Conceitos como emancipação das mulheres, a questão da mulher (zhenskij vopros), o movimento feminino e feminismo, na perspectiva histórica, são sinônimos até 1905. Essa ideia é proposta por Svetlana Aivazova (1998), porém Irina Jukina (1998) alega que, depois de 1905, quando entrou em vigor a lei de eleição e foi negado às mulheres o direito de votar e, a partir desse momento, em conjunto com outras reivindicações do direito de trabalhar, a educação se soma ao direito ao voto. Essa reivindicação de direito ao voto, de acordo com Jukina (1998), permite dividir o movimento feminino e o feminismo. Agora, podemos distinguir, num leque de movimentos femininos, organizações feministas, antifeministas e organizações femininas de caridade, apesar de que as militantes usavam esses termos como sinônimos.

Outra questão que, mais adiante, ao nosso ver, explica a situação da mulher, é a natureza dessa emancipação feminina e o que significa, na Rússia, quando se fala sobre isso. Como bem destaca Jukina (2014), a questão da personalidade da mulher e os seus interesses nunca foram evocados. Para nós, essa ideia é essencial a se frisar, pois surgem questões como a sexualidade feminina que será abordada mais adiante, quando analisaremos os contos que tematizam esses assuntos. Como também aponta Jukina (2014) é importante conhecer a “ideologia de gênero”, ou seja, as normas de comportamento e papéis sociais e morais de cada sexo.

De acordo com N. Pushkariova⁵ (1995), as raízes dessas normas estão no entendimento do que é “boa esposa” na religião ortodoxa, formada durante os séculos doze e dezoito. A autora confirma que esse ‘ideal da mulher russa’ era baseado em características como sacrifício (zhertvennost), um adjetivo que denomina fidelidade; ‘smireníe’, que denomina resignação, humildade, ou seja, a aceitação da sua situação. Por exemplo, até hoje ainda persiste a frase “casou, fica aguentando, aguenta”, características que não implicavam na defesa dos seus próprios interesses e da atividade social. Jukina continua confirmando que esse ‘ideal da mulher’ foi popularizado na literatura russa e se incorporou “numa tese de existência de um caráter nacional da mulher russa, com as características dominantes como a nobreza

⁵ Historiadora e antropóloga cultural russa. Fundadora de feminologia histórica e história dos gêneros na academia soviética russa e na Rússia pós-soviética. Pesquisadora principal do RAN (Academia de Ciências da Rússia) do departamento/instituto de etnologia e antropologia. Cf. descriçãoem: <https://iea-ras.ru/index.php?go=Conference&in=view&id=10>. Acesso em: 2 set. 2021.

de auto abnegação, “samootrechenije” (2014, p. 6). Essa resignação é vista como uma das melhores características da mulher russa.

O papel fundamental da literatura é acentuado praticamente por todas e todos as/os pesquisadores das áreas de humanas. Se, no Brasil, há a “educação da alma”, que ocorre, principalmente, a partir do viés religioso, da Igreja, na União Soviética e, até hoje, esse papel é concedido à literatura. Na escola, do ensino básico até o médio, a literatura é uma disciplina obrigatória, separada da língua russa. As aulas acontecem três vezes na semana, com leituras obrigatórias dos clássicos e também são indicados livros para leitura nas férias.

Com base nessas reflexões, já podemos concluir que, se a literatura russa incorporou o ideal ortodoxo da mulher, eis uma razão por que, ainda hoje, temos essa percepção da mulher - abnegada, sacrificando seus interesses pelos interesses dos outros. Esse aspecto já, parcialmente, responderia à nossa pergunta: porque a mulher, o corpo dela, a sexualidade dela, ainda são vistos numa percepção fechada, que muda pouco. Com a literatura, e a forma como ela até hoje é ensinada, com Tolstói e Dostoiévski e seus ideais da mulher glorificada, não podemos esperar mudanças. Vale frisar que, na época, esse era o único viés da educação e informação. Não podemos subestimar o papel dos escritores na formação da opinião pública.

De acordo com N. Pushkariova (2017), como resultado de discussões ocorridas nos anos 1850-1870 sobre a ‘questão feminina’ (zhenski vopros), a ideia de emancipação da mulher fez parte da emancipação geral da pessoa. Nesse formato, a ideia de emancipação feminina entrou na consciência da massa e fez parte do movimento pelos direitos civis, com foco na reforma democrática da Rússia. Essa alegação da Pushkariova, ao nosso ver, é mais um fato pelo qual sentimos até hoje a falta de luta pelos interesses pessoais da mulher, já que era imoral e vergonhoso considerar os interesses pessoais acima dos interesses da sociedade em geral.

Nunca foi questionado ou discutido os interesses da mulher como um indivíduo. A ausência de dicotomia entre o “pessoal” ou o “particular” e do “público” é um fator que muitas dessas pesquisadoras notam. Começou com o cristianismo e a doutrina ortodoxa, continuou nesses anos das ideias revolucionárias de fim do século 18 e, como veremos mais na frente, foi levado adiante pelo regime soviético. Continua ecoando no pensamento até hoje, pois, ainda depois de 30 anos desde a derrocada da União Soviética, a sociedade e os movimentos sociais e feministas fundamentais

estão em busca do seu caminho. Ainda hoje, alegaríamos que a sociedade russa está perdida, não achou a sua identidade nova, pós-soviética. Diríamos até mais: está perdida entre o modelo czarista, o soviético e a influência ocidental, sem entender como prosseguir.

A ideologia das primeiras organizações femininas era voltada para a transformação do arquétipo da mulher tradicional russa (cultura da maternidade); para a ideia de caridade (continuando com as características tradicionais da mulher - fidelidade, auto sacrifício, responsabilidade) e maternidade social. E, assim, começou a se formar o conceito de sacrifício e auto abdicação em nome dos ideais sociais, em nome de um futuro melhor (JUKINA, 2014).

Outra percepção importante de identificar é sobre a família. Tanto Aivazova⁶ (1998) quanto N. Pushkariova (2012), no artigo sobre a sexualidade feminina, intitulado *A mulher e o feminino na cultura sexual tradicional russa*, concordam, e nisso ecoam os pensadores russos N. Berdiaiev (original 1916, 2015)) e Bakunin (1989), que dedicaram muito tempo para pensar sobre a alma russa e a sociedade russa, que na Rússia patriarcal não tinha espaço para a formação de um indivíduo independente, para a autonomia do indivíduo e, sem isso, não tinha como se formar uma civilização liberal, por isso que o liberalismo social não teve sucesso. Outro fator que Aivazova destaca nos trabalhos de Bakunin diz respeito ao mesmo afirmar que a autoridade da família, a unidade mais importante da sociedade, estava não sob a autoridade do homem, mas sob a autoridade dos pais dele, a autoridade da mãe do esposo e do pai do esposo. Por isso, o homem na Rússia, reforçado pelas políticas da proteção à mulher mais tarde implantadas, na época da União Soviética, não se sentia adulto, responsável, nunca teve essa oportunidade, pelos motivos histórico- culturais da especificidade da religião ortodoxa e, mais tarde, pela ideologia soviética. Ao nosso ver, esse é mais um fator de negação da sexualidade, entrelaçado a essa percepção de família, de falta do indivíduo. Na língua russa, por exemplo, não existia a palavra, o conceito da privacidade, espaço privado, os conceitos entraram na língua a partir de uma tradução torta, literal.

⁶ Politóloga e historiadora, fundadora da politologia do gênero na Rússia, especialista na área de pesquisas do gênero. Trabalha no instituto da sociologia, no RAN, em Moscou. Cf. descrição disponível em: https://www.isras.ru/pers_about.html?id=172. Acesso em: 2 set. 2021.

No próximo subtópico mostraremos a discrepância entre o sucesso da ideologia comunista e o sofrimento individual e sobre os efeitos da ordem violentamente imposta na sociedade.

1.2. O novo olhar sobre a história das mulheres pesquisadoras russas

Natalia Pushkariova e Irina Pushkariova (2017) apresentam a história da formação das primeiras uniões e grupos das mulheres e também sobre a criação do feminismo russo. Elas constatarem que durante os primeiros 30 anos depois da revolução, nada foi mencionado sobre esse aspecto. Nem os criadores dos primeiros livros de história, nem as mulheres que escreveram sobre a ideologia dos bolcheviques, como Kollontai. Ironicamente, Kollontai termina por contribuir bastante para o pensamento feminista, sem ela perceber, pois fundiu ideias feministas e socialistas e, ainda hoje, é estudada como um dos pilares do feminismo marxista. Aivazova (1998) menciona a participação das mulheres não apoiadoras do regime dos bolcheviques na vida política do país do começo do século 20. Os bolcheviques, partido revolucionário russo, fração majoritária do Partido Operário Social-Democrata Russo que, ao final da Revolução de 1917, alçou ao poder dentre outros movimentos social-democratas, consideravam mérito deles a liquidação da desigualdade social e de gênero em todas as esferas, inclusive na política, cunhando o termo russo “socialno – polovoje neravenstvo”. Silenciando o fato que muitos direitos, como a licença maternidade de seis semanas, com o salário de 50 por cento (em 1912) e o acesso a muitas profissões foram conquistadas e viraram leis muito antes da revolução de outubro de 1917.

As pesquisadoras afirmam que toda a historiografia soviética criou uma história de mulheres bolcheviques e seus heroísmos, suas biografias as transformaram em ‘as novas santas, aquelas que eram prontas para sofrer em nome dessa ideia, assim criando ou continuando com o tema de heroísmo feminino, auto abdicação (samootdacha) e, ainda, que o movimento feminista seria parte da luta geral da classe trabalhadora.

O tema da sexualidade, no fim do século XIX e começo do século XIX, foi analisado por juristas e publicistas, mas o foco deles eram abuso sexual, pornografia, prostituição, abortos ilegais. Poucos estavam interessados em discutir sobre uma

sexualidade saudável e o prazer sexual. O tema da sexualidade feminina nem era considerado e a “questão de sexos” (polovoj vopros) considerava, na maior parte, só a regularização da atividade sexual e a análise das ‘normas’ em alguns grupos sociais como, por exemplo, os trabalhadores, estudantes, camponeses, moradores rurais. Mesmo assim, Pushkariova (2008) afirma que a ‘descoberta’ nessa época (século XIX, início do século XX) da ‘questão dos sexos’, e a conexão dela com o ‘feminino’, já era um tema revolucionário em si.

O interesse pela história da mulher começou só nos anos 1990, logo depois da derrocada da União Soviética. Tal interesse foi despertado pelas novas historiadoras russas que conseguiram estudar a literatura estrangeira, na sua maior parte americana, e evocaram o fato do silenciamento da desigualdade feminina na história soviética, depois de 1917 (apesar dos fatos contrários contados até então). Essas novas historiadoras fundamentaram a necessidade de uma nova disciplina: feminologia histórica - uma disciplina nova da história social. Elas começaram a estudar o cotidiano das mulheres, a conduta social e reprodutiva da mulher etc. O movimento, por incrível que pareça, começou fora dos centros grandes, como Moscou. Os pioneiros nos estudos se localizavam na província e nas universidades localizadas longe do centro. Começaram métodos chamados ‘gênero-sensíveis’ (Puskarjova, ‘genderno-chuvstvitelnije’ metodi), estudando transformações econômicas, políticas e sociais, a partir de fontes que ajudaram a analisar os fatos de outro jeito. Por exemplo, de acordo com esses novos estudos, pode-se concluir que a maioria das mulheres da classe média que viviam nas cidades eram a favor dos movimentos femininos liberais e contra os métodos radicais e revolucionários.

Uma das pesquisas mais conhecidas é de I. Alfiorova (2011). A sua pesquisa sobre *zhenskij vopros* na teoria e prática do bolchevismo, revela que, até 1913, o partido social-democrata não estava pensando no público feminino quando fazia suas propagandas, já que negava o movimento feminista que lutava pelos seus direitos. Isso é um fato bem importante - o niilismo dos bolcheviques acerca das mulheres (ALFJOROVA, 2011). Depois, a teórica demonstra que Lenin, no final de 1913, notou a popularidade de ‘Pravda’ e entendeu a necessidade de uma propaganda especial para o proletariado feminino, vindo com a ideia de criar uma revista de cunho político feminino: *Rabotnica* (trabalhadora). Os objetivos da revista seriam mostrar qual fracção (frakcija) dos social-democratas da Rússia estava defendendo os interesses

da mulher. Analisando os “agit-prop”, Alfjorova concluiu que os bolcheviques faziam de tudo para não deixar crescer ainda mais a popularidade das organizações feministas e, para vencer, simplesmente roubaram os slogans mais populares delas. A proteção de trabalho da mulher, a organização do cotidiano da família, a educação das crianças, a educação da mulher, todos esses temas foram discutidos pelas feministas e incluídos nos seus programas e promessas. A pesquisadora nota que, quando entraram no poder e ganharam a estabilidade política, os bolcheviques perderam o interesse em trabalhar com a parcela feminina da população. Fecharam a revista Rabotnica em 1918 e a quantidade das mulheres nos cargos federais foi para o mínimo.

É de suma importância entender essas pesquisas realizadas pelas novas historiadoras, pois, sem elas, não saberíamos sobre a negligência dos bolcheviques, as ações deles contra as mulheres, as manipulações que fizeram com as mulheres. A partir dessas pesquisas, vemos como a história da mulher do século XX na Rússia, apesar das alegações das bravuras soviéticas, foi menosprezada, usada como uma parte adicional à história geral.

Voltando ao tema principal desse estudo, primeiramente é importante frisar o conceito de paternidade, que foi mencionado no começo e vai ser esmiuçado mais à frente. O patriarcado foi substituído pelo paternalismo e, assim, a mulher foi controlada. Nesse sentido, são importantes as observações da Mitina (2007) sobre a corporeidade. Ela nota que, para a filosofia marxista, os temas da sexualidade e corporeidade estavam fora da teoria da revolução.

Nos “mandamentos da sexualidade entre o proletariado” há a descrição de cânones de ‘beleza’ dos homens e mulheres da nova sociedade comunista. Esses mandamentos negam os cânones da mulher como fraca e incapaz e, o homem, como musculoso e agressivo. E, mais ainda, o marxismo nega a ideia em si de padrões do gênero. Para esta filosofia, o importante é o ‘homem-lutador’, forte, valente como classe social, sem ter importância se é mulher ou homem, ou seja, o ser humano como máquina revolucionária, produtiva para objetivos revolucionários.

Como já foi dito, na sociedade comunista, quanto mais prosseguir a revolução mundial e a instalação do proletariado, a questão da desigualdade dos gêneros automaticamente iria ser solucionada. O “sentimento sexual” ou sentimento de pertencimento a algum gênero - “polovoje chuvstvo”, não vai reinar sobre o ser

humano da futura sociedade, mas ele que vai reinar sobre o 'sentimento sexual' (MITINA, 2017, p. 3). A frase 'ser o ser humano' (bitj chelovekom), ou seja, ser um homem, indica efemeridade do princípio da igualdade dos gêneros, acentuando a posição androcêntrica. Por isso, como afirma Mitina (2007), tudo que destacava a feminilidade era abolido. A mulher podia ser trabalhadora, esposa e mãe, mas tinha que perder a sua 'essência feminina', a sexualidade, como vestígio do passado 'burguês'.

1.3. A história e principais acontecimentos por períodos

Até o presente momento, apresentamos alguns aspectos históricos, levantamos alguns conceitos, agora, podemos partir para a história, com a esperança de que possamos apresentar os fatos e acontecimentos, pois já temos uma noção básica da "alma russa", da forma como se pensava a questão da mulher, dentre outros aspectos análogos.

1.3.1 Primeiro período: 1850/60-1905

Este período foi marcado pelo início das reformas políticas e sociais até a primeira revolução, a explosão de ideias, do feminismo, a falsa esperança da liberdade e as mudanças.

As reivindicações e agitações de aspectos revolucionários, entre o proletariado, ganharam maior ênfase, no mundo ocidental, em meados do século XIX, concomitante à modernização e industrialização de grande parte dos países europeus em desenvolvimento. Inicialmente, grupos de mulheres fomentaram a luta pelos direitos civis e políticos para ter educação, profissão, a possibilidade de inclusão na vida política, social e profissional da sociedade em que estão inseridas. A Rússia se encontrava no estado emergente de reformas. O Tzar Alexandre II empreendeu uma série de modernizações, a principal foi a libertação dos servos (o povo que trabalhava nas terras de latifúndios), mesmo assim, a maioria deles eram mantidos nas terras dos patrões e proprietários. As raízes do feminismo na Rússia começam um pouco antes, podemos afirmar que as modernizações empreendidas pelo Tzar deram impulso para o começo de vários movimentos liberais, liberais radicais, entre outros.

Começa, a partir daí, uma época de transmutação de pensamentos em geral, levada à frente pelas mulheres, pensadores da época e escritores - uma mistura de teorias para romper com a tradição absolutista do tzarismo, incluindo-se, aí, também, as teorias marxistas.

Os movimentos sociais, entre eles, o feminista, encontrava-se em uma encruzilhada: as mulheres com pensamentos progressistas e, ao mesmo tempo, presas pelas velhas tradições morais, a exemplo da adoração por Tolstói. E, veremos que, mesmo assim ou, por causa disso, a questão de corpo é ainda tabu, um território proibido. Enquanto as feministas europeias falam de direitos de reprodução da mulher, liberdade e sobre a autonomia de seus corpos, as russas não tematizam esse assunto. Evidentemente, com tantos acontecimentos intensos no período, guerras, pobreza, mudança geral do pensamento, as mulheres primeiro tinham que conquistar outros espaços. Mais tarde, com os trabalhos de Kollontai, o corpo e a sexualidade vão ser discutidos. De qualquer maneira, a liberdade sexual do trabalhador vai ser mal interpretada, pois a liberdade sexual vai virar mera necessidade prática, simples, sem emoção (que será tematizada em nosso trabalho a partir do conto de Aivazova).

Não há como não frisar a importância e agitação ocorrida nessa época a partir da abolição da servidão até a total instalação do regime dos bolcheviques. Aconteceram guerras, revoltas e, sem dúvida nenhuma, em quase todos esses acontecimentos, a força feminina teve grande importância.

Citamos aqui algumas datas importantes, para se situar, no período histórico em questão, como as mulheres foram fundamentais em diversos contextos políticos e sociais da Rússia:

1861 - Abolição da servidão na Rússia;

1878 - Abertura dos Cursos da Formação Superior para as mulheres em St. Petersburgo;

1895 - Fundação da Sociedade Feminina da Filantropia Recíproca;

1899 - Fundação da Liga Russa Feminina da Paz;

1903 - O Partido Social-Democrata (RSDRP) inclui, em seu programa, a cláusula sobre os direitos iguais da mulher;

1905 - Fundação da União da Igualdade das Mulheres de toda a Rússia.

Importante notar que tudo isso acontecendo durante as condições tumultuosas, com inúmeras guerras e revoluções no período, em que as mulheres também tiveram um papel importante:

Junto com a modernização e industrialização da Rússia, muitos membros das várias classes da nobreza foram à falência econômica, então as mulheres dessa classe entraram na linha de produção, buscando os recursos para sobreviver. Daí surgiu a primeira onda feminista, com a sociedade feminina da Filantropia Recíproca e nos cursos da formação superior.

Nadezhda Stasova, Maria Trubnikova e Anna Filosofova foram as primeiras mulheres que perceberam a existência de uma classe de mulheres que vivia na miséria, as mulheres de “proletariado da classe média.” É notória a correspondência entre elas, M. Trubnikova em particular, com as feministas de fora, com cartas datadas de 1869.

John Mill, filósofo liberal inglês, com seu livro “A sujeição das mulheres” (1869), mais tarde traduzido para o russo por uma das integrantes do movimento, influenciou no pensamento dessas três mulheres. O livro do escritor russo Nikolay Tchernishevsky, “O que fazer” (1862), virou um símbolo, um livro didático para o feminismo russo. Foi o primeiro livro que pensou sobre a mulher, seu mundo, o amor livre, a família e as relações abertas, todos os estereótipos da família, das relações entre homens e mulheres foram questionados. Foi um romance revolucionário para aqueles tempos, tempos de novos pensamentos e reformas materiais mundiais que a Rússia estava tentando acompanhar. O romance teve repercussão entre todos os famosos escritores e pensadores (Dostoiévski, Tolstói, Berdaiev e Bulgakov), entre outros da época. Mesmo achando o livro artisticamente fraco, virou um acontecimento político, uma verdadeira revolução no pensamento.

Ainda assim, na Rússia patriarcal, o movimento das mulheres andava devagar. É notório um episódio citado por Aivazova (1998) em que N. Stasova pergunta a Tolstói o que ele acha da formação da Sociedade Feminina da Filantropia Recíproca. Tolstói, em carta, responde que nunca viu nada dessas sociedades das mulheres darcerto. A Sociedade virou umas das forças mais importantes, responsável pela formação de cursos superiores feministas, entre outras atividades. Tolstói, em geral, se destaca pelo seu pensamento patriarcal, achando que é “mais nobre para a mulher

que não achou marido” cuidar das crianças, ao invés de trabalhar na fábrica, na indústria, na empresa: é algo do ser feminino, da “natureza feminina”.

Vale destacar que as próprias feministas respeitavam e idolatravam esses mesmos pensadores e escritores russos, achando-os grandes pensadores, dando pouco mérito a elas mesmas: perdidas entre o novo pensamento e a força das velhas tradições.

Como foi mencionado anteriormente, essas mesmas feministas idolatravam Tolstói que, por sua vez, condenava a sexualidade, a corporeidade feminina, sempre punindo nos seus textos as mulheres que faziam escolhas “carnais”, como Anna Karenina. Anna Filosofova, umas das três feministas mencionadas, também idolatrava Tolstói, seu o pensamento a respeito da educação e sobre a perfeição da alma humana e da caridade.

O outro exemplo é o conto “A sonata de Kreutzer”, considerado escandaloso na época, pois tem entre suas temáticas o amor carnal. Uma das fundadoras da Sociedade Recíproca de Filantropia, Nadezhda Stasova, dizia que “na hora de levantar um pouco o ideal de amor, sair um pouco do lado animal, muitas mulheres mesmas são culpadas” (STASOVA apud. AIVAZOVA, 1998, p. 29). Stasova escreveu uma carta para Tolstói perguntando o que ele achava de um grupo de mulheres fundar a Sociedade Feminina de Filantropia Recíproca a qual Tolstói respondeu negativamente, afirmando que não via o valor e razão desse tipo de organização, que as questões da mulher geralmente não resultam em nada (1899). Lembrando que, o mesmo Tolstói, que buscava a religião, outro tipo de pensamento para o futuro da Rússia, preocupava-se com o povo e dizia que o lugar da mulher é na família e que até a mulher prostituta é mais valorizada, útil para a sociedade, do que as novas trabalhadoras de fábricas, tecelãs, telegrafistas, sem falar nas feministas, pois até com a prostituição ela cumpre a sua ‘natureza feminina’. Lembrando que essa mesma Sociedade Feminina de Filantropia Recíproca virou um movimento fortíssimo na época, obtendo resultados importante em termos das conquistas para as mulheres e para a sociedade em geral. Como vimos, graças a essa sociedade surgiram os cursos superiores femininos que formaram, entre outros profissionais, médicas e enfermeiras que participavam diretamente na Guerra Turco-Russa, por exemplo.

Diante desses fatos, percebemos como a corporeidade permanecia sendo rebaixada. Vestígios de tudo isso nós vemos na sociedade da Rússia hoje:

negligência, desrespeito, desconhecimento do corpo feminino. É importante não esquecer dos conceitos, de algumas noções culturais sobre as quais nos debruçamos no começo do capítulo. Um dos quais foi a força e o valor da literatura na cultura russa, por isso achamos importante expor os fatos relacionados ao autor Tolstói e sua relação com as feministas da época.

Para algumas mulheres, inclusive as mais avançadas da época, era impensável o tema do corpo feminino, até se pensarmos em questões como a gravidez. Como vimos, qualquer desejo sexual, paixão, era condenado, tanto na literatura quanto na vida e no pensamento social.

Mesmo mencionando essas ideias sobre o corpo feminino, não podemos deixar de mencionar o avanço do feminismo na Rússia, em muitas questões, muito à frente do feminis na Europa. Como já mencionamos, desde meados do século XIX até o começo do século XX, existiam muitos movimentos revolucionários, sociais, com uma divisão e competição ideológica entre aqueles que queriam grandes reformas sociais (mencheviques, movimentos-sócio-liberais) e aqueles mais radicais, que queriam a queda do Tzar, os bolcheviques e comunistas. Nesse movimento, as mulheres formavam uma grande parte (1/5) dos ativistas revolucionários e esse número permaneceu até os anos 30 do século vinte. As mulheres revolucionárias eram aquelas que levantaram mais a questão da “igualdade entre os gêneros”. E a luta dessas mulheres, como nota Pushkariova, sempre foi bem representada na historiografia russa.

O que foi pouco mencionado foram as atividades do movimento feminista mais liberal, aquele que levantava as “questões de mulher”, questões mais tarde apropriadas pelos bolcheviques como ideias deles. Fazia parte desse grupo Tzebrikova, com sua famosa carta para o tzar, ignorada por ele, alertando sobre as possíveis revoltas sangrentas e pedindo para que ele desse mais atenção ao povo, no sentido de evitar as mortes e a destruição do país.

O movimento feminista, a partir de meados do século XIX e até a revolução de 1905, se formou, tomou impulso e se envolveu em questões práticas e imediatas sobre o trabalho feminino, a remuneração, a educação e a comunicação entre as mulheres. Mais tarde veremos como a comunicação feita através de cartas e a contagem de votos por toda a Rússia funcionou perfeitamente, porque em todos os pontos regionais tinha um representante/ativista de movimento feminista/feminino.

No começo do século XX em quase todas as cidades grandes existiam os cursos superiores femininos, entre eles os cursos de medicina, arquitetura, politécnico e agrícola.

1.3.2 Segundo período: 1905-1917

Este período durou até a formação do Estado dos soviets e a vitória dos bolcheviques. Foi um tempo de muitos acontecimentos, quando os revolucionários e os bolcheviques chegaram e, também, mudaram a cena do feminismo. Entram em cena figuras como Kollontai, Armand, Krupskaya, Lênin e o partido dos bocheviques. Começam a se formar dois grupos, dois movimentos - feministas liberais e feministas marxistas. É importante marcar alguns fatos importantes, tanto na área dos estudos sobre as mulheres quanto em relações aos acontecimentos gerais: duas guerras, a Russo-Japonesa, de 1904-1905 e a Primeira Guerra Mundial, de 1914-1918. Antes e entre essas guerras aconteceram manifestos dos operários e operárias de várias fábricas contra a fome, para acabar com a guerra, contra as condições degradantes de trabalho e em favor do aumento de remuneração.

Começou também a perseguição aos partidos revolucionários e as perseguições entre eles: os bolcheviques perseguindo os socialistas, que não pertenciam à mesma fração política, como mencheviques, anarquistas, e atuantes do Partido Social-Democrata.

O Tzar Nikolay II, para escapar da revolta geral, implantou algumas emendas nas leis, dando voz política ao povo. Várias uniões foram surgindo e muitos protestos e paralisações em várias áreas profissionais, não só na área das indústrias, mas também no campo. Temos ainda a derrota na guerra Russo-Japonesa e a Revolução de 17 de outubro. Consequentemente, os bolcheviques colocaram o governo provisório no poder, dando direitos ao povo de votar e organizar o Duma (o parlamento).

No meio de todo esse tumulto, destacamos alguns fatos sobre os movimentos feministas e as suas atividades para a época:

1905 - Fundação da União (Liga) da Igualdade das Mulheres de toda a Rússia;

1906 - Apelo da Sociedade Feminina da Filantropia Recíproca das Mulheres ao Duma (parlamento) para o reconhecimento dos direitos civis das mulheres, datado de 3 de maio.

1907- Lançamento do primeiro número do “Liga Feminina” - jornal feminino político-social (mensal).

1908 - I Congresso de Mulheres de Toda a Rússia (10 a 16 de novembro);

1910 - Primeiro congresso de toda a Rússia sobre a prostituição.

1911 - As mulheres ganham o direito de fazer prova para obter o diploma de ensino superior (universitário) completo.

1912 - Acontece o primeiro congresso de toda a Rússia sobre a educação das mulheres.

1912 - Promulgação de Lei sob o seguro (segurança) de mulheres trabalhadoras (23 de julho).

1913 - Pela primeira vez, na Rússia, que celebram o dia internacional de solidariedade feminina (8 de março);

1914 - Lançamento da revista “Trabalhadora” (8 de março)

Voltando ao tema das mulheres, é importante mencionar o fato silenciado na história e levantado pela primeira vez por pesquisadoras estrangeiras, sobre a participação ativa das mulheres contra o regime czarista. Jelnikova (2013) cita a pesquisadora americana Amy Night que afirma que as mulheres eram um quinto de todo o movimento revolucionário. Em um Comitê do Povo do Partido (Partido socialista-revolucionário), de 29 participantes, 10 eram mulheres. As mulheres participavam nos atos de terrorismo, em especial na “segunda onda de terrorismo” (1901-1911). Depois, o partido foi destruído pela ditadura dos bolcheviques, mas, até 1917, tinha força política muito grande. A mesma pesquisadora americana menciona 44 mulheres terroristas atuando em várias organizações de combate desse partido. Jelnikova (2013) aponta que, apesar de ser uma atividade anti-humana, deixava as mulheres russas se realizarem como indivíduos. Evidencia a dedicação das mulheres à sociedade, o auto sacrifício e heroísmo, tanto idealizados pela cultura russa nas mulheres quanto nos homens e, por último, o fato de sentirem-se iguais aos homens: era aprisionas e condenadas à morte.

De acordo com Aivazova (1998), a revolução de 1905 marca o segundo período do movimento feminista na Rússia. Ao nosso ver, tal conclusão se deve a dois

fatores: primeiro, a luta pelo direito ao voto. Começa a clara separação entre feminismo liberal e o surgimento da oposição dos revolucionários e a construção do feminismo marxista, com tais nomes à frente: A. Kollontai, Inessa Armand e Nadezhda Krupskaya (companheira de Lênin).

Aivazova chama o período de “maduro”, fortalecendo a organização e sendo muito ativo até 1917, quando os bolcheviques formam o Estado dos soviets e abafam o movimento. Aivazova (1998) acha que o movimento das mulheres cresce e se fortalece porque aumenta a demanda de trabalho pela revolução industrial e aparece, consequentemente, a classe do proletariado feminino, que começa a aderir às ideias feministas. Começam a surgir várias vertentes do movimento feminista: U união de Igualdade das Mulheres, o Partido Progressista de Mulheres e a conhecida Sociedade Feminina de Filantropia Recíproca. Todos lutam pelos direitos políticos e sociais, igualmente aos movimentos sociais liderados por homens. As representantes desses movimentos, em especial A. Sharapova, da Sociedade Filantrópica, enviam várias cartas ao governo com o pedido para que as mulheres contem como classe que vota, pois representam a metade da população na Rússia, que estava banida de ter direito de voz. A resposta do governo foi de que quando o manifesto foi preparado não foi considerada a questão do voto para as mulheres.

O próximo passo da Sociedade Feminina de Filantropia Recíproca foi notório: as participantes começaram a juntar assinaturas em todo o país para mandar um pedido em nome de todas as mulheres russas. Com representantes em todas as regiões, as mulheres conseguiram 5 mil assinaturas em três meses. O pedido foi entregue aos deputados de Duma. Começou, então, uma grande agitação entre o movimento que deu início a vários partidos e novos encontros políticos. Por exemplo, se formou, em São Petersburgo, um clube do Partido Progressista das Mulheres. Em Moscou, formou-se outro clube político com a presença dos deputados de Duma nos encontros.

Uma atenção especial foi dada às condições das mulheres no campo pela Liga (União) da Igualdade das Mulheres, uma organização mais radical e forte em seus posicionamentos igualitários. A Liga publicava e distribuía edições especiais que chegavam até em cantos mais remotos, em nome dessa luta de igualdade no campo. Teve até uma comissão especial que contactava as ativistas no país todo e analisava as cartas que chegavam para o periódico “União das mulheres”.

Um outro fator importante nessa luta, notado por Aivazova (1998), é que as participantes dos movimentos mostravam como as mulheres são eficientes, ou poderiam ser eficientes em questão de elaborar e promover leis. Como havia especialistas em jurisprudência, elas analisavam os projetos e mostravam brechas, apontando a falta de considerações sobre as mulheres em vários deles.

Jelnikova (2003) diferencia as feministas europeias e russas, elogiando as últimas. A luta sufragista, por exemplo, foi bem recebida pelas feministas social-democratas alemãs, mas foi radical demais para as austríacas, suecas e inglesas. Outra diferença é que as mulheres se juntaram na luta pela igualdade, por isso as feministas se aproximaram das camponesas e trabalhadora, pois acreditavam que todas tinham que mudar na sociedade russa. As feministas igualitárias estavam construindo a luta a partir da união e solidariedade. Já as social-democratas, com a ‘questão da mulher’, não concordavam com a ideia de interesses comuns de todas as mulheres e a política de solidariedade com as classes baixas. As social-democratas criavam, por sua vez, diferenças entre proletarizadas, camponesas e as mulheres de outras classes. Vale destacar que as ‘igualitárias’ eram as feministas mais antigas e as novas, do marxismo, chamavam-se, na época, de social-democratas.

Jelnikova (2003) aponta que essa democratização, para garantir os direitos das mulheres de todas as classes, não tinha teor revolucionário, mas, as ‘igualitárias’ estavam atentas a descobrir os aspectos específicos ‘femininos’ relacionados aos problemas sociais. A resolução de 1908 do Congresso terminou por estabelecer o direito de voto a todas as mulheres, sem diferenças de classe.

Chegamos a outro acontecimento importante desse período na história do desenvolvimento de movimento feminista, que também deu início a algumas questões relacionados ao corpo, ao desejo e à individualidade da mulher (um dos temas principais desse trabalho): o I Congresso de Mulheres de Toda a Rússia, organizado por Kollontai, um acontecimento notório na história da Rússia, devido à aglutinação de ideias, relatórios de vários temas e todos os movimentos politicamente opostos representados nesse congresso. Também vamos analisar mais os enfrentamentos e desentendimentos dessas duas vertentes do feminismo ou movimento feminino específicos da Rússia. Seja do feminismo ‘igualitário’, seja do feminismo marxista, que, como foi mencionado, no início se chamava de Social-Democrata, já que surgiu dos movimentos marxistas posteriormente radicalizados.

O congresso aconteceu em San Petersburgo, entre 10 e 16 de dezembro de 1908. A iniciativa do encontro veio da “Sociedade Feminina de Filantropia Recíproca”, a mesma sociedade que fundou os cursos superiores das mulheres e lutou pelo direito ao voto. O congresso reuniu mais de um mil participantes - delegadas das mais variadas organizações, como já foi mencionado, também reuniu pesquisadoras, jornalistas, ativistas, escritoras etc., representando todos os tipos de feminismos existentes na época.

A principal tarefa do congresso era a fundação de um conselho central para unificar todas as organizações da Rússia, em prol de fazê-las mais eficazes e coordenar melhor as atividades, promovendo a representação do movimento russo feminino em nível internacional. Esse foi o objetivo principal das feministas da primeira onda, apoiado pela Sociedade Feminina de Filantropia Recíproca, porém o novo movimento das mulheres do proletariado era contra, representando a minoria no congresso. Aivazova afirma que

Os interesses gerais do movimento democrático na Rússia se identificavam com os interesses do movimento de mulheres, além disso, as participantes do movimento feminista consideravam as tarefas da formação do movimento democrático geral mais importantes para a vida da Rússia do que as tarefas do movimento de mulheres. Pareceu-lhes que a especificidade da vida russa - as necessidades da luta contra a autocracia e a monarquia - a base do tradicionalismo russo, justificavam sua posição (de luta pela democracia). Nisso as feministas "burguesas" e as "mulheres proletárias" também concordaram (AIAVAZOVA, 1998, p. 34).

Esse fato pode ser visto no relatório/fala da presidente da Liga da Igualdade das Mulheres, S. Tiurbert, no seu ‘a questão da mulher e a ordem política’, quando afirma que a formação e desenvolvimento do movimento das mulheres faz parte do desenvolvimento democrático:

Democracia participativa, que surge onde e quando uma "individualidade livre e diversificada", "personalidade politicamente consciente" ou "pessoa social" aparece, seja homem ou mulher. As condições especiais da realidade russa representam tarefas especiais para o movimento de mulheres domésticas: o subdesenvolvimento das formas de vida democrática requer esforços especiais não tanto para implementar as metas do próprio movimento de mulheres, mas para implementar metas e objetivos democráticos gerais (AIAVAZOVA, 1998, p. 35).

Dessas afirmações, ao nosso ver, surge a polêmica que, nesse caso, deseja ser meio e não fim, pois investe contra bases ideológicas consolidadas para recuperar o movimento da história, sempre correndo o risco (inevitável) de se fixar a si própria enquanto ideologia. Ela é o excesso inscrito nesse movimento de mudança de orientação do objeto, quando encarado sob nova perspectiva. Polêmicas repetidas à exaustão se tornam senso comum entre várias vertentes do feminismo-revolucionário, anarquista, progressista, democrático.

Se o feminismo morre quando deixa de ser rebelde, então estão certos os que afirmam que o gênero já nasceu morto, sendo melhor caracterizado como uma espécie particular de zumbi - o que não deixa de ser anti-sistêmico a seu modo. O feminismo é mais um gênero em movimento constante, num *continuum* que incorpora desde grupos neonazistas até coletivos anarquistas antirracistas, esse feminismo incorpora, morre e se molda nas mãos de bolcheviques.

Como aponta Aivazova (1998), os conceitos e ideias levantadas, às vezes, ultrapassavam o tempo e eram verdadeiramente vanguardas para a época: aquelas que duvidavam dos direitos ‘universais’ e que enxergavam nessas igualdades universais as desigualdades (AIVAZOVA, 1998); aquelas que achavam importante aceitar a subjetividade feminina como superior, gerando as divergências entre as feministas “burguesas” - umas clamavam para continuar e obter a subjetividade feminina em sua plenitude, inclusive -; a apropriação do corpo, a liberdade de relações sexuais através de contracepção e até o aborto. Importante notar que a própria A. Kollontai propagava isso, tentando uma conciliação entre a ideologia marxista e a liberdade feminina. As outras insistiam em renunciar o pecado do corpo, em contenção moral do corpo e a sexualidade só a serviço dos interesses da família, do clã, em sintonia com os pensamentos de Tolstói.

Resumindo, os relatórios foram apresentando as ideias sobre a província russa; a tese sobre a natureza de diferença dos gêneros, que está na raiz de toda vida social, sobre o monopólio masculino e a liberdade da mulher, sobre como a mulher não tem que ser igual a homem, muitas ideias que contribuíram para a noção revolucionária de gênero.

De acordo com a conclusão de Aivazova, até 1917, na véspera da revolução, acontecia um processo de acúmulo de ideias sociais e culturais para a modernização liberal-democrática do país e o movimento das mulheres participou ativamente neste

processo, tanto que o novo governo, após 1917, teve que dar atenção às questões levantadas e até se apropriou das ideias e slogans feministas.

Jelnikova (2003) resume as teorias feministas da época com um olhar mais crítico e detalhado. Para ela, a especificidade do feminismo russo era o precário desenvolvimento teórico. Apesar dos relatórios e teses apresentados no Congresso das Mulheres, de 1908, houve pouco ou nenhum trabalho que definia claramente os objetivos do movimento das mulheres. Primeiramente, por ausência de autoras que analisassem a situação das mulheres pelo prisma de posições sociais não marxistas. Como já foi mencionado, uma das figuras mais citadas entre as feministas russas era N. Tcherishevsky. Existiu uma corrente de revolucionárias-democratas que fazia parte de todo o movimento de mudança sociopolítico e econômica. Temos ainda o feminismo marxista, que se desenvolveu sob as ordens do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), na sua fração de bolcheviques com seus líderes, principalmente Lenin, para os quais, a “questão feminina” era secundária e teria que se resolver “naturalmente” depois da Revolução Socialista. Só algumas mulheres, membros do partido, tentaram dar mais atenção à questão feminina, entre elas Nadezhda Krupskaya, A. Kollontai e Inessa Armand.

A primeira tentativa foi de aplicar o marxismo ortodoxo para analisar a situação das mulheres, com N. Krupskaya. Ela escreveu uma brochura chamada “A Trabalhadora”, em que descreveu as condições insalubres de trabalho das mulheres no campo e na cidade, mas, mesmo assim, afirmando que a empregabilidade das mulheres na produção é progressiva e que a libertação das mulheres só pode acontecer com a participação delas na luta de classes. Graças a esse trabalho e às exigências de igualdade jurídica e política completa dos homens e mulheres, essa cláusula foi anexada ao programa do POSDR. Mesmo assim, Jelnikova (2003) alega que o feminismo marxista não foi devidamente elaborado na Rússia antes da revolução, pois os marxistas, de qualquer maneira, não consideravam a questão de gênero como independente, estavam ocupados em obter o poder. Por isso chegaram à conclusão de que, na Rússia, antes da revolução de 1917, as mulheres e os movimentos feministas explicitamente participavam em luta para a liberdade do poder absoluto, mas a elaboração da teoria feminista estava em atraso com os movimentos em desenvolvimento, em comparação ao pensamento feminista ocidental.

Alguma teoria que existia era a do movimento liberal, já com a chegada dos bolcheviques ao poder e com a ideologia oficial do marxismo na Rússia Soviética: a única vertente do feminismo era o feminismo marxista.

Analisaremos agora as ideias de A. Kollontai e a algumas ideias sobre o trabalho dela, do ponto de vista de Ielnikova e Aivazova. Achamos importante mencionar esse aspecto já que, no mundo todo, ela é vista como uma feminista marxista essencial, tornando-se uma referência.

Ielnikova esboça os principais pontos das teorias e trabalhos de Kollontai. Primeiramente, frisando que Kollontai elaborou trabalhos em que fala sobre o comunismo e uma relação nova entre os homens e mulheres. Essa mudança nas relações romperia com o poder dos homens sobre as mulheres, assim construindo uma nova forma de produção, o comunismo, que também requer uma nova forma de relação entre homens e mulheres, uma moral superior, num processo de educação de verdadeiros homens e mulheres socialistas. Com essa ideia, ela incluiu as esferas “privadas” como a sexualidade, a família, a moral na política e na ideologia do comunismo – um passo importantíssimo do trabalho de Kollontai.

Ielnikova (2003) alega que Kollontai também chegou perto da formulação do conceito de gênero, que não provém da natureza dos sexos. Como marxista, Kollontai fala em mudar o mundo através da revolução, erradicando as fronteiras entre o privado, a privacidade e o público. E a substituição da família patriarcal pela união livre e a nova comunidade de pessoas com direitos iguais. Mais adiante veremos como essa tentativa, com boa finalidade, resultou na invasão da privacidade, no controle da família pelo Estado, como, por exemplo, nos casos extraconjugais e de separação – discutidos nas reuniões locais dos membros comunistas.

Seu romance “Amor das Abelhas trabalhadoras” (1922), é uma narrativa simples no roteiro, mas visionária, nas palavras de Yelnikova, porque acolhe a ideia de mudar a ordem da sociedade, em que o papel fundamental se atribui à mulher - trabalhadora e mãe. No romance, a mulher, livre de instintos da propriedade privada, aceita, com leveza, a ideia do partido sobre o coletivo do trabalho como a família dela. Grávida, sem qualquer preocupação, deixando o marido ir feliz para as esferas do poder e para criar um membro da nova família comunista, ela não precisa de outra família, particular, além do partido e do Estado. Esse é mais um conceito sobre a mulher que mais tarde analisaremos com mais profundidade e veremos os efeitos

desse triângulo mulher-homem-Estado, realizado mais tarde na época de Stalin. O homem, no romance, tem papel secundário, ele duvida da ideologia proposta, querendo uma família particular, deixando a futura mãe (proletária, trabalhadora) para ficar com outra mulher, seguidora de ideias mais tradicionais.

Para Ielnikova (2003), A. Kollontai não elaborou a teoria do patriarcado como sistema de opressão, mas estava a favor de acabar esse tipo de relação, pois conseguiu ver as relações de poder (opressão feminina) através da moral, família e sexualidade, por isso frisou a importância da mudança nessas esferas para a luta comunista. Kollontai, apesar de ser feminista em seu cerne, escolhe a ideologia comunista e, com seus trabalhos, apenas reduz o feminismo à “questão da mulher” como uma das pautas e não uma pauta principal para o comunismo. Assim é o feminismo russo, diz a Ielnikova (2003). Kollontai foi a primeira que notou que o trabalho das feministas liberais poderia influenciar as trabalhadoras e elas penderiam mais para o movimento do proletariado, por isso fez a sugestão de criar o movimento do feminismo do proletariado baseado na ideologia marxista. Vale frisar que outros membros do partido não entenderam o interesse dela no feminismo, acusando-os de um “feminismo burguês”.

A respeito da teoria feminista russa, Ielnikova (2003) distingue três principais problemas ou perguntas e as repostas das feministas marxistas. A primeira diz respeito a qual é o fundamento da hierarquia social de classe ou de gênero, como já falamos, para o marxismo. A desigualdade de gênero não era o principal problema que, segundo esta teoria, de qualquer forma, vem da desigualdade de classes, causada pelo capitalismo e pela propriedade privada. A mudança da situação das mulheres está conectada diretamente com a mudança da situação da classe trabalhadora e da ordem social em geral. A ideia de que a ordem socialista poderia trazer desigualdade estrutural e oprimir os interesses de alguém não aparecia.

A segunda colocação, muito atual para as feministas russas, sobre como conseguir a igualdade entre homens e mulheres, segundo Kollontai, tinha uma clara resposta: a ‘semelhança’.

Essa ‘semelhança’ foi trabalhada de forma tão forte que quase foram esquecidas as funções não ‘masculinas’, como gerar o ser humano, cuidados com ele e o trabalho no lar. Logo as feministas russas notaram isso e colocaram em pauta. Por exemplo, a Liga da Igualdade das Mulheres na região de Moscou estava

elaborando e pesquisando o tema do trabalho feminino no lar. Kollontai começou a trabalhar com esse assunto logo depois da Revolução de 1917. A teoria da ‘semelhança’ entre homem e mulher se tornou realidade na política de “Socialização do trabalho doméstico” (cozinhas, creches e lavanderias públicas etc.), em que Kollontai participou ativamente.

Mais tarde, nesse mesmo capítulo, quando analisaremos a mulher e o trabalho na sociedade soviética, veremos como essa semelhança acontecia com os trabalhos pesados, mas não no nível da política e como depois, nos anos 1990

A terceira colocação das feministas social-democratas (ou seja, da ideologia marxista) a respeito da questão da mulher era a negação da identidade coletiva feminina e a criação das organizações femininas. O separatismo das organizações femininas foi rotulado como burguês, ruim. Oferecia-se, para as mulheres proletarizadas, continuar sua luta pela libertação das mulheres dentro das organizações trabalhistas do partido. Kollontai, novamente, participou ativamente dessa ideologia, lutando fortemente contra a independência das organizações feministas independentes, alegando que, na sociedade fundamentada nas diferenças de classe, não pode ocorrer um movimento unido das mulheres.

Estas são as três colocações do movimento das trabalhadoras. Aceitar que os problemas femininos são do segundo grau e que os interesses das mulheres trabalhadoras, como uma classe social, devem estar submetidos aos interesses maiores do proletariado. A negação do trabalho independente dos movimentos das mulheres e a negação do feminismo em si, que não ajudava o diálogo entre as feministas liberais, igualitárias, como elas se chamavam, e as social-democratas ou marxistas. Essas discussões ocorreram durante o Primeiro Congresso das Mulheres, por exemplo.

Aivazova (1998) acrescenta outras observações sobre as teorias feministas e o trabalho de Kollontai. Ainda assim, sendo uma feroz antifeminista, Kollontai, em sua natureza, era feminista e sempre tentava consolidar as ideias marxistas com as ideias feministas, pois era uma ativista na luta pela efetiva mudança do sistema de relações sociais. Chegou perto do conceito moderno de gênero e afirmava que a privacidade particular e a divisão em classes descartavam o papel da mulher na produção, por isso, acontecia a opressão da mulher. Mesmo assim, Aivazova (1998) pensa que entre o conceito do gênero e as principais ideias da Kollontai existiam divergências e até

contradições, que se mostram na lógica da construção das ideias. Primeiro, para os adeptos do conceito de relações sociais de gênero, o poder patriarcal é o fundamento principal para uma complexa relação de desigualdade formada por vários fatores, em que as relações sociais interagem com as relações de raça, gênero, nacionalidade etc. Ao nosso ver ela formulou o que hoje em dia no feminismo chamamos de interseccionalidade.

Para Kollontai(1923), porém, o poder patriarcal é um resultado de alienação da mulher do trabalho da produção coletiva, por isso, com a volta da mulher para a produção, acontecerá a eliminação da base de divisão social de trabalho pelo gênero. Ela é convicta que o poder é unido, central, determinado por relações de classe e a questão de mulher está dentro desses pensamentos. Ela tenta sempre conciliar seu feminismo com as ideias contra o capitalismo e a construção da nova sociedade.

Resumindo, até agora vimos os principais conceitos da cultura e do feminismo russo, fizemos um panorama de como começou o movimento feminista e quantos avanços foram alcançados e chegamos ao período difícil das ideologias e a divisão entre os movimentos. Mostramos as divergências e as principais colocações do movimento das mulheres, como ele se transformou no tempo de formação da nova ideologia dos Sovietes.

Continuaremos a refletir sobre as transformações do feminismo sobre o prisma da ideologia soviética e, como vimos, sob a chefia de Kollontai e Krupskaya, no período inicial. Entendemos um pouco sobre o feminismo da época - as feministas igualitárias, as feministas de diferença (ou burguesas, de acordo com Kollontai), a influência de Zimmel, de Tolstói, Tchernishevsky, do feminismo de Jonh Mill, do marxismo. Uma verdadeira *sopa* de pensamentos e ideias, um tempo de busca, incongruências sobre o dever para a sociedade de tradição milenar, junto com o dever para a sociedade de gerar um novo pensamento: a subjetividade e a libertação da mulher. As mulheres não só da primeira onda, mas a própria Kollontai, como vimos acima, buscavam equilibrar-se entre a sociedade e o indivíduo, a subjetividade feminina. Lembrando que isso aconteceu porque, nesse período, a Rússia estava em um processo de reformulação do pensamento e na geração da nova sociedade.

Vimos a formação da diferença dos movimentos e a vitória das feministas marxistas e apresentamos alguns conceitos, elaborados pelas feministas socialistas e como esses conceitos da família, paternidade, foram discutidos.

Na próxima parte veremos como esses pensamentos moldam um conjunto de ideias do feminismo em prisma dos soviéticos, entre outros assuntos, e veremos como o Estado toma o poder e quebra a liberdade, como por exemplo, nos campos de concentração.

1.3.3 Terceiro período: 1917-1939.

Este período compreende os anos de formação e fortalecimento do novo país, a URSS. Em 1917, acontecem as Eleições para Assembleias regionais, as quais, pela primeira vez, tinham candidatas mulheres, representando partidos políticos; em 23 de fevereiro ocorreram protestos femininos em massa (90 mil de mulheres). Foi o começo da revolução de fevereiro; Fundação de Liga Feminina da toda a Rússia - 15 de março; o governo Provisório decreta direitos políticos (sufrágio) para as mulheres; outubro - decreto de 8 horas de jornada de trabalho pelo conselho de comissários do Povo; novembro - promulgação do decreto sobre a “licença (auxílio) paga de gravidez e parto”; dezembro - promulgação do decreto sobre o “casamento civil”; dezembro - decreto sobre “remuneração igual sobre trabalho igual”

Em 1917 acontece a revolução e os bolcheviques tomam o poder definitivo. Já muito antes, as mulheres trabalhadoras e operárias faziam greves protestando contra as condições insalubres nas fábricas, jornada de trabalho longa, baixa remuneração. Lembramos que, logo depois, começou a Primeira Guerra Mundial, junto com constantes protestos contra o regime czarista, conflitos entre vertentes dos movimentos social-democratas e dos bolcheviques e mencheviques e a industrialização, o empobrecimento do povo no campo. As mulheres operárias das fábricas, trabalhadoras gerais, faziam greves pedindo o fim da guerra, pedindo para o Tzar prestar mais atenção na vida do povo, pedindo para devolver os homens às casas pois, com os homens na guerra, a mulher era quem tinha que arcar com as despesas econômicas, ganhar o pão e ainda cuidar dos filhos. O papel das mulheres, nesse movimento, era de suma importância, essas greves induziram à grande revolução de fevereiro de 1917 -um fato depois esquecido, desaparecendo dos relatos sobre a revolução por um tempo na história, dando mais foco aos trabalhadores e ao partido político. Eram as mulheres que convenciam muitos soldados a irem contra o czar, convenceram os trabalhadores a se revoltarem.

Logo depois, as mulheres também estavam ausentes dos órgãos de poder: “poucas eram representantes nos conselhos das aldeias, delegadas na Assembleia Constituinte. As eleições para os comitês de fábricas eram dominadas por homens que eram eleitos delegados até em indústrias onde as mulheres trabalhadoras eram maioria.” (TRUDELL, 2017)⁷

Mesmo assim, os bolcheviques foram os primeiros que construíram e formularam uma nova ordem social e, junto com isso, mudaram completamente os direitos da mulher. Com os decretos de 1917 o Estado deu todo o leque dos direitos civis, igualando os direitos de ambos os sexos. Para o governo, isso era o suficiente, mas, graças aos esforços de A. Kollontai, I. Armand e H. Krupskaya, a luta continuou e levou a mais uma revolução do cotidiano das pessoas: elas acabaram com ideia da família como assunto privado, colocando a família como problema social. Esse aspecto também causou a desigualdade e a opressão da mulher, os efeitos colaterais dessa pequena revolução. Segundo Megan Trudell:

O casamento foi substituído pelo registro civil e o divórcio tornou-se disponível a pedido de qualquer uma das partes. Essas medidas foram elaboradas um ano mais tarde no Código da Família, que tornou as mulheres iguais perante a lei. O controle religioso foi abolido, removendo de um só golpe séculos de opressão institucionalizada; o divórcio poderia ser obtido por qualquer uma das partes sem necessidade de qualquer razão; as mulheres tinham o direito ao seu próprio dinheiro e nenhum dos parceiros tinha direitos sobre os bens do outro. O conceito de ilegitimidade foi erradicado – se uma mulher não sabia quem era o pai, todos os seus parceiros sexuais anteriores recebiam a responsabilidade coletiva pela criança. Em 1920 a Rússia tornou-se o primeiro país a legalizar o aborto, mediante solicitação. Mas a Revolução Russa não aboliu a dominação masculina, nem libertou as mulheres – as privações catastróficas da Guerra Civil e as subsequentes distorções

⁷“As mulheres de 1917. As mulheres não foram apenas a “centelha” da Revolução Russa, mas a força motriz que a impulsionou”. Por Megan Trudell. <https://www.marxists.org/history/ussr/events/revolution/100th/portuguese/trudell-br.html>. Acesso dia 10 de setembro de 2021.

do governo soviético tornaram isso uma impossibilidade. As desigualdades permaneciam. Poucas mulheres ocuparam posições de autoridade, poucas eram eleitas para órgãos administrativos e as ideias sexistas não podiam simplesmente desaparecer. (TRUDELL, 2017)

As mulheres se tornaram mais uma força trabalhadora. Falando de força braçal para construir a nova ordem, não podemos continuar sem falar sobre as repressões que começavam nessa época, contra todos os que iam contra o novo regime. Os campos serviam não só para castigar todos os membros da família que iam contra o novo regime, mas, também, o que é mais importante, garantiram uma força muito barata para expandir e desenvolver os territórios da União Soviética. A maioria dos campos do trabalho eram construídos bem longe da civilização. Se as pessoas eram mandadas para a Sibéria, quem sobrevivia construía novas aldeias, novas fábricas e indústrias, assim alimentando e trazendo produtos para as pessoas que moravam na cidade. O papel dos campos de concentração, onde o trabalho das mulheres era usado tanto quanto dos homens no desenvolvimento econômico, já é um fato conhecido. Além disso, as mulheres não trabalhavam na mata ou nas minas ao lado do homem, eram também usadas sexualmente pelo pessoal administrativo para seus prazeres sexuais e ainda eram ameaçadas de serem colocadas para os trabalhos mais pesados. Caso recusassem elas eram estupradas. Assim, surgem os campos do trabalho, de concentração.

Os campos eram criados por ordem de Lênin no começo da revolução. No decreto de maio e abril de 1919 constava que todos os detidos (inimigos dos Bolcheviques) deveriam ser direcionados para trabalhar nos campos em tempo integral. A população detida era formada por pessoas comuns, camponeses donos de terras maiores, intelectuais, as esposas dos acadêmicos, as esposas de todos não favorecidos pelo governo. Então, já no começo da Revolução, existiam campos em todas as regiões e grandes cidades: 100 campos com a capacidade de aproximadamente 300 pessoas, ou seja, no total já existiam mais de 30 mil detidos.

Mais tarde, o sistema de campos de trabalhos forçados foi se ampliando, até os anos 1930 e 1940 quando já se expandiam para todo o território soviético, dos territórios não habitados até às maiores cidades, de todas as 15 repúblicas da União Soviética.

Com o tempo, a concentração dos maiores campos de trabalho gradativamente acontecia em áreas desertas da Sibéria, por motivos já mencionados anteriormente, pois, exatamente nessas áreas tinham minerais, florestas não exploradas pelo ser humano. Nos pontos onde os minerais foram descobertos, pela força dos detidos, eram construídos os campos, áreas enormes eram desenvolvidas pela força dos detidos nos campos de trabalho. Segundo I. Kurganov (1968) o número exato dos prisioneiros no período de construção comunista não está claro, mas, de acordo com a comissão da ONU, que conclui uma pesquisa no começo dos anos 1950, das pessoas que se encontraram no Oeste europeu durante a Segunda Guerra Mundial e, baseado na documentação das testemunhas, conclui-se que havia cerca de 15 milhões de pessoas nos campos de trabalhos forçados em toda a União Soviética.

Muitas conquistas e exploração dos territórios desertos, muitas construções épicas das quais gabava-se a União Soviética foram, de fato, construídas com trabalho árduo, desumano e forçado de milhões de homens e mulheres que, às vezes, nem entendiam por que estavam presos.

Não há espaço, nesse trabalho, para se debruçar mais detalhadamente sobre esse assunto tão traumático e silenciado na história da União Soviética, só queríamos frisar que há muitos traumas hoje em dia e, ousamos dizer, a aceitação de tudo o que acontece na Rússia hoje decorre daqueles tempos, quando qualquer palavra que a pessoa dizia ou ação feita era vigiada e os informantes infiltrados em todas as áreas levavam as informações para os comissários do Partido Comunista: uma prática que ganhou mais força na época de Stalin e continuou (com menos intensidade) até os anos 1980. Como já foi mencionado, não só aqueles “traidores” da pátria foram levados aos campos, como também suas esposas, irmãos ou irmãs e toda a família. Até os anos 1980 uma pessoa não podia ocupar um cargo muito alto na ciência, na política ou outras instâncias ou até mesmo não tinha direito a estudar certas matérias se tivesse uma história de traição à pátria no dossiê de sua família.

O que podemos concluir é que, como é um fato silenciado, muita gente não aceita, tomemos, como exemplo o filme seriado “Zuleika abre os olhos” (2019), baseado na história real sobre a vida da mulher de ‘kulak’, um fazendeiro bem-sucedido que foi levado para o campo de trabalho sem direito de sair até meados de 1950. Houve muitos protestos falando que queriam sujar a memória do país maravilhoso que existia. Outro filme, Matilda (2017), relata o amor entre a bailarina e

o czar Nikolai Segundo foi visto como imoral e, também, direcionada a sujar a memória do czar. O filme gerou uma polêmica e um conflito muito grandes na sociedade, repercutindo na mídia.

Seguindo os objetivos dessa pesquisa, e destacando os fatos mais importantes de cada período na história em relação à mulher, seu corpo, sua liberdade e a sexualidade, focaremos a nossa atenção na revolução sexual, uma ideia que percorreu no período de 1917 até 1937. Esse fato é bem reverberado nos textos feministas, em geral pela popularidade dos trabalhos de A Kollontaji sobre a moral e a sexualidade dos trabalhadores em vários romances e artigos. Tal fato, também popular por causa das reformas acima mencionadas, como o direito ao aborto, a liberação do casamento religioso, a facilidade para o divórcio, levam a pensar sobre a liberdade sexual na sociedade.

A historiadora I. Savchuk (2017) faz uma análise sobre esse fenômeno da “revolução sexual dos anos 20” na Rússia. De acordo com ela, se tomamos como modelo a revolução sexual que aconteceu na Europa e nos EUA nos anos 1960, temos uma sociedade pós-industrial, a iniciativa das mulheres e o caráter de massa, a inclusão de grande quantidade da população nesse movimento. Na Rússia dos anos 1920, a maioria da população era agrária e vivia de acordo com as instruções patriarcais, não estava pronta para receber novas ideias sobre as relações intersexuais. Outros aspectos da revolução sexual, apontados por Savchuk (2017), são a autonomia da mulher nos direitos sexuais, a erradicação dos ‘standards duplos’ em moral sexual, a separação da sexualidade da função da reprodução, a tolerância nas relações antes de casamento, o reconhecimento do direito da mulher de receber o prazer sexual. Nenhum desses aspectos, ou a maioria deles, eram característicos para a época. Ao contrário da maioria das ideias e pensamentos, Savchuk alega que a tão citada A. Kollonati era contra a poligamia e as relações sexuais promíscuas porque poderiam prejudicar a procriação dos homens e mulheres e a reprodução da nova e sadia geração do coletivo trabalhador. Kollontai menciona o lado emocional das relações entre os sexos, mas, também, cogitava ideais biológicos para a conveniência das relações íntimas, ideias depois desenvolvidas por A. Zalkind (1924) ainda que os pontos de vista dessas duas pesquisadoras sempre foram percebidos como opostos. A. Zalkind considerava que as relações entre os sexos têm que ser reguladas pelo governo, são interesses do Estado, da saúde coletiva. Essas ideias

estão presentes nos “Doze mandamentos sexuais do proletariado revolucionário” (1924), que viraram ‘bíblia’ para o entendimento da sexualidade à época.

A principal ideia de Zalkind era de que as relações sexuais eram aceitáveis se serviam para aumentar a sensação do coletivismo, a organização da classe, para aumentar as atividades criativas. As relações íntimas teriam que ser totalmente subordinadas às necessidades reprodutivas da geração saudável, e existirem só para a formação de relações corretas da classe. Qualquer exagero teria que ser reprimido, pois tiraria a energia do proletariado. Esse tipo de pensamento era muito mais evidente e aceitável para a sociedade e o partido que as ideias de Kollontai com suas complexas reações emocionais e traços de liberdade sexual com necessidades biológicas da classe. Um caleidoscópio de ideias, difícil de analisar e criticadas pelo partido. Outro assunto importante desse período foi o aborto e a contracepção.

Em 1920 o comissariado do povo legaliza a Lei de Aborto, foi o primeiro país no mundo a legalizar o aborto. A declaração admite que a criminalização da mulher, e do médico que fez o aborto, induz a mulher a procurar ajuda de não- profissionais, o que prejudica gravemente a saúde da mulher. De acordo com o projeto de lei, era admitida a interrupção da gravidez sem custo nenhum nos hospitais, era proibido fazer aborto por alguém que não fosse médico ou parteira. O número de abortos nos hospitais cresceu tanto que começaram a falar de “caráter epidêmico” dos abortos (SAVCHUK, 1994).

Nessa época, também começaram os estudos sobre a produção de métodos contraceptivos. As pesquisas sobre métodos químicos e mecânicos foram feitas, como também os métodos de esterilização temporária biológica (injeção da emulsão debaixo da pele da mulher), irradiação com raio x dos órgãos reprodutivos (que se considerava perigoso, já que a mulher poderia perder a capacidade reprodutiva), métodos intravaginais (colocando substâncias químicas e mecânicas dentro do útero). Os métodos mais considerados eram preservativos masculinos e femininos e químicos (substâncias intravaginais) e o coito interrompido.

Como podemos notar, entre tantos métodos pesquisados, quase todos eram prejudiciais à saúde da mulher e quase, se não todos, invadiam o corpo da mulher e não o do homem. Como o sexo era um tabu, depois era visto como uma coisa banal e trivial, especialmente pelos homens trabalhadores, ninguém se preocupava muito

com o uso dos contraceptivos. O aborto continuava sendo um método mais acessível e comum para a interrupção da gravidez.

Com tudo isso, o governo começou a ter um olhar diferente para os abortos. Primeiro porque, pela ideia dos bolcheviques, a mulher não tinha que limitar seu instinto maternal e deveria ter tantos filhos quantas vezes engravidasse. Segundo a necessidade demográfica, a necessidade de crescimento da população, especialmente na véspera da Segunda Guerra Mundial, transformaria a URSS num novo país do futuro. Por isso, 16 anos depois da legalização de aborto, em 1936, foi lançada outra lei de proibição de abortos, o aumento de ajuda material para as gestantes, o aumento das creches, maternidades e o reforço da responsabilidade criminosa no caso de não pagamento da pensão alimentícia.

Assim, vemos que a sexualidade, no final das contas, não foi separada da função de reprodução e, segundo Savchuk (2017), o pensamento de que o coito é para procriação ficou enraizado na sociedade por muito tempo.

Esse fato também acabou com as práticas e noções de amor livre e família livre, que foram reforçados em 1944, logo depois da Segunda Guerra, quando a estabilidade social era tão necessária para o Estado, que promulga uma nova lei que diz que só no casamento oficial que os cônjuges têm direitos e responsabilidades. Mais um sinal de que o Estado tomou a família sob a sua guarda total e tirou mais ainda a autonomia e a independência.

Ainda sobre a sexualidade, vale frisar que o partido e Lenin também não estavam muito contentes com tanta discussão sobre casamentos, relações e gênero. Consideravam como um respeito velado às ideias e estilo de vida burgueses. Lênin estava preocupado com os jovens que prestavam demasiada atenção às questões de moral sexual, com a psique daqueles que deveriam pensar mais em revolução e construção do novo mundo, ao invés de prestarem tanta atenção às questões menos importantes, assim, gastando a energia tão necessária para produção. Para Lênin as relações perfeitas eram as de monogamia; as relações entre homem e mulher não são da privacidade deles, mas do interesse do coletivo porque, nesse amor, nasce o terceiro - o novo cidadão do Estado. Assim, a reação entra para a responsabilidade social, por isso também é importante escolher o parceiro certo, pensando na responsabilidade perante o coletivo que deveria ser a base da percepção sexual. Como nota Savchuk (2017), outra peculiaridade era a ausência de conversas sobre o

sexo, as conversas eram sobre as relações entre os sexos. Nesses tempos, nos anos 1920, formaram-se duas vertentes sobre essas relações - a de Zalkind e a de Kollontai. Lembramos que a maioria, com cultura patriarcal e tradicional aceitava e entendia os pensamentos de Zalkind, achando vergonhoso falar sobre sexo.

Outro fator alarmante nessa situação da busca pela sexualidade foi o aumento de estupros, de relações sexuais promíscuas e, como resultado, o crescimento das crianças abandonadas.

Quando em 1917 foi proclamada a lei sobre a liberdade do casamento e o divórcio, como observa A. Savchuk, a mulher passou a ser vista não como a camarada, o que tanto queriam os bolcheviques, mas como um objeto sexual. A facilidade do divórcio levou à percepção do casamento pelos homens como algo que não precisava de nenhum esforço moral: “se não gostar, posso separar”. Por outro lado, para a mulher, o casamento ainda continuava como um acontecimento muito importante que trazia certas responsabilidade e direitos.

A lei de pensão alimentícia também não favoreceu as relações entre os sexos, os homens viam a relação com uma mulher como uma ameaça para a sua liberdade, então tinham que entrar em uma relação que não teria gravidez como consequência e não precisassem pagar a pensão alimentícia. Por isso, segundo Savchuk (1994), aumentaram muitos os casos de prostituição e os muitos casos de estupros. Nos anos 1920 na Rússia Soviética ocorreu o aumento de estupros, inclusive, estupros coletivos, que não eram características dos tempos anteriores à Revolução. Na cidade de Moscou, em 1926, foram relatados 547 casos de estupro. Entre os estupradores, a maioria eram jovens trabalhadores de 17 até 22 anos.

Com a chegada dos soviets, a prostituição legalizada acabou, foram criados dois comitês diferentes para combater o problema. Um método policial, com a tentativa de resolver a infecção da população com doenças sexualmente transmissíveis. O comitê tentava resolver o problema da prostituição trabalhando diretamente com as mulheres prostitutas, colocando-as nas instituições para reeducação, onde elas trabalhavam e não podiam sair. Considerava-se a prostituição como anomalia psíquica, uma doença que tinha que ser curada e como vestígios do pensamento burguês, do estilo de vida burguês relacionado ao capital e ao patrimônio privado, em que nascia esse tipo de comportamento. A prostituição era proclamada

um vestígio do passado, que tinha que ser erradicado, e não existir em uma nova ordem social.

Mesmo com essas instituições, as prostitutas voltavam para a sua profissão. No começo dos tempos dos Sovietes, nas épocas economicamente difíceis, a prostituição foi para o underground e continuou como uma estratégia de sobrevivência feminina. Em 1919, de acordo com os relatórios a prostituição não só não diminuiu, como cresceu ilegalmente. Após a saída das instituições de reeducação elas eram mandadas para fábricas e outras indústrias, onde, quando chegavam, eram muito maltratadas. Depois de gastar milhões de rublos na reunião dos Comitês do Povo, em 1926, decidiram mandar as prostitutas para os campos de trabalho forçado, primeiramente dentro da cidade e, depois, para longe. O assunto foi encerrado, os órgãos que desenvolviam o trabalho de pesquisa fechados e o acontecimento da prostituição erradicado do vocabulário e proclamado inexistente.

Resumindo esse período, como observa Mitina (2007), a mulher é colocada no foco das atividades centradas no coletivo, em prol do Estado, tirando o foco das experiências pessoais. A mulher poderia ser um soldado da revolução, construindo o comunismo e criando novas formas de gestão e educação como parte da libertação e como necessária para o socialismo. A mulher ativa socialmente, ideologicamente educada e servindo para os interesses da sociedade. Mas, como nota Mitina (2007), tendo em conta que os homens estavam nos aparelhos do poder, criando novas leis, as tão faladas novas relações entre sexos, continuavam androcêntricas e a mulher controlada dentro das normas culturais estabelecidas.

Nos anos 1920 e 30 a propaganda comunista declarou a questão feminina resolvida. E, por muitos anos, fixa-se um modelo ideal para a mulher como mãe-trabalhadora.

Resumindo, em 1917, com a participação de Kollontai, foram promulgados decretos sobre o casamento civil, sobre o divórcio, sobre direitos das crianças nascidas ilegítimas. Os decretos resolveram os problemas dos direitos iguais dos cônjuges e do reconhecimento de todas as crianças como legítimas, além do direito ao aborto. Porém, os postulados contraditórios geraram dissonância com a realidade da mulher, como vimos no caso de aborto, do uso de contraceptivos, no caso dos campos de trabalho e a prostituição. As ideias de apropriação do corpo da mulher pela mulher e a igualdade da moral sexual para ambos os sexos não aconteceu. São esses

fatores da opressão sexual e moral que analisaremos com mais detalhes no próximo capítulo, a partir da crítica feminista e da literatura.

Nessa parte da pesquisa, salientamos o efeito de terror, do medo, intrínsecos na população até hoje por causa dos campos do trabalho. Vimos, também que Kollontai chegou bem perto do conceito do gênero, dizendo que as razões de opressão da mulher não existem em função da natureza da mulher, mas por divisão do trabalho por sexos.

O Estado proclamou que o problema da igualdade entre os sexos e a criação da nova forma da família foram resolvidos. Porém, num país de patriarcado fundamental, essas leis da igualdade eram ficção. Na constituição de 1918, a igualdade era de classe. Em 1936 a igualdade era de acordo com a ideologiasocialista: o Estado toma conta da mulher, pelo sistema de benefícios e, assim, o homem deixava de ter o papel principal na família, porém o papel principal entregava-se ao Estado, ao líder, como garantia de todos os benefícios. Como já foi mencionado, essa ausência da responsabilidade do homem de cria, posteriormente, a ausência dopai na família, com a maioria das mães criando os filhos. O Estado passou a controlara esfera íntima da vida das pessoas, passando a família do privado para a célula, a unidade da sociedade. O sexo masculino perdeu seu papel na família soviética, todo foco passou a ser na mulher-mãe e na mulher-trabalhadora, e não como uma mulher em si; o homem só como trabalhador, criador do comunismo, mas ausente no seu papel como pai.

1.3.4 O quarto período: 1939-1953

Este período compreendeu o totalitarismo e o terror de Stalin, proibição do aborto, o total controle do indivíduo pelo Estado; a negação de sexualidade, do corpo, do desejo; a deturpação de conceitos de Marx e os grandes expurgos ou purgas de Stalin (a ampliação de campos de trabalho forçado).

Depois da morte de Lênin e com a chegada ao poder de Stalin muitos decretos foram abolidos ou suspensos. Os abortos foram proibidos de novo, muitos comitês das mulheres foram fechados, as regras para dissolução de casamento reforçadas e a volta da ilegitimidade dos filhos nascidos fora de casamento.

A “despersonalização do indivíduo” é um conceito recorrente nos estudos sobre regimes comunistas que na Rússia, de acordo com Mitina, começaram a acontecer a partir da década de 1930. Mitina (2007) aponta em especial o processo de eliminação da identidade de gênero da época. Ela cita uma pesquisadora do *agit prop* da época, T. Dashkova, que define a imagem da mulher como “retratos multicabeça” e “mulher/máquina”, uma reprodução do corpo despersonificado e coletivo, em que o Estado priva a pessoa de direito de ter seu próprio corpo, sua identidade. Esse processo continuou até os tempos de Perestroika, em 1985. E, Mitina (2007) alega que com as ideias da melhoria da humanidade, presentes em todas as utopias socialistas, cresce a possibilidade da eugenia, criticada pelos soviets como tributo exclusivo do fascismo. Os princípios da eugenia existiam, sim, na teoria marxista nos Estados soviéticos. A ideia de generalização da mulher, existente na ideologia dos bolcheviques, poderia criar uma nova raça do proletariado, educada com ideias de socialismo genético.

Ao nosso ver, as purgas do Stalin, o exílio de milhões e milhões, são exemplos da eugenia: a limpeza genética de todos que estejam contra o regime, as consequências psíquicas do medo, de não poder falar mal do Estado, permanecem ‘nas veias’ das pessoas até hoje, como já foi falado antes. Há uma doutrinação pelo medo e pela total obediência ao Estado e ao poder do pensamento do coletivo.

A questão da liberdade de amor, da família livre, noções mais ou menos alcançadas na época anterior, foram também banidas com a lei de 1936, de proibição de aborto, e a de 1944, sobre o casamento e os direitos das crianças. Essa segunda lei é crucial, também, porque marca um golpe, uma mudança drástica nas políticas do estado acerca das relações sociais entre sexos, acerca da família e do casamento e marca mais um passo para a opressão da mulher. Mesmo revigorando os castigos para aqueles que não pagavam a pensão alimentícia, essa nova lei marca vigorosamente a desigualdade. As crianças que nascessem de relacionamentos fora do casamento não tinham o nome do pai biológico na sua certidão de nascimento. Todo o peso sob os cuidados era da mulher, nenhum benefício ou ajuda era concedido pelo governo. As crianças nascidas nas uniões estáveis também eram consideradas ilegítimas, assim como a união em si.

E, mais ainda, começa a pressão psicológica e a já mencionada intervenção do coletivo na vida privada das pessoas, muito bem relatada nos filmes, na literatura e

ainda hoje contada por aqueles que viviam na época dos soviets. Essa moral continuou até muito mais tarde – os divórcios, por exemplo, eram sinal de “instabilidade moral” da pessoa e resultavam em uma série de procedimentos como penalidades administrativas, perda de cargos altos no trabalho e esclarecimentos diante do partido, feitos em reuniões sobre o caso. Um fator bem intimidatório para o casal que, em alguns casos, levava até a exclusão temporária ou permanente do partido e a condenação do coletivo. Esses processos, alega Aivazova (1998, p. 46), levaram à ‘institucionalização da família soviética e, o que é mais importante, estabeleceram, por fim, um novo status para a mulher”.

Em troca de reconhecimento da liberdade da mulher e a igualdade dela, o estado daqui adiante esperava dela o comprimento dos papéis não só de trabalhadora e mãe, mas como a principal educadora dos seus filhos, a guardadora da família soviética, da esposa fiel, levando o peso da responsabilidade sobre os cuidados do lar (AIVAZOVA, 1998, p. 47)

Assim, sem a real revolução do cotidiano que seria feita depois das coisas mais importantes, como a industrialização do país, a coletivização forçada da agricultura (os kolhozs), o reerguimento depois da segunda Guerra Mundial, as reformas dos anos 1960, o Estado terminou por legalizar as jornadas dupla e tripla da mulher, compensando com benefícios como a licença-maternidade e os auxílios para as crianças.

As disjunções entre formas de opressão e propaganda social continuavam, as propagandas que viraram crenças reverberadas pelo próprio povo. A mulher continuou submetida ao arbítrio do Estado, e, na família, continuou a desempenhar funções complexas, inclusive de mantenedora dos bens materiais, já que os salários de um membro da família eram precários e sempre necessitavam dos dois para sustentar a família.

Esses fatores, junto com as repressões ferozes e a Segunda Guerra Mundial, quando o principal papel na família estava apenas aos cuidados da mulher, que sustentava a família, cuidava das crianças, com o pai ausente, como e, também, trabalha nas fábricas da produção de armas e outras necessidades da guerra, resultaram na atribuição à mulher do papel principal na reconstrução da economia, da indústria e da vida no estado pós-guerra.

Esses são os principais fatos e efeitos sobre a vida da mulher nesse período hostil, fisicamente e psicologicamente exaustivo para as mulheres na URSS.

1.3.5 Quinto período: 1953-1985

Este período compreende os anos pós-Stalin, de Khrushchov até Gorbatchov. Só com a morte de Stalin, em 1953, a situação da mulher é reconsiderada; as repressões acabam ou suavizam, o direito ao aborto é reconstituído em 1955, alguns sobreviventes dos campos voltam para casa e têm acesso aos estudos. Em 1965, foi aliviado o processo do divórcio.

A nova constituição de 1977 afirma, mais uma vez, a igualdade de oportunidades, independente do sexo. Continua a ideologia da mãe, com a tripla jornada da mulher. Natalya Baranskaya, no seu livro-diário, relata a vida complexa e as tarefas impossíveis de mulher-mãe-cientista-esposa nos anos 1960. “Uma semana como qualquer outra” (1973) começou a ser publicado em um jornal literário da época e logo foi proibido, pois não compactuava com a ideologia da mulher livre e feliz, auxiliada pelo Estado, como o próprio Estado propagava. Esse é, ao nosso ver, o primeiro relato de uma mulher consciente das tarefas impossíveis impostas pela sociedade e pelo governo, o primeiro raio de luz de feminismo alguns anos depois desenvolvido na URSS.

A nova constituição proclamava que as mulheres tinham os mesmos direitos que os homens, aspecto que foi criticado, porque o homem foi escolhido como um exemplo e as mulheres submetidas a esse exemplo. Outra crítica sobre o novo projeto, como conta Aivazova (1998), trata da ajuda para a maternidade e a infância, pois na relação em família a mulher e o homem teriam os mesmos direitos pessoais e de propriedade. Os críticos propunham adicionar a esse texto o trecho sobre responsabilidades iguais dos cônjuges, mas isso não foi feito. É notório que havia discussões sobre a divisão do trabalho na família nesse período, lembrando também que quem discutia as leis eram os políticos.

Esses fatos são prerrogativas de mudanças da época, certamente. Como exemplo mudança no pensamento soviético, podemos citar o filme “Moscou não acredita em lágrimas” (1980) que, dentre outros assuntos, apresenta a emancipação

da mulher, mostra um casal em que o homem é o responsável pelas tarefas domésticas.

Podemos concluir então, que, mesmo a constituição, promulgada junto com a robusta política do Estado, não alcança as mudanças que já estavam no ar. Esse filme e outras obras artísticas efetivamente vem refletindo sobre novas influências, tendências para quebrar a ideologia oficial (bem firmes ainda nas mentes da maioria) que construiu o conceito da mulher soviética, mulher-mãe-trabalhadora e, por outro lado, quebrar o conceito de homem, sempre visto como um membro da família íntegro, pai, responsável pelos deveres na família no mesmo nível que a mulher, arcando com os cuidados e a educação dos filhos.

Outra prova das novas influências e mudanças na sociedade baseia-se no renascimento do movimento feminista. Influenciadas pelo feminismo ocidental - o mundo era fechado, mas sempre chegava, às escondidas, informações sobre como viviam, que música escutavam -, as mulheres começam a promover movimentos de direitos igualitários, formando grupos e lançando panfletos, revistas, periódicos, através das editoras ilegais. A famosa literatura e movimento samizdatou⁸, obras lançadas em casa, por conta própria, editoras autônomas, uma literatura que não passou pela censura do governo ou que foi publicada sem nenhum consenso do Estado, toda diagramada à mão, em apartamentos, fora das editoras industrializadas e institucionalizadas. Não é o propósito de nosso trabalho mostrar todo o sistema de vigilância da sociedade (que começou, como já mostramos, com exílios nos campos de concentração, forte invasão nos assuntos da família et), mas existia uma forte censura na arte, na literatura. Qualquer tipo de pensamento que não colaboraria com a ideologia soviética era banido. O movimento de “samizdat”, porém, fugia dessa aprovação, por isso era considerado um movimento underground.

Desse movimento, surgiram muitos nomes, agora conhecidos, de escritoras e pesquisadoras tais como Iulia Voznesenskaia, Tatiana Mamontova, Tatiana Hodorovich, que se exilaram na Europa ou Estados Unidos, depois de quase todas as revistas serem apreendidas pela KGB. São Petersburgo, em especial, que é

⁸ Em russo significa “editado por si só” e indica um fenômeno único que aconteceu na União Soviética e constituía em distribuição ilegal de todos os tipos de textos (copiadas à mão ou digitadas na máquinas de escrever) que foram censurados pelas autoridades do regime soviético.

considerado o berço do movimento alternativo, tanto na literatura quanto na música, desconhecia essas mulheres. Muitas autoras e autores exilados eram conhecidos e estudados apenas fora do país. Muito mais tarde, depois da derrocada da União Soviética, descobriu-se um amplo leque de artistas, cientistas, morando e trabalhando fora do país.

As revistas desse movimento alternativo eram *Relógio*, 37, *Mulheres* e a *Rússia* e, em especial, a revista mais feminista, “*Maria*”. Acerca das buscas feministas pelo novo, é interessante destacar que se escrevia não só sobre a vida cotidiana da mulher, mas, também, sobre o novo modelo de pensar, um novo fundamento teórico-religioso. Aivazova (1998) destaca um fato importante: a religião. Desde o começo do poder dos bolcheviques, a religião era proibida, perseguida, as igrejas, na maioria, fechadas, usadas para outros fins ou destruídas. Então, começou a idealização da religião cristã pelas feministas, que procuraram achar um ideal da mulher no cristianismo, por isso o nome da revista era *Maria*, o nome da mãe de Jesus. Assim, paradoxalmente, querendo se libertar da ideologia patriarcal, do marxismo patriarcal, voltavam para o arquétipo patriarcal religioso - a mulher pura, que se auto sacrifica em prol a família, mulher fiel e sem desejos.

Por outro lado, a revista publica dados sobre o cotidiano da mulher, quebrando a propaganda oficial da mulher soviética feliz, realizada e cuidada pelo estado. Elas publicam pesquisas sobre a situação em orfanatos, sobre a prostituição feminina, alcoolismo, drogas, sobre abortos e a situação das mulheres nas maternidades, incestos e estupros. Esse tipo de atividade não foi bem recebido pelo governo, logo após a revista foi e as mulheres, para não serem presas, deixaram o país.

Outro mito era sobre o trabalho e a remuneração. De acordo com a lei, ambos sexos eram iguais perante os direitos trabalhistas. Na educação, a União Soviética é notória pelo número de mulheres altamente qualificadas e com ensino superior desde anos 1960. O número de mulheres qualificadas como engenheiras, médicas, agrônomas e professoras sobrepassava o número dos homens com a mesma qualificação, em média, era de 59 por cento. Porém, tinha uma discrepância no mercado e na remuneração - as mulheres, em sua maioria, trabalhavam nas vendas, saúde, educação, indústria de alimentação, locais onde os salários sempre eram menores que nas áreas de indústria, transporte e construção. Nessas últimas áreas as mulheres estavam em posições mais baixas, nunca na administração ou

gerenciamento. Em outras palavras, existia uma segregação na área profissional baseada no gênero. Tais fatos eram atribuídos à difícil conciliação do papel da mulher-trabalhadora com a mulher-mãe, pois a mulher ainda era a principal responsável pelo lar e os cuidados com os filhos. Como consequência, as mulheres que deixavam de trabalhar durante a gravidez e primeiros anos da vida da criança voltavam ao mercado de trabalho com o mesmo nível de qualificação, mas sem poder ocupar os altos cargos: os salários eram mais baixos e, naturalmente, ela continuava com as tarefas de casa. O tempo de trabalho da mulher torna-se mais “barato”, como bem observa Aivazova (1998).

Concluindo, a dupla ou tripla jornada ainda continua a ser desempenhada exclusivamente pelas mulheres. E se contar com o fato que o estado vivia em contínuo déficit de produtos básicos, como carne e produtos derivados, roupas etc., as mulheres tinham que enfrentar filas para conseguir mantimentos, para conseguir vestir as crianças. Como consequência do contínuo estado da pobreza e salários baixos na URSS, apesar do benefício-maternidade e do auxílio para as crianças, era que a mulher voltava a trabalhar muito cedo para dar um sustento melhor à família.

Esse são fatos que contrariam a propaganda oficial, poucas tiveram acesso aos novos pensamentos ou tempo para repensar sobre a sua situação, mesmo sabendo o que poderiam elas fazer para reverter e se rebelarem contra o Estado patriarcal, que propagava slogans como “guardar a família”, “cuidar do homem”. O “destino da mulher” estava bem vivo e são memórias da autora dessa dissertação. As contradições, dentro do princípio da liberdade e igualdade entre os gêneros, não eram levantadas.

Nesse período vimos que as mulheres, bem instruídas profissionalmente e academicamente, começaram a ter consciência sobre seu status e situação, os valores impostos pelo Estado que incompatíveis com a realidade. As influências estrangeiras deram o início aos movimentos feministas, mesmo com suas buscas pela espiritualidade voltadas ao patriarcado, mesmo sendo exiladas e proibidas de continuarem esse trabalho começaram a divulgar as situações de múltiplas vulnerabilidades: estupros, violência, tripla jornada. Esse foi o movimento que deu a base para as mudanças como veremos na próxima parte, não aceitas por todas as mulheres, que aconteceram logo depois da derrocada da URSS.

1.3.6 Sexto período: 1985-2013

O novo mundo, a perda de ideologia e do sentido da vida para várias gerações, a pobreza, aumento de organizações criminosas, a esperança e a busca pela nova forma de economia e filosofia, são algumas das sensações desse período.

Com a chegada de Gorbachev ao poder o país, composto de 15 repúblicas e a Rússia, com seu território gigantesco, viveu profundas mudanças rumo ao capitalismo e ao ocidente. Entre os anos 1991 e 1992 uma república atrás da outra se separava da União Soviética. Todo o território soviético, inclusive a Rússia, sofre uma grande queda na economia e, conseqüentemente, em toda a estrutura da vida cotidiana – faltam ônibus, produtos básicos, aumenta o desemprego, tudo ainda mais adverso por ser um território imenso, sob um mesmo sistema ideológico, que perdurou por 70 anos. Após esta derrocada, a sociedade busca outro caminho. Acostumados com a condição paternal e autoritária do Estado, em que não é preciso tomar as decisões e preocupar-se com o salário, já que não existia desemprego, ainda que com os salários baixos, pois a grande parte da economia era sustentada artificialmente, ninguém sabia como se virar no novo mundo do capitalismo pós-soviético. Surgem novas empresas criadas sem leis, sem pagar os salários, já que não existe mais o país as leis também não existiam mais. Os anos 1990 são famosos na história, prolificamente retratados nos filmes e literatura, como o surgimento da classe criminal, da pobreza e da violência extrema até na Rússia e em todo o território pós-soviético.

Com a chegada da economia liberal é a mulher de novo quem sofre mais nessa situação. As legislações sobre os benefícios da maternidade não mudam, mas, proporcionalmente, muda a base mínima financeira necessária para a sobrevivência e os benefícios escassos. No mercado de trabalho, nesse novo mundo capitalista, não há muito espaço para a mulher que tem filhos, cuida de casa, não tem disponibilidade total e tempo para a qualificação contínua. Como resultado, surge “a feminização de pobreza” (AIVAZOVA, 1998), com dois fatores - salário baixo e desemprego. Pelos dados levantados por Aivazova (1998) em 1992 a porcentagem de mulheres desempregadas era de 78 %: esses são dados oficiais, mas nem todas declaram seu status de desemprego.

Outra consequência dessa crise geral do Estado foi a violência contra a mulher. Os acontecimentos antes silenciados e negados agora aconteciam com tal frequência

e tal evidência que não era possível negar. A violência doméstica, estupros, a prostituição forçada, feminicídios e a venda das mulheres para o mercado do sexo começam a ser conhecidos e tomam destaque na mídia. Essa exposição pouco ajudava, pois, muitas mulheres se encontravam em condição financeira difícil, lembrando que o nível de alcoolismo nas famílias, tanto por parte das mães, quanto por parte dos pais, aumentou muito. A economia se concentrou nas grandes cidades, pouco a pouco os pequenos centros foram perdendo as oportunidades do trabalho e aumentaram os anúncios em periódicos sobre o dinheiro fácil e vida fácil “lá fora”. A grande parte dos recrutantes, além dos anúncios oficiais, era formada por amigos, namorados recém aparecidos na vida das mulheres.

Porém, as evidências de um período de muitas esperanças e mudanças, condizentes com a influência democrática e liberal estão presentes. Floresce a nova onda feminista e, como prova disso, temos programas de alta popularidade na TV estadual como “Eu mesma”, em que se discutem as questões como liberdade sexual e as ações das mulheres feministas do ocidente. É neste programa que surgem os grandes nomes do movimento feminista da época, como o de Maria Arbatova, que discute abertamente questões consideradas tabus até então. A produção das mulheres exiladas dos anos 1970 é levantada, surgem nomes de escritoras, inclusive algumas autoras dos contos que serão analisados no capítulo 3.

Na política, uma nova Liga das Mulheres (o mesmo nome de um movimento que existia no começo do século) entra na arena, promovendo suas candidatas aos partidos. A União de Mulheres propõe juntar vários movimentos feministas para fundar uma coalizão independente e representar os interesses das mulheres na política. Estima-se que esse novo partido, com o nome “A mulher da Rússia”, ganhou mais de 8 % de votos nas eleições de 1993. No rumo dos negócios eram poucas mulheres, mas existiam algumas que abriam suas empresas.

Portanto, junto com as mudanças econômicas e as consequências relatadas acima, acontece uma busca de novo sentido, nova filosofia para vida. Por um lado, temos a modernidade, por outro lado, que era a maioria, a volta ao passado que sempre parece melhor e mais romântico que o presente. Do mesmo jeito, como a revista “Maria” estava procurando o ideal da mulher numa tradição proibida pelo regime totalitário, a mídia, os políticos, a sociedade em geral falavam em voltar para as raízes ortodoxas, para as tradições perdidas, para a “Rússia sagrada”, a “mãe

Rússia”. Como os soviéticos acreditavam que a nova ordem iria trazer a felicidade e as mudanças para o bem, a sociedade agora acreditava que com a volta a Deus, da religião, das tradições antigas do povo a nação russa iria reencontrar a sua identidade. A propaganda volta-se para a hierarquia “natural” entre os gêneros, a mulher é sagrada, cuidadora da família, criadora dos filhos, como afirma a já citada Maria Arbatova (1998). As mulheres estavam tão cansadas de trabalhar em serviços pesados e nas triplas jornadas por tantos anos, que aceitaram esse novo papel. Nesse momento surge, também, uma variedade de seitas religiosas.

Paradoxalmente, acontece uma falsa libertação sexual, assimilando a cultura ocidental que chega junto com o capitalismo. A sociedade ganha o acesso aos filmes pornô, toda a cultura onde a mulher é exposta sexualmente, aparentemente livre, linda, sexualmente ativa que, na verdade, era mais de satisfazer os desejos do homem. Junto a esse movimento, cresce a popularidade do status de mulher “caçadora dos ricos”, uma tendência viva até hoje com, pelo menos, três ou quatro programas nos principais canais do Estado e canais privados que abordam o tema com frequência.

Tais fatos, ao nosso ver, dão um sustento para a argumentação de que, em forma geral, as relações de gênero deságuam, ainda mais, nas tradições patriarcais do passado, com um leve toque de modernismo. Relembra um caleidoscópio de vertentes, movimentos e pensamentos que acontecem no início do século, com a chegada dos comunistas no poder, modificando as relações entre os gêneros em alguns aspectos (direito ao aborto, condições de trabalho iguais) e permanência de limitações outras camadas da sua vida.

A enxurrada de influências globais que marcou a era pós-soviética, levando a tendências rumo à globalização, nem sempre foi favorável para a mulher: a “liberdade” tão esperada chegou de forma distorcida na vida das mulheres.

1.3.7 O sétimo período: 2010-dias atuais

Este período compreende a volta para o fundamentalismo e o totalitarismo acompanhando tendências globais. Surgimento de novos canais de divulgação do feminismo abafados pelo governo. Repressões ferozes do governo ao feminismo e ao movimento LGBT.

Analisando as tendências na mídia russa, podemos constatar fortes movimentos alternativos, que acompanham uma explosão feminista (utilizando, aqui, o termo do título do livro de Heloisa Buarque de Hollanda) no mundo. Surgem canais no Youtube e Instagram que propagam a liberdade sexual da mulher, surgem os movimentos *Me too* e *Body positive*. Mas, comparando com os movimentos feministas no Brasil, na militância e na academia, ao nosso ver, a Rússia e a mulher russa estão longe de se libertarem dos preconceitos e estereótipos, tanto no nível pessoal quanto no nível social e estadual. Nos últimos anos, muitas atrizes aparecem nas telas e nas redes sociais com um peso abaixo de qualquer normalidade corporal. E, no nível estadual, apesar do aumento da violência doméstica e da discussão sobre o assunto pela sociedade, em 2017 o presidente da Rússia, Vladimir Putin, vetou a lei da violência doméstica. Agora, a violência doméstica não é mais um crime, não existe uma instituição de defesa de direitos da mulher. Tal fato gerou resistência e repúdio na mídia independente, apareceram documentários sobre a violência doméstica, um enorme número de mulheres começou a falar das suas experiências, inclusive atrizes, médicas, mulheres com grau de educação alta e pertencentes às famílias de status social elevado.

Outro fato alarmante - a perseguição do movimento LGBT, especialmente nas repúblicas da Federação Russa onde prevalece o islamismo, como a Chechênia e o Daguestão. Na primeira, o presidente nega o assassinato de gays, na segunda, as mulheres são vendidas para os casamentos, proibidas de trabalhar e estudar.

Traçamos e identificamos os principais temas da luta feminista durante todo o século, observando as mudanças de leis durante os períodos históricos. Argumentamos que as visões ultrapassadas estão juntas às visões críticas sobre a situação das mulheres. Constatamos pequenos avanços para superar as tradições abusivas, como acontece no Brasil e no mundo, com sucesso maior ou menor. Como podemos observar, algumas vantagens, sonhadas pelas mulheres no Brasil, como direito ao aborto, o auxílio-creche, o benefício maternidade (um ano e meio e não de 6 meses como no Brasil), sem dúvida nenhuma representam avanços na vida cotidiana da mulher, mas com qual intenção? Com qual finalidade? Essas conquistas não a liberaram das triplas jornadas, da responsabilidade de trabalhar fora, de cuidar dos filhos, maridos e lar. Junto com o aborto, vieram traumas não curados, corpos sofridos e pouca libertação sexual. Um mundo de paradoxos e incongruências. No

Brasil, temos a lei Maria da Penha e a criminalização do aborto; na Rússia, nenhuma lei que protege a mulher, a negação jurídica de existência da violência doméstica, embora, perante a lei, os dois sexos são iguais.

Diante do exposto, foi abordado nesse capítulo que apesar das mulheres conquistarem amplos direitos, a exemplo do direito ao aborto, o direito à creche e a própria maternidade, além dos direitos trabalhistas, se faz pertinente pensar como o feminismo é discutido dentro da própria academia. Por isso, concordamos com S. Friedman (1994) e bell hooks (2000) que afirmam sobre a necessidade de continuar firme na expansão da consciência feminista. Trazer tais autores nos convida para o debate iniciado na graduação, por isso iniciaremos o segundo capítulo a partir do diálogo destes com as obras das teorias feministas na literatura russa.

2 UMA BUSCA DA CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA RUSSA E MAPEAMENTO DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA PÓS-SOVIÉTICA

Pretendemos neste capítulo direcionar uma pesquisa para o entendimento da Crítica Literária Feminista (CF) e o seu processo de percepção na Rússia, como se construiu e se adaptou aos contextos socioculturais e acadêmicos do país. Além disso, iremos fazer um apanhado de conceitos pertencentes a CF, a fim de construir, metaforicamente, uma colcha de retalhos de teorias e métodos de análise, com o intuito de analisar dois contos de autoria feminina na Rússia pós-soviética. Ao final deste capítulo conduzimos um mapeamento da literatura de autoria feminina russa para o entendimento de como se edifica essa literatura.

Assim, evocamos diversos pesquisadores que se debruçaram sobre esse processo de aceitação da Crítica Literária Feminista para que, então, possamos realizar um diálogo entre estes e os conceitos escolhidos como base teórica para o trabalho. Há uma leitura muito pertinente para nós dos conceitos da CF evidenciando a representação do corpo da mulher, que são propostos por algumas pesquisadoras de diversas áreas que se atêm à crítica literária, e, por isso, optamos por analisar, no terceiro capítulo, os contos escolhidos por este viés. Tais autoras abordadas para a análise serão apresentadas posteriormente.

Apesar da adoção da CF, é possível perceber por meio dos estudos trazidos que esta não se constitui como um método inteiramente e inquestionavelmente aplicável à literatura russa, principalmente por sua construção histórica, ou seja, por ser adaptado para a literatura de autoria feminina russa. Desta forma, um dos objetivos de nossa pesquisa é encontrar essa Crítica Literária Feminista autenticamente russa, logo nossa escolha preferencial por autoras - mulheres - russas ou russo falantes.

Assim, esclarecemos que esta pesquisa se constitui de forma inédita para a presente autora, não encaminhada de forma continuada a partir de monografias ou artigos previamente apresentados ao período da construção desta dissertação.

2.1 Crítica literária feminista e o feminismo no contexto russo pós-soviético

Para começar a discussão sobre a Crítica Literária Feminista temos que nos ater primeiro a uma percepção geral do feminismo e da crítica feminista. É importante a reflexão sobre esse aspecto porque o primeiro dos nossos objetivos iniciais era a cristalização do que é feminismo na Rússia pós-soviética, a procurar pelas críticas literárias feministas no contexto russo. Em segundo lugar, porque a Crítica Literária Feminista é uma nova modalidade dentro da crítica literária, como observado no primeiro capítulo, apesar da Rússia ser pioneira nas questões feministas, com movimentos datados já no século XIX, e a ideologia comunista adaptar e incluir alguns avanços nesse sentido (aborto, educação, licença maternidade, entre outros) pelos quais em outros países estão lutando até hoje, vimos que feminismo como termo em si e como movimento foi proibido e só começou a se desenvolver de novo, inclusive no âmbito acadêmico, após a derrocada do regime.

Ademais, por terceiro objetivo, como na academia russa o feminismo e a CF eram tidos como assuntos novos, essa discussão permeia os artigos referenciados neste trabalho, ou seja, são constantemente pontuadas as tensões sobre o que de fato é a CF, bem como as dúvidas se as críticas feministas são coerentes para análise da literatura russa. Portanto, é a partir dos seguintes pesquisadores que iremos abordar a Crítica Literária Feminista: Pushkariova, Savkina, Gabrielian, Arbatova, Klimenkova, Trofimova e Sutcliffe.

Natalia Pushkariova é uma historiadora russa, antropóloga cultural, fundadora da feminologia histórica e da história de gênero na ciência soviética e russa. Doutora

em Ciências Históricas, professora, chefe do Centro de Estudos de Gênero do Instituto de Etnologia e Antropologia da Academia Russa de Ciências, cientista Homenageada da Federação Russa, presidente da Associação Russa de Pesquisadores da História da Mulher. É também membro ativo do movimento feminino moderno na Rússia e tem interesses nas seguintes linhas de pesquisa: teoria e metodologia dos estudos de gênero, etnologia da família russa, gênero, sexualidade, história do movimento feminista na Rússia, história da vida tradicional russa e da vida cotidiana, historiografia. Pushkariova é autora de mais de 500 publicações científicas e mais de 200 publicações científicas populares, incluindo dez monografias individuais e três coletivas. Leciona com frequência sobre a história das mulheres russas, estudos sobre mulheres e gênero em universidades na Rússia e também em universidades estrangeiras (Alemanha, França, EUA, Suíça, Áustria, Holanda, Bulgária e Hungria) ⁹.

Irina Savkina é natural da Rússia, onde defendeu seu mestrado em literatura russa na cidade de São Petersburgo, é professora da Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Tampere, Finlândia, onde realizou seu doutorado. Savkina é especialista em estudos literários e culturais com foco em história da literatura e cultura russa, estudos de gênero, estudos autobiográficos, cultura popular russa e mídia de massa. Ela é autora de três livros sobre a literatura feminina russa e de mais de 160 artigos científicos, incluindo vários artigos sobre as imagens de mulheres na literatura russa¹⁰.

Tatiana Klimenkova é socióloga e teórica feminista que discute as diferenças entre "masculinidade" e "feminilidade" e afirma que essas diferenças são de natureza incidental. Entretanto, ela diz que a posição oculta das ciências sociais é que, diferenciando o comportamento de homens e mulheres, essas ciências os conectam não aos fatores socioculturais, mas sim com momentos biológicos. Explorando relações de poder em nível micro, analisa os parâmetros do regime corporal como um dos mecanismos de organização do patriarcado no campo histórico-cultural. Em sua pesquisa acerca dos estereótipos de gênero, Klimenkova observa que as qualidades

⁹ Cf. descrição disponível em: <https://iea-ras.ru/index.php?go=Conference&in=view&id=10>; Acesso em: 2.set.2012.

¹⁰ Cf. descrição disponível em: <https://www.livelib.ru/author/729410-irina-savkina>. Acesso em: 2 set.2021.

de timidez, dependência e desejo de evitar a tomada de decisões são impostas a uma mulher durante todo o curso do desenvolvimento moderno¹¹.

Para a socióloga, o estado da cultura atual na Rússia é caracterizado como pós-modernista, introduzindo sua compreensão nesse termo de que o objetivo dos agentes culturais na Rússia é a “proteção da tradição” pois os pós-modernistas na política estão revisando não apenas os fundamentos sociais, mas também os fundamentos culturais do período anterior. Klimenkova acredita que quando falam sobo lema “salvação da natureza humana, repreendida nos tempos do socialismo”, buscam salvar precisamente o entendimento patriarcal da natureza e ordem de gênero estabelecida, que conferem à mulher um lugar secundário.

Klimenkova chama ainda a atenção para o fato de que a Rússia está tentando superar o “Leste” dela, pois acredita que, historicamente e culturalmente, o Ocidente foi sempre marcado como masculino e o Oriente como feminino, isso leva ao fato de que uma mulher entra em uma situação de dupla discriminação: ela é intimidada como uma mulher e como uma pessoa de fora, na estrutura do modelo Oeste-Leste.

É já na fala de Klimenkova que se torna perceptível a generalização da mulher perante a sociedade russa, e ainda a generalização estrutural da própria sociedade russa, o que reconhecemos é incomum e pouco saudável para a pesquisa. Entretanto, como uma sociedade que viveu por décadas sob um regime ditatorial, é possível observar a generalização como uma sequela, um traço social presente tanto no objeto de pesquisa - os contos - quanto nos pesquisadores. É, portanto, preciso lembrar que, como mencionado no capítulo anterior, a cultura russa tem forte ligação com a educação, a exemplo da obrigatoriedade do ensino literário nas escolas desde muito cedo e por isso é possível que a literatura seja, como muitas outras linguagens artísticas também podem ser, um espelho ou reflexo social.

Durante o primeiro capítulo, buscamos a historiografia da mulher russa como uma forma de preparar o leitor para a compreensão de como o feminismo, e posteriormente a Crítica Literária Feminista, se arraiga na Rússia e para isso destinamos a primeira parte deste capítulo iniciando essa busca a partir de Savkina, pesquisadora da área da literatura e história, que comenta em seu artigo “Fatores de

¹¹ Cf. descrição disponível em: <http://research.sfu-kras.ru/publications/author/26252185>. Acesso em: 2set. 2021

irritação: sobre a percepção da crítica feminista e estudos do gênero no contexto russo”:

A gama de textos que são traduzidos e publicados no espaço pós-soviético, não reflete adequadamente as tendências atuais no desenvolvimento dos estudos de gênero no mundo. Em vista disso, o “efeito antológico” é bastante perceptível e leva a uma redução significativa das ideias da Crítica Feminista (CF) no campo intelectual russo. A situação é agravada pelo fato que a CF, em suas diferentes versões, está intimamente relacionada a diferentes direções do pensamento filosófico ocidental moderno e, para entender o que está em jogo, você precisa conhecer as “fontes primárias” (SAVKINA, 2007 apud. RYABOV, 2002, p. 4).

A partir da ponderação de Savkina, relembramos que por muito tempo houve um muro que separou leste e oeste, de forma física e intelectual, e por isso a Rússia pós-soviética se encontra numa posição de desvantagem em relação a outra metade do globo, pois é no Ocidente em que as ciências sociais/literárias foram popularizadas. quanto à literatura feminina ocidental. Quando a autora comenta sobre as “fontes primárias” talvez esteja falando sobre os autores que auxiliaram a criação da CF como a concebemos aqui nesse texto que são, em sua grande maioria, psicanalistas da Europa Ocidental, e que foram, durante algum tempo, pouco divulgados em solo soviético. Já em relação aos estudos feministas, retomamos os esclarecimentos anteriores de que eram vistos como “coisa de burguês” e uma questão “resolvida”. É ainda nesse quesito que trazemos a questão da localização, já que:

Na verdade, a percepção das ideias do feminismo e da crítica feminista é em grande parte reduzida à construção e compreensão da dicotomia “seu/de outra pessoa”, ou Rússia (Europa Oriental)/Ocidente, em uma nova situação onde o Outro começa a ser englobado pela Europa Oriental após a queda dos regimes comunistas. Essa percepção é de caráter não externo, mas interno: o espaço de alteridade potencial, criado pela fantasia utópica de Amigo do outro lado do “muro de Berlim” (SAVKINA, 2007, p. 6).

Com a queda da Cortina de Ferro, em 1989, e o iminente fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, houve uma enxurrada de informações que estavam sendo cunhados no eixo EUA-Europa Ocidental passam a ser absorvidos pela Europa Oriental e geram a distinção entre *eles* (Ocidente) e *nós* (Europa Oriental), que é atualizada e concede ao “feminismo ocidental” a característica de um modelo, bem

como a de realidade absoluta - cultura, ciência, política etc. - e com isso novas noções sexuais e corporais.

Klimenkova, em seu artigo “Mulher sob o olhar sexual” (1996) discute sobre sexualidade na contemporaneidade em harmonia com as teorias de Foucault e comenta sobre a “cultura da neurotização”, que ocorre em ambos os sexos. A neurotização é um processo incutido aos indivíduos a partir de diversos códigos morais, culpabilizando a mulher e o homem quando não agem de acordo com tais códigos a partir de certos mecanismos que são amplamente propagados pela mídia, entretenimento, costumes sociais etc. Neste sentido, dois caminhos passam a se distinguir na sociedade intelectual russa, um que busca distanciar-se das teorias recém chegadas de/les; e outro que tenta adaptar tais conceitos para a realidade russa e acompanhar o fluxo mundial.

No primeiro caminho, Savkina (2007, p. 16) pondera a respeito da percepção da CF na academia russa e de que a inércia oriental em relação aos estudos feministas se dá, justamente, pelo empréstimo dos métodos ocidentais externos à cultura e à realidade de onde se aplicam. Tal ideia é sustentada pelo seguinte condicionamento: “O surgimento do conceito de uma espiritualidade russa especial em oposição à cultura ocidental tecnogênica ‘sem alma’ levou os defensores desta abordagem à tese de uma recusa fundamental de tomar empréstimos estrangeiros.”

Ainda conforme a autora (apud. Anna Tiomkina - 2003), após a queda do muro de Berlim, surge um “caos discursivo” em função do fluxo conceitual advindo do ocidente, novos termos e noções, a exemplo do pós-estruturalismo, desconstrutivismo, novo historicismo, passam a ser absorvidos e adaptados à sociedade acadêmica russa e findam por tornarem-se fragmentos clássicos e contemporâneos usados como argumento científico em comum grau. Essa domesticação do estrangeirismo ocidental com o intuito de associá-lo ao *seu* gera diferentes interpretações dependendo do contexto histórico-cultural em que estejam inseridos e acabam por iniciar esse “caos discursivo” na academia russa nas discussões sobre feminismo e literatura de autoria feminina.

Pontuamos também a questão da nacionalidade russa na literatura de autoria da mulher que, para Savkina (2007), depende de uma ampla análise objetiva e histórica, uma vez que a CF é uma metodologia de análise ocidental e, por isso, atribui à cultura russa aspectos que não a pertencem. À vista disso, o que causa o abismo

entre a CF e a literatura russa é a sua localização e todas as relações epistemológicas que a envolvem. Enquanto no Ocidente as "essências" feminina e masculina têm sido discutidas de forma ampla dentro da academia, literatura, mídia e até mesmo nas ruas a partir de protestos feministas, na Rússia não havia divisão essencial entre os sexos, portanto a desconstrução da mulher russa parte de um lugar muito mais biológico do que filosófico. Também por isso o que se percebeu na Rússia pós-soviética foi a extrema "pornografização" do corpo feminino em busca da liberdade sexual e sentimental.

Sentindo a necessidade de adaptar essa experiência [...] inicialmente problematizaram o próprio processo de incluir em seus trabalhos conceitos que se formaram em um ambiente intelectual diferente e que estão ligados por origem e existência a outra realidade histórica e sociocultural (SAVKINA, 2007, p. 11).

Logo, com a ausência de conceitos próprios à uma crítica literária feminista russa, são adotados esses conceitos estrangeiros no viés da integração a academia mundial, configurando um movimento dialético, ou seja, enquanto há a adoção das pesquisas ocidentais por uns; para outros há uma extrema rejeição.

Já no que diz respeito às teorias que permeiam a Crítica Feminista, há o incômodo com o descaso da comunidade acadêmica em relação ao teor psicanalítico e pós-estruturalista da teoria feminista (BEREZOVCHUK, 2002 apud. SAVKINA, 2007, p. 8), fato que provém de uma possível resistência por parte da academia russa tradicional em problematizar seus próprios fundamentos metodológicos. Outra inquietação é em relação ao uso de termos em outras línguas, não traduzidos ou transliterais adotados pela CF, que termina por fomentar o uso de termos como "incompreensível" ou "pseudociência" aos estudos feministas.

Desta maneira, questionamos de forma breve a participação da mídia local na supressão dos estudos de gênero na Rússia que atuaram ferrenhamente por meio de manchetes e frases de efeito, como destaca Savkina no livro *Tópicos sobre a mulher na mídia de massas* (ZDRAVOMYSLOVA; KIGAI, 2000 apud. SAVKINA, 2007, p. 5): "O feminismo não pinta uma mulher e não se enraizou realmente na Rússia"; e ainda "A Rússia não precisa do feminismo, porque isso levará a um confronto adicional na sociedade". Ainda no que se refere à rejeição agressiva pontua-se:

A palavra “feminismo” é percebida principalmente emocionalmente, no contexto sociopolítico moderno tornou-se uma espécie de “recipiente” para tudo o que é indesejável, perturbador, inaceitável, que está associado a tudo o que é feminino e a feminilidade, com uma ideia específica de “Licenciosidade” e “obstinação” femininas [...] Ao discutir o que é “feminismo”, o jornalista fala mais sobre seus medos e desejos do que sobre o assunto em si. (ZDRAVOMYSLOVA; KIGAI, 2000 apud. SAVKINA, 2007, p. 6)

Perante essas ponderações, pensadores e críticos literários debateram a escrita de autoria feminina e seu lugar na literatura. Dentre opiniões diversas é possível destacar aqueles que buscam dissociar o gênero autoral da escrita e dizem existir apenas “literatura boa” e “literatura ruim”; já os falocratas - defensores do masculino - descredibilizam a capacidade criativa feminina, afirmando que se há uma escrita feminina ela é masculinizada; e ainda o grupo das críticas literárias que acreditam que a literatura feminista advém de um lugar de gênero, ou seja, de construção sexual histórica e social.

Um dos pontos relevantes levantados para construir a nossa leitura da CF literária e que abordaremos ao longo desta análise é o seguinte:

Onde uma sociedade totalitária já tornou todos “iguais”, a demanda pela igualdade de gênero soa um tanto duvidosa, secundária, e podemos dizer que “não são os homens que escravizam as mulheres, mas a sociedade escraviza uma pessoa [...]”. Isso pode explicar parcialmente por que as mulheres russas, incluindo escritoras, defendem outros critérios em questões de emancipação feminina e o estabelecimento de papéis de gênero que assumem posições diferentes em comparação com suas contrapartes ocidentais. (ZHEREBKINA, 2003, p. 4)

Essa questão, já levantada anteriormente, clarifica a diferença entre o feminismo ocidental e o feminismo na Rússia, posto que a igualdade pela qual o ocidente luta já fazia parte do plano político soviético. O que é mais interessante aqui é o fato dessa - dita - igualdade ter resultado na subordinação do corpo feminino e por isso as questões feministas diferem socialmente. Enquanto no ocidente o corpo feminino tem uma história de subordinação, na Rússia este corpo é apagado em prol de suas funções “úteis”.

2.2 Em busca da base teórica a partir de autoras da Crítica Literária Feminista russas

Quando refletimos acerca da Crítica Literária Feminista, é importante compreender que ela se dá por diversos processos e influencia a literatura de forma igualmente diversa, conforme explicitado anteriormente. Portanto, pretendemos nesta seção nos atentar aos conceitos da CF que foram assimilados por pesquisadoras e críticas da literatura russa a partir da filosofia, psicanálise e outras teorias feministas ocidentais, a fim de compor uma base teórica sólida para a análise dos contos abordados no próximo capítulo.

Assim sendo, abordaremos os artigos “A performatividade feminina nos grupos literários como fator de desenvolvimento das literaturas pós-soviéticas” (2003) e “Paixão: o corpo feminino e a sexualidade feminina na Rússia” (2001), de Irina Zherebkina, autora de grande estima, que se debruçou na análise da CF nos contos e escritos russos femininos. Zherebkina é uma pesquisadora acadêmica na área de estudos de gênero, com uma notável contribuição no campo. Atua como diretora do Centro de Estudos de Gênero de Kharkiv na Ucrânia (desde 1994), é chefe do Laboratório de Estudos de Gênero, Departamento de Teoria Cultural e Filosofia da Ciência (desde 1996), diretora do Instituto Internacional de Escola de Verão para Estudos de Gênero em Foros (desde 1997), editora-chefe da revista *Gender Studies* (desde 1998), diretora do projeto “Rede Universitária de Estudos de Gênero para os países de ex-União Soviética”¹².

Publicou inúmeros artigos e nove livros sobre gênero e teorias feministas dentro das seguintes linhas de pesquisa: Aplicação de teorias feministas e de gênero ocidentais modernas para analisar a antropologia cultural das sociedades pré-soviéticas, soviéticas e pós-soviéticas; teorias da subjetividade na filosofia ocidental moderna, com foco no pós-estruturalismo e novas ontologias de subjetividade. A autora afirma que a necessidade do feminismo no território pós-soviético era como atributo fundamental da democracia liberal depois da derrocada da URSS e discute a performatividade da sexualidade como parte de discurso do capitalismo e da modernização da sociedade pós-soviética. Faz muitas referências à psicanálise lacaniana, aos trabalhos de V. Zhizhek e também ao termo “jouissance” com o qual ambos tentaram descrever a subjetividade feminina, afirmando que esse ‘amor’ ao

¹² Cf. a descrição disponível em: <https://ilas-miu.com/people/irina-zherebkina/> Acesso em: 2 set. 2021

capitalismo ocidental é a própria ‘jouissance’, sendo em torno dessa discussão que a sexualidade se transforma em uma ‘performatividade’;

De Zhrebkina um dos conceitos abordados é o entendimento de *público x privado* que, de acordo com ela, difere totalmente com a concepção feminista ocidental de público e privado. Para a pesquisadora, na escrita da autoria feminina pós-soviética acontece um protesto contra a política oficial de tornar todo privado - seja ele emocional, corporal ou social - público, assim as autoras na literatura russa tornam o privado mais privado ainda.

Nas palavras da autora “a causa dessa estratégia é uma reação á um funcionamento longo/prolongado de normas simuladoras em condições de simbolismo totalitário, quando até o sexo/gênero definia-se exclusivamente como status social simulativo/ performativo” (Zhrebkina, 2003, p. 5). Por isso, a tentativa de privatização do corpo da mulher por parte das autoras abordadas se configura como denúncia de políticas governamentais, mas também como um ato de liberdade de escolha da mulher. Por questões históricas já comentadas, a vida da mulher na Rússia nunca foi privada, ou era tratada como instrumento ou como propaganda política, por isso a escrita agora é um campo fértil para a autodescoberta, para a exploração do que nunca pôde ser explorado - instintos, desejos, necessidades, traumas e sexualidade.

Zhrebkina também define uma historicização de trauma do corpo feminino e a sexualidade feminina na literatura pós-soviética, agrupando o trauma em 5 histórias que abrangem o trauma de família edipal, denunciando a função fálica da figura do pai, por exemplo, como no conto da Petrushevskya “*A filha da Ksenia*” (1998); e a história anti-edipal, onde as escritoras mostram as famílias constituídas pelas mulheres solo, como no conto da Marina Paley “*Evgesha e Annushka*” (1990). Um desdobramento da historicização do trauma que nos chamou a atenção é a sexualidade como *psicose coletiva*, em outras palavras “a sexualidade não individual, mas coletiva do corpo soviético” (2003, p. 6). Essa *psicose* é uma característica constante que está intimamente relacionada à questão do *público x privado* pois, a medida em que as coisas se coletivizam, também o fazem o corpo, o sexo e as relações.

No que se refere à linguagem, Zhrebkina (2003, p. 10) a difere de duas maneiras, a primeira delas é a *linguagem documental*: “A literatura da mulher com sua

fórmula de "mostrar as entranhas" e contra a função de envergonhamento do feminino na cultura, inevitavelmente se constrói como um experimento linguístico [...]". Aqui a autora se refere ao estilo linguístico adotado pelas escritoras russas, que descrevem, principalmente, os corpos de forma crua, processo que confere certo poder às personagens femininas e tira-as do lugar de envergonhamento.

O segundo viés da linguagem está presente nas falas das personagens, a *linguagem ofensiva* que é "[...] não só como cruéis estereótipos e atitudes do governo soviético patriarcal que leva a mulher a condição de vergonha, mas também uma língua criada como resposta da mulher [...]"; esta linguagem é o tratamento com a mulher, a atribuição de más características, palavras grosseiras etc. que colocam no lugar de subalterna.

Também nos apropriamos de alguns pontos escritos pela autora alemã Regina Noheil, embora a nossa pesquisa tenha como objetivo focar nas teóricas russas as ponderações de Noheil acerca da CF são de suma importância para a compreensão de certos aspectos da mulher na literatura russa. É doutora em Filologia, pesquisadora do Departamento Eslavo da Universidade de Freiburg, Alemanha, e também atua como secretária do Presidium da Sociedade Alemã do Chekhov, um centro de pesquisa sobre o autor russo Anton Chekhov¹³.

No seu artigo "Os sonhos e pesadelos sobre o corporal e o sexual na prosa feminina pós-soviética" (1996), Noheil nos ajuda a questionar o que, de fato, é a literatura feminina à luz da corporeidade, sendo esta a forma que encontramos de nos aprofundar na produção escrita das mulheres russas. Um outro fator favorável à adoção de tal pensadora é que esta busca analisar a escrita da autoria feminina russa sob esse olhar crítico quanto ao uso das teorias feministas ocidentais que costumam atenuar as diferenças culturais e políticas em comparação com o mundo ocidental. Apesar de extensas procuras, não foi possível coletar muitas informações sobre Noheil, mas seu nome é referenciado em muitos artigos e conferências relacionados às pesquisas sobre literatura russa.

Assim, a autora apresenta a *dessublimação repressiva* como um ponto de análise da corporalidade feminina e explica essa concepção como uma manutenção das velhas noções de gênero, mas de forma muito mais eficaz porque agora está

¹³ Cf. descrição disponível em: <https://philologist.livejournal.com/2476709.html> e <https://tgpi.ru/news/30-07-2020/1>. Acesso em: 2 set. 2021

velada sob os pretextos de liberdade sexual. Melhor dizendo, para Noheil, e Marcuse, a *dessublimação repressiva* é o feminismo embutido de valores patriarcais, movido por estes valores.

Embora nem Foucault nem os teóricos de Frankfurt pensem abertamente sobre o feminismo, é indiscutível que eles examinam, criticamente, o mesmo processo de tecnização e socialização total da vida humana, que, segundo as pesquisadoras feministas, foi o centro motor do processo de imaginação que gera uma imagem "feminina". A sobrecarga simbólica do corpo feminino é realizada junto com o "desmascaramento" do mundo, a perda de ideias antropomórficas de vida sobre a natureza [...] (NOHEIL, 1996, p. 2).

Noheil traz o conceito ao falar a respeito desse "desmascaramento" e pondera a reflexão do patriarcalismo sobre o tratamento do corpo da mulher, isto é, a forma como a mulher é constantemente retratada como bruxa, histérica ou *femme fatale* é, na verdade, a representação dos medos sexuais reprimidos de uma sociedade patriarcal. Parte desse processo na Rússia, ou seja do controle do corpo e da sexualidade da mulher, tem caráter "libertador", a exemplo do aborto que foi apoiado não pelo caráter libertário do corpo da mulher, mas como propaganda política estatal. Por esta razão, uma das teorias de análise que encaminharemos é se seria possível rastrear o percurso histórico da corporeidade na literatura feminina pós-soviética e se tal literatura exemplifica a *dessublimação repressiva*.

Outra pesquisadora de grande estima é Tatiana Rovenskaya, doutora em ciências filológicas e crítica literária. É também pesquisadora da prosa feminina, tradutora, especialista na área de estudos de gênero, crítica feminista ocidental e da literatura russa contemporânea. Em 2000 defendeu sua primeira dissertação "Prosa feminina do final dos anos 1980 - meados dos anos 1990 (Problemas, Mentalidade, Identificação)" na Rússia sobre a obra literária feminina contemporânea (Departamento de História da Literatura Russa do Século XX, Faculdade de Filologia, Universidade Estadual de Moscou).

Participou em muitas conferências russas e internacionais, seminários e escolas de verão dedicadas a vários aspectos do processo literário moderno, gênero e estudos políticos, bem como educação de gênero; é palestrante e participante do

programa educacional para mulheres do Centro de Informações do Fórum de Mulheres Independentes¹⁴.

Rovenskaya é autora de inúmeros artigos e por meio de um deles, “Como se tornar a ‘verdadeira mulher’, as práticas de iniciação corporal feminina pelo olhar da prosa feminina moderna” (2003) tomamos conhecimento do termo *Iniciação da mulher*. A escritora afirma que a iniciação da mulher acontece através do impacto sobre o corpo dela, assim resultando em políticas corporais como uma forma de controle para assegurar a ordem patriarcal. Ela baseia sua teoria nos conceitos de *poder e corpo* (Foucault) e no *olhar e testemunha* (Lacan) por meio dos quais analisa os tipos de *iniciação do corpo* na literatura de autoria feminina

Para Rovenskaya são vários os tipos de *iniciação*, sendo destacados aqui a *iniciação do corpo infantil/adolescente*, como olhar despertador sob o copo da menina adolescente; *iniciação violenta*, estupros, abortos, sexo; e a *iniciação pelo olhar*, como a testemunha provoca e desperta as sensações no outro - a mulher.

A partir da *iniciação do corpo* é possível verificar que um tema recorrente nos contos femininos russos é o aborto, que pode ser lido sob dois espectros dentro da escrita: seria o tema apenas uma representação da realidade ou um reflexo dos traumas sociais em relação à sexualidade? Esta pergunta se dá pelo fato de que o aborto não é retratado apenas como um procedimento ginecológico e um evento pontual, mas como um comportamento constante nas vidas das personagens e retratado de forma sempre muito sombria e patológica.

Nesse viés, expressamos a desejo dialogar com teóricas que discutem a CF no viés da sexualidade, no entanto não foi possível por dificuldade de acesso às teorias que abordam essa temática. Assim sendo, é possível já de antemão reconhecer na análise histórica que o sexo para a mulher nada tem a ver com o prazer, mas com a realização de uma tarefa, um processo mecânico e puramente técnico. Esse olhar é fomentado por Petrushevskya, autora de um dos contos a ser analisado no próximo capítulo, que narra o corpo como um instrumento.

Outro ponto de análise que pretendemos esclarecer, ou ao menos nos aprofundar, é posto por Zherebkina no artigo “Paixão: o corpo feminino e a sexualidade feminina na Rússia” (2001) é a *vitimização* da mulher como característica

¹⁴ Cf. a descrição em: <https://ecsocman.hse.ru/text/16149808/>. Acesso em: 2 set. 2021

formadora da *performatividade feminina* e se essa mulher adquire algum tipo de poder social pela vitimização.

Para uma melhor compreensão da escrita da mulher, evocamos conceitos frequentes em Zherebkina, além da *performatividade feminina*, de Judith Butler (a performatividade do gênero, 1997) e a partir dele observamos a centralidade da *performatividade* para pensar a constituição do gênero e do corpo.

Em outras palavras, atos, gestos e desejos produzem o efeito de um núcleo ou substância interna [...]. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado (BUTLER, 2003, p. 194 apud. ZHEREBKINA, 2001, p. 15).

Existe, não obstante, uma tênue diferença entre a mulher vitimizada - americana/ocidental - e a mulher sacrificial - russa. Enquanto à primeira espera a sua liberação do lugar de vítima, a mulher russa celebra o sacrifício do seu corpo como uma virtude; o paradoxo aqui não é se uma mulher ou outra detém o poder, mas como a vitimização delas, ou melhor, como a dor causada a elas gera a relação de poder.

Benjamin Sutcliffe, o único pesquisador homem abordado em nossa pesquisa, é professor de literatura russa da Universidade de Miami. Sutcliffe, além de homem, é estrangeiro e nos apropriamos de sua pesquisa em caráter excepcional, uma vez que seus artigos estão presentes nas plataformas da crítica literária feminista russa e são de grande interesse para nós, em especial a publicação “Sobre a prosa moderna da autoria feminina” (2000). Sua pesquisa é principalmente sobre a literatura de autoria feminina, mas também sobre as dificuldades de interpretação da literatura russa em tradução para o inglês¹⁵.

Para Sutcliffe (2000), o sacrifício feminino e a rigidez da escrita estão ligados à falta de amor, prazer e desejo no sexo, pois a mulher tem de abdicar da sua sexualidade natural para cumprir uma tarefa - a procriação - o que influencia e inibe o prazer, quando as autoras escrevem sobre o sexo. A relação que buscamos aqui é a seguinte: a mulher sofre opressão e agressão, isso é inquestionável; ainda assim, esta

¹⁵ Cf. a descrição em: <https://www.miamioh.edu/cas/academics/departments/gramelac/about/faculty-staff/sutcliffe/>. Acesso em: 2.set.2021

mesma mulher tem as condições de se desobrigar do lugar de vítima, romper o ciclo vicioso e as estruturas opressivas, mas não o faz. Por quê? A vítima, seja ela encarcerada ou mártir, detém o poder sobre seu opressor? Ou ainda, há prazer nessa relação subserviente? Tais indagações serão abordadas nos contos de Marina Palei e Petrushevskya.

Em conclusão, não foi possível encontrar a Crítica Literária Feminista genuinamente russa, pois são conceitos adaptados do Ocidente a partir da filosofia e, principalmente, da psicanálise. Ainda assim, acreditamos que estes conceitos aqui expostos nos auxiliam na análise da literatura de autoria feminina na Rússia pós-soviética de forma fortuita e solidificada e temos a esperança de que este trabalho auxilie de alguma forma a construção da CF russa.

Ainda assim, no princípio da pesquisa nosso objetivo era o entendimento da sexualidade, sua construção, presença e/ou ausência e os porquês para a mulher russa. Entretanto, no decorrer da pesquisa o que descobrimos a partir da leitura dos contos foram traumas sociais incrustados no inconsciente coletivo feminino e, por isso, optamos por observar o corpo feminino. Obviamente, não deixamos de pontuar a sexualidade, o prazer e a recém adquirida liberdade criativa, mas acreditamos que os traumas tão presentes nos contos russos devem ser igualmente respeitados e analisados anteriormente ao prazer. Em vista disso, receamos não haver espaço em uma única pesquisa para ambas as análises.

Finalmente, como o trabalho tem caráter pessoal, já que a escrita desta é um processo de reconhecimento da minha história e das histórias de minhas ancestrais. Nasci uma mulher soviética e os resíduos disso ainda ecoam em mim, em minha mãe, minhas amigas, nas nossas falas, costumes e futuros. Descobri muitos fatos que desconhecia sobre a construção do corpo da mulher e o atual "prazer", por isso jamais poderia desconsiderar o que nos trouxe até aqui, mesmo que para isso eu precisasse ler e submergir nas histórias mais traumáticas em relação ao corpo feminino. Nesta perspectiva propomos um mapeamento a fim de guiar o leitor na literatura de autoria feminina russa e todas as instâncias que reverberam em mim.

2.3 Mapeamento da literatura de autoria feminina

Como contextualizado no capítulo anterior, existe uma concepção da mulher russa perpetuada pela literatura. É, portanto, imprescindível introduzir a escrita russa feminina no eixo da literatura de forma a apresentar e situar o leitor nesse mundo tão vasto e rico e, ainda assim, pouco conhecido no Brasil. Um segundo foco deste subcapítulo é identificar alguns recortes necessários que limitam esse trabalho, mesmo que não seja possível em um único trabalho abranger a vasta produção literária das escritoras russas contemporâneas. Logo, esse mapeamento pretende evidenciar alguns aspectos da corporalidade além do sofrimento, abuso e violência, mas também o prazer, reconhecimento do corpo, da sexualidade e a conquista do espaço íntimo da mulher russa na escrita.

Anteriormente a esse apanhado, há a necessidade de ponderar um pouco sobre o que é a escrita da autoria feminina na Rússia e para isso iremos evocar as palavras de algumas autoras russas que conceituam e compreendem a sistematização de tal conteúdo como essencial aos estudos contemporâneos da literatura do leste europeu.

O primeiro ponto amplamente debatido como característica do gênero em questão é a transição do *nós* (o que é geral) para o *eu* (específico), ou seja, a subjetivação do objeto de pesquisa e a sua consequente individualização. Elena Trofimova é crítica literária, membro do Sindicato dos Escritores de Moscou, professora da Universidade Estadual de Moscou no Departamento de Estudos Culturais), editora chefe do almanaque científico e literário sobre estudos de gênero "Transfiguração", do qual retiramos muitos dos artigos aqui discutidos. Em seu artigo "Feminismo e literatura da mulher na Rússia" (1997), Trofimova comenta sobre a legitimidade da literatura feminina - escrita por mulheres - advinda dos traços subjetivos contida em si: cabe a nós, portanto, entender quais são esses traços e como são incorporados na escrita feminina russa¹⁶.

Já na concepção de Nina Gabrielian, poetisa, escritora de prosa, tradutora, pesquisadora da cultura feminina e participante ativa do movimento feminista moderno, no artigo "Eva significa vida" (1996),¹⁷ as palavras "feminino" e "masculino" não são neutras, quer dizer que não determinam apenas sexo biológico, mas conjuram um sistema de significados incumbidos a estas palavras - história, cultura,

¹⁶ Cf. a descrição em: <http://kcgs.net.ua/bibl-007.shtml>. Acesso em: 2 set. 2021.

¹⁷ Cf. descrição em: <https://www.sarinfo.org/literature/nina-gabrielyan.html>. Acesso em: 2 set. 2021

crenças, avaliações etc. Estas, portanto, carregam em si muitos significados que constroem um novo olhar sobre o que é a escrita feminina.

Há, ainda, a dicotomia presente quando falamos em "feminino" e "masculino", uma polarização constante que se faz presente independentemente do momento em que se discute. A oposição é o sistema comum a todas as coisas e, por mais que sejam questionadas as hierarquias, não se questiona o sistema. A grande questão atrelada aos sistemas de pensamento é que estes são excludentes aos valores externos, ou seja: "[...] qualquer sistema de pensamento pode detectar no fluxo mundial apenas o que já está embutido nesse próprio sistema, e o que não está embutido nele permanece fundamentalmente indetectável." (Gabrielian, 1996, p. 3)

Ainda de acordo com Gabrielian (1996, p. 5) "O drama do portador da consciência 'aberta' é especialmente exacerbado ao tentar traduzir seus sentimentos em uma palavra, ou seja, entrar em uma linguagem que, pelo menos em suas camadas superiores, é dicotômica, hierárquica, sistêmica". Por isso, há de se questionar o quão abertas as mentes podem ser para novos conceitos, especialmente aqueles que competem à literatura da autoria feminina, uma vez que o sistema soviético não engloba, historicamente, a literatura feminista em si.

O que é posto em voga aqui é a compreensão de que os gêneros se dissociam de noções pré-concebidas, materiais e imateriais, em função de serem o que querem ser. Justamente por isso, não cabe a esta pesquisa opor o sexo feminino ao masculino, ou ainda apontar as diferenças formais entre ambas as literaturas, mas sim fundamentar as características da literatura da autoria feminina frente à sociedade russa pós-soviética, sendo esta a perspectiva epistemológica pelo qual esta pesquisa se lida.

Gabrielian (1996), consoante ao pensamento de Savkina (2007), e que veremos também nos contos analisados:

[...] a atitude pseudo-igualitária, diretamente relacionada ao mito soviético da igualdade social entre homens e mulheres, também é influenciada. A especificidade da relação entre os sexos em um estado totalitário ainda é muito pouco estudada pela ciência doméstica. Humilhação total da pessoa humana pelo regime soviético, manipulação estatal de ambos os sexos através da intervenção ativa na vida íntima da família (uma espécie de triângulo amoroso "homem - mulher - estado", em que o estado desempenhava o papel de um parceiro sexual de ambos os sexos) - tudo isso criava o efeito

paradoxal da convicção do russo moderno de que não há problemas de gênero na Rússia (GABRIELIAN, 1996, p. 9).

O movimento feminista do século XIX foi execrado após a Revolução de Outubro e retomado apenas no final dos anos 1980, com a iminente queda do muro de Berlim e a enxurrada de informações que a seguiu. São destacadas aqui as coleções de prosa feminina russa contemporânea, principalmente da "nova onda": "Relembrando o mal" (1990), "Vida Limpa"(1990), "Novas Amazonas" (1991), "Abstêmios" (1991), "Através dos olhos" (1993), "O que uma mulher quer" (1993).

A partir dessa esquematização da produção das mulheres russas contemporâneas iniciam-se diversas reações, que podem ser subdivididas em duas tendências: mimetismo e rebelião. Por mimetismo, queremos dizer a reprodução de atitudes hierárquicas e pseudo-igualitárias nas obras de algumas escritoras. Já a rebelião é a quebra de velhos estereótipos de papéis de gênero - principalmente hierárquicos (GABRIELIAN, 1996). Como exemplo dessa rebelião, podemos mencionar Marina Palei, que não gosta de ser reconhecida pelo sexo/gênero

Mais uma vez você ouve o argumento constante dos oponentes: "Não há gênero nas alturas dos espíritos!". Você tem nacionalidade e idade? Religião? Claro, a literatura expressa valores humanos universais, mas ao mesmo tempo o artista escreve a partir de sua experiência - nacional, religiosa, social, espiritual, corporal [...] O componente mais importante de uma personalidade artística, que cria "tudo em si", "com toda a sua integridade", é a experiência do sexo - em seu aspecto biológico, mas ainda mais - gênero. (ARBATOVA, 1995 apud. SAVKINA, 2007, p. 3)

Trofimova (2002 apud. SAVKINA, 2007) complementa:

Um dos principais argumentos dos adversários do uso do conceito de "literatura feminina" é a afirmação de que a literatura não pode ser feminina ou masculina. [...] A arte é um ato criativo individual, onde a personalidade do artista, suas características, seu desenho psicológico, determinam diretamente a forma e o conteúdo da obra. (TROFIMOVA, 2002 apud. SAVKINA, 2007, p. 3)

Para além da validação da escrita de autoria feminina, alguns críticos qualificam a prosa feminina como "agressividade" e "naturalismo". O. Dark e P. Basinsky (apud. SUTCLIFF, 2000, p. 13) refletem sobre a introdução de "Relembrando o mal" (1990), afirmam: "Não temos a intenção de negar nosso gênero, mas ainda mais, não temos

a intenção de pedir desculpa pela sua 'fraqueza'". Os autores afirmam se tratar de uma rejeição à natureza feminina e que a "agressividade" vai de encontro a essa natureza. Como Sutcliffe (2000) bem demonstra, há uma característica muito própria da literatura de autoria feminina russa que é a transformação da "mulher-vítima" na "mulher-agressora" e acredita que este fato está intrinsecamente ligado à vida doméstica e aos sacrifícios que esta vida requer. O autor comenta que o processo metamorfósico é sistêmico, advindo do constante estado de humilhação, quando a mulher se apropria e o transforma em "prazer pervertido" e se nutre dele, o sacrifício torna-se agressão ou "rejeição ao feminino".

Entretanto, é de suma importância entender que o naturalismo está presente na prosa das mulheres enquanto as condições do naturalismo estão presentes na vida de uma mulher. Apesar disso, alguns críticos afirmam que a descrição precisa, o olhar objetivo e o estilo inflexível, assemelham a escrita das autoras ao "estilo masculino".

O crítico Basinsky (1991 apud. SUTCLIFF, 2000, p. 15) volta a comentar sobre a prosa feminina: "E em geral - é realmente a alma de uma mulher? Isso não é invenção de um homem, uma espécie de truque artístico no interesse de sua própria criatividade? [...] Essa avaliação, é claro, pode questionar o mérito da prosa feminina.". Retomando a diferenciação sistêmica e hierárquica do sexo na sociedade, quando uma mulher é real sobre suas dores, quando ela se exime da posição de heroína, ela é automaticamente comparada ao homem e então perde credibilidade enquanto escritora, afinal, se homens já escrevem sobre esse assunto, qual a necessidade de mulheres tentarem? Essa questão pode ser respondida a partir da fala de I. Savkina no artigo "Fatores de Irritação à Crítica Feminista":

Como as críticas feministas influenciam a prosa das mulheres? A maioria deles a avalia como uma categoria da literatura russa contemporânea. No entanto, em nossa opinião, sua influência também é negativa, mas por outros motivos. [...] Como você pode ver, os principais esforços da prosa feminina russa moderna na atualidade visam quebrar um espelho que reflete não o rosto de uma mulher real, mas um mito da feminilidade criado por uma tradição cultural masculina (SAVKINA, 2007, p. 14).

Conforme o pretendido, enunciaremos algumas características constitutivas da literatura feminina russa para realizar o mapeamento das publicações no tempo pós-soviético. Houve, obviamente, escritoras pré-soviéticas e mesmo durante o período da URSS, algumas pouco conhecidas, outras, como as poetisas Marina Tsvetaeva

(1892-1941) e Anna Akhmátova (1889-1966), reconhecidas e estudadas na escola no programa obrigatório.

Iniciamos a exposição com Natalya Baranskya (1908-2004) que atuou já nos anos 60, em pleno regime soviético, representando a primeira escrita de cunho feminista; historiadora que escreveu já aposentada o romance em estilo de diário “Uma semana como qualquer outra” (1969), publicado na revista “Novij mir” (nº 11). Após notória repercussão, sua leitura foi proibida, mas ganhou reconhecimento fora de país e frequentemente é citado e revisitado nas pesquisas sobre gênero, crítica literária feminista e as mulheres da URSS.

O romance é um diário relatando a semana típica de Olga Voronkova, uma mulher cientista, esposa e mãe, e relata a vida cotidiana da tripla jornada, que contrariava a falsa propaganda do estado da mulher livre dos afazeres da casa. O fato interessante é que apenas tivemos conhecimento desta autora e lemos a obra disponível online enquanto mestranda, ou seja, já no processo de escrita desta dissertação.

Enquanto ainda na condição de aluna especial, fiz uma viagem a Letônia, onde dei início a procura por livros de autoria feminina, a fim de expandir meu acervo pessoal para além das poetisas canonizadas Anna Akhmatova e Marina Tsvetaeva, começo do século XX, e tomar conhecimento das obras literárias modernas. Como veremos mais adiante, muitas dessas autoras ficaram conhecidas no começo dos anos 1990, mas até hoje são pouco estudadas nas escolas, fato que se assemelha à situação brasileira com a literatura de autoria feminina.

Como já brevemente mencionado no primeiro capítulo, na transição das décadas de 1970 e 1980, os movimentos mundiais do feminismo tiveram repercussão, ainda que pouco na ex-URSS. É nesse período que surge o almanaque “Mulher e a Rússia”, lançado pelo samizdat em 1979 em Leningrado (atual São Petersburgo) pelo coletivo feminino. A revista contém histórias e poemas que relatam as dificuldades de criar filhos e o cinismo dos homens em relação às mulheres no sistema soviético. De acordo com Aivazova (1998) e Trofimova (1998) a revista é considerada como o primeiro movimento feminista na antiga URSS e teve uma repercussão enorme, sendo traduzida para várias línguas e lançada em diversos países na Europa. Na sequência surge a revista “Maria” (1979) com a mesma temática e artigos sobre os horrores nas

maternidades, e até sobre os protestos da Guerra no Afeganistão, instigando as mães a não deixarem seus filhos serem levados para a guerra.

As duas revistas foram fechadas logo, as participantes sofreram perseguições pelo KGB, perderam emprego, algumas foram presas e depois migraram para fora do país. Entre os nomes hoje em dia conhecidos estão Yulia Voznesenskaia (poetisa), Natalya Malahovskaia, Tatiana Mamontova, que hoje em dia leciona em universidade nos Estados Unidos e lançou vários livros sobre as mulheres na União Soviética.

Algumas pesquisadoras abordadas ao longo deste artigo são representantes da nova onda da literatura de autoria feminina que se iniciou logo no final da Perestroika, após a derrocada da URSS, são elas: Trofimova (1998), Zherebkina (2003) e Savkina (1996). Entre 1989 e 1993 foi publicada a coletânea também já mencionada neste capítulo pelo grupo “As novas amazonas”, composto por Svetlana Vasilenko e outras escritoras que não conseguiram ser publicadas, que resultou no lançamento da primeira coletânea de prosa de autoria feminina na Rússia 1990, “Esquecida do mal” (1990). Essa mesma coletânea em seguida recebeu uma crítica na “Revista literária” do crítico literário Pavel Basinky afirmando que não há distinção entre prosa feminina ou masculina, apenas prosa ruim ou boa (Trofimova, 1998), que iniciou à descoberta sobre a existência da literatura feminina por parte da crítica tradicional literária no país.

O grupo “Novas amazonas” abriu caminhos para autoras menos conhecidas por meio de suas coletâneas, são elas: “As novas amazonas” (1991), “Trinta fantasias sobre o amor”, “Filhas-mães”, “A esposa que sabia voar” (1993) e “O que quer a mulher” (1993) formado por contos e poemas. Por isso a importância de destacar as escritoras que ganharam fama a partir da década de 1990, a época de maior popularização da literatura de autoria feminina que as tornou as referências que são consideradas hoje. Várias escritoras que integraram o grupo ficaram famosas, tais como Olga Tatarinova (1939-2007), escritora, tradutora e poetisa; Svetlana Vasilenko (1956), fundadora do movimento; Tatiana Nabatnikova, Elena Tarasova, Nina Sadur, entre outras.

Tatyana Tolstaya (1951) vem da família de Liev e Alexei Tolstoi, escritores conhecidos, apresenta uma linguagem irônica e muito intelectual nos textos, com riqueza em intertextualidade, alusões e referências, o que dificulta a tradução e o entendimento sem o conhecimento acerca da cultura russa. Tolstaya foi nossa

primeira escolha para análise, no entanto, pelo esclarecimento anterior optamos por outras autoras. A autora ficou bastante conhecida nos Estados Unidos por ser estudada pelas pesquisadoras americanas Helen Goscillo no livro “Dehexing Sex” (1996), e por Carol Adlam, em “Women in Russian Literature after Glasnosts” (2005). Tolstaya, além de escrever, lecionou nos EUA nas décadas de 1980-1990, tem publicações e artigos em inglês.

Nos contos, Tolstaya mostra vários papéis tradicionais vividos pelas mulheres que parecem ironizar a feminilidade, mostrando em exagero a essência das crenças impostas e vividas pelas mulheres que não questionam as estruturas sociais. No conto “A caça do mamute” (2001) conta sobre a mulher que quer casar e “caça” um marido, o que se torna uma obsessão, e no final casa com alguém sem amar e passa a odiá-lo. Em “Fogo e Poeira”, da coletânea “A noite” (2001), mostra duas mulheres que levam a vida de formas totalmente opostas - uma tradicional, outra prostituta, a última sendo ridicularizada e maltratada pela outra; já em “O Poeta e a musa” da mesma coletânea, ironiza o mito da musa e poeta onde a heroína decide ser a musa para um poeta pobre e doente. É possível perceber na literatura de Tolstaya uma certa ridicularização da mulher, atribuindo a ela responsabilidade pelas crenças sociais e suas escolhas, um possível reflexo disso é o fato de a escritora não aceitar o rótulo de “escritora feminina”, reagindo de forma hostil ao termo “feminismo”, como aponta em várias entrevistas, por exemplo a da Radio Svoboda (2016)¹⁸

Outra escritora importante para a literatura russa é Liudmila Ulitskaia (1943) que ganhou o prêmio “Simone de Beauvoir” em 2011 e, ao contrário de Tatiana Tolstaya, não tem nada contra ser vista sob o prisma da escrita da autoria feminina ou ter alguma relação com a crítica feminista, como observa Trofimova (1998).

Formou-se na faculdade de biologia em Moscou e trabalhou no Instituto da Genética Geral na Academia de Ciências até 1970. Começou a escrever e ser publicada no final dos anos 80, escreveu roteiros para vários filmes, como “A mulher para todos” (1991), em 1992, na revista “Novij mir” foi publicado seu conto “Sonechka” e em 1994 ganhou prêmio francês “Medici” como melhor conto traduzido.¹⁹

Entre outros, recebeu o prêmio russo “Booker” (2001) e o italiano “Penner” (2006) pelo romance “Caso Kukótski” (2001), tendo sido também traduzido para o

¹⁸ Disponível em <https://www.svoboda.org/a/27703316.html>. Acesso em: 2 set. 2021.

¹⁹ Cf. a descrição em: <https://24smi.org/celebrity/471-liudmila-ulitskaia.html>. Acesso em: 2 set. 2021

português. Esse romance conta a história do médico-ginecologista obstetra Pavel Kukotskí entre 1940 e 1970, relata a luta dele pelos direitos da mulher, inclusive o aborto, proibido nos anos 50 durante o governo de Stalin. Há no conto também um relato sobre as questões feministas, que recebe críticas por descrever a esposa de Pavel, Elena, como uma mulher “sem caráter”, fraca e dependente do seu marido, ao contrário de sua filha Tânia que vai contra todas as regras de conduta social e se mostra como uma adolescente/adulta rebelde e individualista. O romance tem muito misticismo e brinca com questões de vida e morte, política e filosofia. Outro romance interessante que desafia as tradições e conceitos da mitologia é “A Medeia e seus filhos” (1996) onde a heroína é também Medeia, uma mulher que, diferente do mito grego, não mata seus filhos, mas os ama e busca reunir os familiares ao seu redor.

Outra autora essencial para o mapeamento em questão é Liudmila Petrushevskaja (1938), autora de um dos contos abordados no capítulo seguinte, que é considerada uma lenda na história da literatura e cultura russa. Petrushevskaja é uma escritora de muitos estilos, iniciou na escrita de peças teatrais, tendo escrito também contos de fadas para crianças, contos místicos e hoje, com 83 anos, tem uma página no Facebook onde divulga e vende suas pinturas para ajudar uma casa destinada a pessoas com deficiência. A autora continua muito presente por meio de textos e entrevistas, em uma das quais foi perguntada sobre as mulheres russas, sobre as crenças, tradições, preconceitos em que vivem e se um dia estarão livres para se cuidar e amar e se, um dia, uma mulher poderia ser presidente da Federação Russa, Petrushevskaya ri e diz “Nada pode salvar a mulher russa, nada!” em uma entrevista (2020) ao canal do *Youtube* “skazhigordeevoy”²⁰.

Como já comentado, com base em várias entrevistas, podemos constatar que apesar de hoje serem autoras bem renomadas, essas mulheres têm uma certa resistência à palavra “feminismo” e ao rótulo de escritoras da “prosa feminina”, como normalmente é referido em russo. Isso se dá, provavelmente, ao receio de serem tachadas como autoras femininas, na concepção ultrapassada da crítica russa de que esse é um gênero “menor”, e por isso querem ser tomadas a sério, “como homens”.

A já citada anteriormente M. Arbatova, teórica, escritora, dramaturga, psicóloga, ativista feminista e crítica literária, se refere a escrita de Liudmila Petrushevskia, Tatiana Tolstaya, Nina Sadur caracterizada pelo medo de ser rotulada escrita da

²⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dfr5TI7nmus>. Acesso em: 2 set. 2021.

mulher ou feminina como “literatura assexuada” (1995, p. 27). Posteriormente, já nos anos 90, acontece um fenômeno interessante, duas autoras ousaram escrever em gênero de detetives, a priori masculino, são elas Aleksandra Marinina e Daria Dontsova, muito conhecidas até os dias atuais.

Daria Dontsova (1952), nome artístico de Agrippina, se formou em jornalismo em Moscou, trabalhou como tradutora do francês no consulado russo na Síria por dois anos e depois em várias revistas e periódicos. Em 1998 foi diagnosticada com câncer de mama e no hospital escreveu seu primeiro romance de detetive, que depois se tornou uma série de livros “A amadora de investigação privada Dasha Vasilieva”. A heroína de quase todos os contos é uma mulher, Daria Vasilieva, professora de francês que deixou seu trabalho depois de receber uma herança e se dedica a resolver mistérios e sempre se envolve em histórias criminosas. Atualmente conta com mais de 100 livros publicados e os críticos (Savkina, 2005) e a mídia chamam seus romances de “detetives irônicos” como uma vertente do gênero de detetives. Dontsova ganhou vários prêmios, inclusive de best-sellers de 2002 e 2003 na Rússia²¹.

Outra escritora de romances policiais/detetives é Aleksandra Marinina (1957), nome artístico de Marina Aleksandrova. Estudou direito em Moscou e escreveu uma dissertação sobre a análise e prevenção da criminalidade, em 1992 escreveu seu primeiro conto “A conjuntura das coisas”, que tem foco na personagem Anastasia Kamenskaia, uma investigadora do Departamento de Investigação Criminal de Moscou, e se tornou personagem de outros contos da autora, como: “Uma brincadeira no campo alheio” (1993) e “O sono roubado” (1994). Os contos foram compilados em dois livros intitulados “Kamenskaia” (1999) e “Kamenskaia 2” (2002), essa série foi publicada em outros países, tais como Letônia, Ucrânia, Alemanha e França. Marinina recebeu vários prêmios nacionais e internacionais, inclusive de best-seller, assim como D. Dontsova²². Savkina (2005) no seu artigo sobre as obras da Marinina chamado, *A história de Asia Kamenskaia que queria, mas não conseguiu. As peculiaridades do feminismo russo nos detetives da A. Marinina* pondera sobre a popularidade da personagem principal dos contos nas pesquisas acadêmicas e em revistas feministas como a imagem do “novo feminismo russo”. Savkina também

²¹ Cf. a descrição em: <https://www.livelib.ru/author/72-darya-dontsova>. Acesso em: 2 set. 2021

²² Cf. a descrição em: <https://eksmo.ru/authors/marinina-aleksandra-ID9638/>. Acesso em: 2 set. 2021

questiona a frase da Helena Goscillo (uma pesquisadora norte americana da literatura russa já mencionada) citada por E. Trofimova (2002, p.11) que diz o seguinte: “Marinina com sua Nastia Kamenskaia fez muito mais para mudar a mentalidade patriarcal da Rússia que todos os movimentos feministas e trabalhos acadêmicos juntos”.

Destacamos as ponderações das críticas literárias feministas acerca da produção de Marinina com o intuito de mostrar o quão bem recebida suas obras foram pelo público geral, inclusive para nós, talvez porque a representação de uma mulher linda, inteligente e investigadora era algo raro. É preciso acentuar também a escolha dos atores para a adaptação televisionada dos contos, pois a atriz que interpretou Kamenskaia, Elena Iakovleva, é muito conhecida e querida pelo público russo-falantes em todo o território pós-URSS.

Por fim, chegamos ao que Zherebkina (2003) chama de terceira onda da escrita da autoria feminina na Rússia, onde retomamos o termo *jouissance feminina*, comentado anteriormente; as autoras são descritas por Arbatova descreve como

[...] o surgimento de toda uma galáxia de escritoras brilhantes tais como Svetlana Vasilchenko e Marina Paley, escritoras que se formaram em um período em que já é “possível ser mulher” e refletem sobre o fato de que seus deveres no mundo não correspondem aos seus direitos. E este é um fenômeno instantâneo de uma nova camada literária, criada segundo as leis da percepção feminina do mundo, por meios artísticos acessíveis apenas a uma mulher imersa em temas tabu ou mitologizada por um homem (ARBATOVA, 1995, p. 27).

Arbatova não menciona Vera Pavlova nesta citação, mas nós consideramos que todas as citadas a seguir podem ser inseridas no mesmo contexto. Desta forma seguiremos o mapeamento com duas autoras poetisas que, ao nosso ver, foram pioneiras na visão libertadora do corpo, do prazer feminino, das reflexões livres sobre o mundo e o lugar da mulher nele.

Seguimos com Vera Pavlova (1963), que estudou música e aos vinte anos de idade após o nascimento de sua filha e ainda no hospital começou a escrever poesia. A primeira coletânea “O animal celeste” foi publicada em 1997, conferindo vários prêmios à autora e foi traduzida para inglês, alemão, francês, italiano, tcheco, finlandês, espanhol, chinês, holandês e norueguês. No site da Sibila, revista de poesia e crítica literária, podem ser encontradas algumas poesias dela traduzidas para o

português, outras coletâneas são “O quarto do sono” (2000), “Os sinais da vida” (2004) etc.²³

Foi foco do artigo de N. Podrezova “A categoria de corporeidade na lírica da Vera Pavlova” (2007), onde diz que sua poesia possui um novo tipo de intimidade, de franqueza na poesia da autoria feminina russa com características específicas de erotismo aberto e corporeidade do amor. De fato, os detalhes íntimos, a forma como Pavlova reflete sobre o corpo da menina adolescente, a delicadeza, a beleza e a franqueza com que ela fala sobre as descobertas do corpo e sobre a sua sexualidade são características extremamente poéticas. A abordagem sobre erotismo na poesia de sua coletânea “Maior de idade” (2001) é única.

Vera Polozkova (1986), outra poetisa, é pioneira em poesia modernizada através da qual abrange os sentimentos da mulher de forma mais intelectual e foi a responsável por popularizar de novo, de acordo com Zhrebkina (2003), a poesia. Essa foi a primeira autora a realizar performance poética, acompanhada por músicas, ela conduz a poesia de forma que se tornam quase peças teatrais, além de fazer turnês musicais pela Europa e Estados Unidos, o que, talvez, a torne tão popular entre o público mais jovem, sendo jovem ela mesma. Por meio dessa abordagem da poesia, Polozkova é homenageada com vários prêmios e títulos literários, a exemplo de “Neformat” (2009), e um fato interessante é que vem da geração dos artistas que publica seus poemas em plataformas digitais - livejournal.com -, prática que ganhou popularidade recentemente como veremos a seguir. Em 2008 publica sua primeira coletânea “Nepoemanie” (intraduzível, algo entre não entendimento e não poesia, jogo de palavras), que conta com 114 poemas; outras coletâneas são “Fotossíntese” (2008) e “Uma criança responsável” (2017).²⁴

Fazemos uma breve menção aqui à Marina Paley, que será discutida mais profundamente no capítulo três. O conto escolhido para análise vem do período antes da imigração, parte daquela primeira onda das escritoras pós-soviéticas que explodiram com suas verdades nunca antes faladas tão abertamente, período que ela denunciava por meio da linguagem documental o aborto, a violência nos hospitais, dificuldades da maternidade, violência doméstica e a negligência profissional. Mais tarde Paley começa explorar outras dimensões como o prazer, sexo, corpo livre, amor

²³ Cf. a descrição em: <https://www.verapavlova.ru>. Acesso em: 2 set. 2021

²⁴ Cf. a descrição em: <https://www.verapolozkova.ru/> Acesso em: 2 set. 2021.

como poder, a exemplo dos contos “Cabiria no canal de Obvodnij” (2012), “O Voo” (2012), entre outros, que infelizmente não serão vistos nesse trabalho.

As próximas escritoras, que lançaram seus livros recentemente, são Irina Denezhkina e Iuliya Kisina, exemplos da representação da estratégia da performatividade feminina (Zherebkina, 2003), que são paródias acerca do que é biológico/essencial feminino e de como eram representados no período anterior por autoras mulheres como uma forma de negação e protesto contra a rotulação da mulher. Ademais, Denezhkina e Kisina conduzem um experimento além do conteúdo, agora evidenciando a forma (Zherebkina, 2003).

É possível observar tal característica no conto “Margot Vinter” (I. Kisina, 2001), onde a heroína, uma menina de 8 anos mata seu pai, a amante do pai, a babá e todos quem fazia mal a ela ou que não gostava. Podemos propor uma leitura neste conto de que a autora burla a tradicional figura da menina/mulher sofrida, que agora comete as violências e vinganças. A respeito da “forma” é uma leitura estilística a partir da maneira diferente e autêntica como se “desenha” a escritura da autoria feminina nestas jovens autoras. A brincadeira e desconstrução das estruturas de escrita parecem naturais e lógicas quando compreendemos o passado como artista plástica de Iulia Kisina (1966), tendo vindo do movimento alternativo artístico de São Petersburgo do movimento da arte conceitual de Moscou. Seu conto mais famoso é “Os desejos simples” (2001), mora na Alemanha desde 1990, onde ficou conhecida como artista e escritora, organizou várias performances e festivais de arte e ganhou alguns prêmios.²⁵

Zherebkina (2003) também atribui às obras de Irina Denezhkina (1981) e seus contos da coletânea “Dá-me!” (2002) a característica de experimento da forma e performatividade feminina da nova geração. Em acordo, é possível observar que Denezhkina, por realmente ser da geração nova, burla as tradicionais formas de mostrar a mulher, o que a difere de Kisina é que isso não é uma experimentação da forma, mas a reflexão da libertação dos estereótipos vividos por outras autoras aqui apresentadas. Denezhkina estudou jornalismo e começou escrever cedo, e tal qual Vera Polozkova, ficou conhecida por meio da internet, publicando seus contos no site www.prosa.ru. A escolha desse canal de publicação se dá em função da falta de literaturas que ela mesma gostaria de ter acesso, que fale na linguagem jovem e sobre

²⁵ Cf. a descrição em: <http://www.berlin-ru.net/news2013-07-14.php>. Acesso em: 2 set. 2021

a juventude como ela. Em 2002 foi nomeada para o prêmio de best-seller e sua coletânea “Dá-me!” já foi traduzida para inglês, francês, italiano e lituano.²⁶

Sob a perspectiva desta pesquisa, há a discordância da análise de Zhrebkina (2003), pois os contos de Denezhkina relatam a vida dos jovens, despreocupados com grandes coisas, que discutem descaradamente e abertamente sobre a vida sexual, tema que se reflete na linguagem. Essa forma de relatar a juventude da periferia da cidade, é uma possível maneira de representação ou até mesmo documentação verossímil da vida como ela é. Mesmo assim, independente das análises das críticas literárias, esses estilos e experimentações configuram uma onda nova que se difere no palco da literatura da autoria feminina por serem mais audaciosas, livres, independentes, sabendo o que querem e sem o puritanismo que as inibe de sentir e exhibir esses sentimentos.

No âmbito da tradução para a língua portuguesa, apesar de muitas ou quase todas as escritoras acima e abaixo mencionadas serem traduzidas para várias línguas, lamentavelmente até onde sabemos e pesquisamos, apenas três escritoras do período pós-soviético foram traduzidas para o português brasileiro, são elas: Tatiana Tolstaya com a coletânea “No degrau de ouro” (Companhia das Letras, 1990); Liudmila Petrushevskaya com os livros “A menina do hotel Metropol: minha infância na Rússia comunista” (2020), “Era uma vez uma mulher que tentou matar o bebê da vizinha: histórias e contos de fadas assustadores” (2018), e “Hora: Noite” (1991), todos pela editora Relógio D’água; e Liudmila Ulickaya com livros “Funeral Divertido”, “ Mentiras da Mulher” e “ Caso Kukótski” (editora Relógio D’água)²⁷.

O mapeamento pela literatura de autoria feminina na Rússia é extenso e longe de ser totalmente abrangido em uma única pesquisa, outras autoras não menos interessantes ou importantes serão apenas mencionadas como, por exemplo, as renomadas desde tempos da Perestroika: Dina Rubina (1953) e Viktoria Tokareva (1937). Foi, pois, necessário optar por selecionar apenas algumas autoras a fim de conduzir o leitor por meio da riqueza de assuntos, gêneros e estilos. Portanto, as “Novas amazonas” revolucionaram a literatura durante o regime soviético através de suas denúncias literárias das atrocidades que acometiam os corpos das mulheres para que hoje, V. Polozkova, I. Denezhkina e V. Pavlova possam reclamar seu espaço

²⁶ Cf. a descrição em: <https://www.litmir.me/a/?id=5230>. Acesso em: 2 set. 2021

²⁷ Não foi possível encontrar o ano destas publicações.

para falar sobre seus desejos, sua essência e *jouissance feminina*, sem a necessidade de evocar as dores do passado.

Em conclusão, neste capítulo foi possível a discussão sobre o surgimento da Crítica Literária Feminista e sua percepção na Rússia, as principais pesquisadoras e teorias passíveis de aplicação para obras de autoras russas e uma breve apresentação literária do período pós-soviético. Neste sentido, não foi possível cumprir a tentativa de achar a CF literária genuinamente russa, pois compreendemos que esta, como observado nas pesquisadoras abordadas, é construída a partir de conceitos já cunhados e delineados pelo feminismo e pela psicanálise fora da Rússia, em sua grande maioria na Europa Ocidental. Também por isso foi necessário abranger a escolha por teóricos russos ou russo-falantes, nos possibilitando ver que a literatura de autoria feminina russa tem ganhado seu espaço no contexto mundial.

Um segundo objetivo que não foi possível ser amplamente destrinchado foi a discussão dos aspectos do corpo feminino do prazer e sexualidade, isso se deu pelo fato de que, para fazer essa análise, é primeiro necessário compreender os processos da dor e do trauma feminino. Logo, buscamos mencionar no mapeamento algumas escritoras russas que abordam a *jouissance feminina* em seus trabalhos.

A seguir serão abordadas as duas escritoras, Petrushevskaja e Paley, e dois contos, respectivamente Groselhas Verdes e Ala das Condenadas, a partir de alguns conceitos da CF explanados neste capítulo, com foco na percepção do corpo e da educação sexual/abuso e o corpo e aborto, à luz das pesquisadoras Zhrebkina e sua teoria do *privado x público* e *neurose coletiva*, R. Noheil e a *dessublimação repressiva* e Rovenskaja com a *iniciação da mulher através do corpo*.

3 AS DENÚNCIAS DO CORPO FEMININO NOS CONTOS DE PETRUSHEVSKAYA E PALEY

Serão abordados no terceiro capítulo os conceitos referentes à Crítica Feminina Literária elucidados na seção anterior para que nos auxiliem na análise dos contos “Groselhas Verdes” (1999), de L. Petrushevskaya, e “A ala das condenadas” (1991), de M. Paley. A escolha desses contos se deu pela possibilidade de denunciar a realidade da mulher soviética, pois, apesar de contos fictícios, ambos estão muito próximos de documentos sobre o tratamento dos corpos femininos.

Contextualizaremos as obras escolhidas dentro dessa discussão e faremos apontamentos sobre como o corpo feminino está sendo percebido através dos textos, pois trataremos a literatura como um espelho de valores socioculturais da sociedade em que está sendo produzida, conceito este que a maioria dos teóricos literários russos está de acordo.

3.1 “Groselhas verdes”

Lyudmila Petrushevskaya, autora de “Groselhas verdes”, tem um lugar excepcional na literatura pelo seu legado literário, seu estilo obscuro, místico, em que o silêncio e as insinuações falam mais que o exposto. Começou a escrever contos e peças teatrais que foram encenadas já no final dos anos 1960. Trabalhou com vários gêneros literários, inspirada em E. A. Poe e N. Gogol. Repressão do indivíduo pelo coletivo é um tema que permeia explicitamente a criação da autora e é um dos motivos pelos quais foi censurada pelo governo soviético. Muitas obras, e os contos em especial, foram publicados só no fim do regime soviético no final da década dos anos 1980, começo dos anos 1990, pois os tópicos abordados eram tradicionalmente tabus e foram censurados - violência física, sexualidade e as manifestações dessa: prostituição, incesto, estupro.

Petrushevskaya nasceu em 1938, é dramaturga e escritora de prosa. Ela se formou na faculdade de jornalismo da Universidade Estadual de Moscou, trabalhou para o correspondente de rádio e editora na televisão. Em meados dos anos 60, ela começou a escrever histórias. Até o final dos anos 1980, Petrushevskaya publicou um livro de histórias “Amor imortal”, em 1993; um livro de histórias “No caminho do deus

Eros”. Os trabalhos coletados em cinco volumes vieram à luz em 1996. Os últimos livros de narrativas de Petrushevskaya são: “A casa das Garotas” (1999), “Me acha, um sonho” (2000) e a novela “Hora da Noite”, que recebeu o Booker Prize de 1992.²⁸

O fato interessante a ser destacado é que em 2018 a escritora visitou o Brasil para a 16ª Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). Nesse evento o destaque foram suas fábulas místicas e contos de horror. A autora tem dois livros publicados no Brasil, pela Companhia das Letras.

“Groselhas verdes” relata situações vividas por uma menina de doze anos que está passando um tempo no sanatório para crianças com a saúde debilitada, prática bem comum na ex-URSS, tanto adultos quanto crianças, depois de se recuperarem de algumas doenças nos hospitais continuavam o tratamento nessas instituições, normalmente situadas em casas no campo.

Para ela o mundo é cruel, as crianças são cruéis, ela sofre bullying e é banida dos grupos por várias razões. Apaixona-se por um menino menor e não sabe como expressar seus sentimentos. Um dia, durante o passeio pelos arredores da instituição, ela fica para trás do grupo das meninas. A professora está bem à frente, uma única professora para cuidar de todo grupo de crianças. Em seguida aparece o grupo dos meninos e ela fica com medo, tenta chamar as meninas e a professora. A última não escuta, as meninas veem a situação, mas não a ajudam e continuam andando. Os meninos se aproximam e observam o corpo da criança que só no último momento consegue escapar após gritar e assustar os meninos.

Uma das características principais dos contos da Petrushevskaya é o silêncio, a insinuação. O conto “Groselhas verdes” aborda tais temas como o estupro, abuso sexual e a indiferença da sociedade, dos adultos, mesmo sabendo que algo está acontecendo. Os adolescentes e seus primeiros encontros com a sua sexualidade, o conhecimento do corpo como tema silenciado na época.

“Groselhas Verdes” relata o despertar sexual - para si e para outro - de uma menina de 12 anos durante o período da União Soviética, se passando em um dos muitos sanatórios mantidos pelo governo russo, que serviam como hospital, escola e, também, um espaço de educação política.

²⁸ Cf. a descrição em: <https://24smi.org/celebrity/38884-liudmila-petrushevskaya.html>. Acesso em: 2 set. 2021

A menina, sem nome, é mandada para o tal sanatório destinado a pacientes com tuberculose e lá conhece o seu primeiro amor, um menino chamado Tolik. Em primeira instância, é importante destacar que a narradora oculta seu próprio nome, o que pode ser lido como um apagamento ou uma abdicação de si; em contrapartida, o nome de Tolik é repetido continuamente ao longo do texto.

Num primeiro momento, uma narradora sem nome não levanta grandes questões, mas quando consideramos todo o contexto histórico descrito nos capítulos anteriores é preciso retomar a ideia de *dessublimação repressiva*, ou seja, a ilusão de libertação sexual dependente do outro, sendo o outro Tolik. A menina passa a questionar, e até a se preocupar com sua beleza a partir do momento em que se sente atraída por Tolik, ligando seu prazer a ele.

De acordo com Noheil (1996, apud. MARCUSE, 1964, p. 3) a *dessublimação repressiva* é a aparente libertação sexual feminina que é nutrida por vestígios do patriarcalismo, assim sendo “[...] o próprio corpo é percebido indiretamente através dos processos da imaginação (patriarcal / masculina) [...]”. Portanto, há de se questionar se a anonimidade da garota no conto de Petrushevskaya é unicamente parte do estilo linguístico ou se é uma forma de denúncia de como a sexualidade, em especial a feminina, é minada de sua integridade desde o momento em que é despertada.

No que diz respeito ao despertar da sexualidade de nossa protagonista, Rovenskaya (2003) escreve sobre a “iniciação do corpo adolescente”, justamente o processo que acompanhamos no presente escrito perceptível no trecho “era muito importante para mim parecer humana, uma menina de doze anos, não é brincadeira!”. Para a menina, “parecer humana” é, além da inclusão no coletivo, a maneira de corresponder ao menino de “Olhos negros ardentes, nariz pequeno, sardas na ponta do nariz, cílios desgrenhados, em geral, olhos como estrelas e o tempo todo sorria - astutamente, como um sedutor” (p. 4, 1999).

A *iniciação do corpo* da protagonista, isto é, da sua percepção no mundo e nas relações, não parte apenas do olhar sobre si, da tentativa de se encaixar e se igualar aos outros adolescentes no sanatório, mas também do olhar sobre Tolik. Para Rovenskaya, que associa o conceito psicanalítico do *testemunho* à Crítica Literária Feminista, o *olhar* recebe um sentido empírico e social pelo corpo da menina adolescente e vem sempre acompanhado por diversos sentimentos, como a curiosidade,

a ansiedade e também pelo testemunho. Assim, é de se esperar que quando a menina de 12 anos olha para Tolik, ela experimente tantos sentimentos, em especial a necessidade de “parecer humana”.

Como pontuado, o *olhar* é sempre acompanhado pela *testemunha* e, em um sanatório com tantas outras crianças e adultos, a protagonista sente que está sendo testemunhada em diferentes momentos, inclusive por Tolik.

Ele claramente me notou, o que foi expresso no fato de que o raio de sua atenção pousou em meus olhos. Eu, aparentemente, olhei para Tolik, e o pensamento foi claramente lido nesses meus olhos, algum pensamento importante, e o Cupido queria ler esse pensamento e já o havia interpretado a seu favor (PETRUSHEVSKAYA, 1999, p. 3).

Uma breve explicação sobre o título do conto nos auxiliará a analisar uma passagem onde a protagonista sacia sua necessidade de pertencimento. Logo, Groselhas Verdes é uma referência aos nódulos esverdeados oriundos da inflação nas glândulas causada pela tuberculose, doença muito comum durante os anos que sucederam à Revolução de Outubro. Em algum momento no refeitório do sanatório, a menina vê um amigo, em tom de brincadeira, bater no peito de Tolik, que reclama de dor pois foi atingido em um desses nódulos verdes. A menina então reflete: "Um sorriso demoníaco brilhou em seu rosto. 'Ele também está com dor no peito! [...] Uau! Não são apenas as meninas! Eu não estou sozinha!'" (PETRUSHEVSKAYA, 1999, p.4).

Desta passagem, duas reflexões são cruciais, a primeira é que a menina se sente incluída, humana, normal. A segunda é a confusão, possivelmente intencional, que a autora sugere: a menina sente dores nos seios por estar na puberdade, logo ela concebe que Tolik também sente dores nos seios por seu corpo estar sendo “iniciado”, não por estar doente. De qualquer maneira, ela não está só. Destas duas conclusões, retomamos ao ponto inicial da análise, a *dessublimação repressiva*, apenas para reafirmar que a iniciação sexual da protagonista está profundamente conectada com o menino por quem ela se apaixona. Uma outra passagem a ser destacada é a seguinte:

O coletivo não gosta quando alguém se comporta de forma isolada, atrasado, mal-vestido assim. O coletivo - e a menina foi criada em coletivos desde o jardim de infância - pune severamente. Ele zomba, bate na cabeça, belisca, tropeça, tira o que tem do fraco, provoca. Eles

a atingiram bem no nariz com o punho, derramando sangue. Eles riem loucamente ao ver grandes galochas. Todos eles roubam (a terra das coisas perdidas!) (PETRUSHEVSKAYA, 1999, p. 4).

A importância deste trecho para exemplificar o que foi descrito historicamente ao longo dos dois primeiros capítulos deste trabalho é essencial para a compreensão de como o coletivo se molda em função da dualidade que Zhrebkina (2003) fala: “público x privado”. Por isso, enfatizar que o grupo pressiona essa menina a se normalizar é procurar entender o quão profunda é a *psicose coletiva* (ZHEREBKINA, 2003), ou seja, quão profunda é a coletivização da sexualidade de modo a castrar a liberdade de expressão da mulher.

Com uma equipe, uma hidra de cem olhos, é preciso ter cuidado, há muitos truques para evitar armadilhas. Você não deve confiar seus pensamentos a ninguém. Se alguém reconhecer seus pensamentos, o final contará imediatamente aos outros. Todo mundo vai rir pelas costas (PETRUSHEVSKAYA, 1999, p. 4).

Em consequência, dessa *psicose coletiva* onde tudo se coletiviza, a dicotomia “público x privado” ganha vida. Por um lado, todos devem ser iguais, roupas, comportamento, corpo; por outro, uma menina precisa esconder os pensamentos e comportamentos que a diferenciam do grupo para que não sofra chacota ou retaliação.

Contudo, essa massificação não é de todo uniforme, nos dois trechos anteriores presenciamos um tom de selvageria, em um fala-se sobre o roubo, no outro, sobre a chacota, em ambos, há a necessidade de apagamento de si pela sobrevivência no coletivo. Ainda existe a ideia de posse, de controle sobre o adolescente que se destaca, sobre os pertences mais bonitos ou em melhores condições, esses adolescentes precisam aprender a se defenderem e o fazem a partir da normalização de si. Eles sabem que estão em constante observação, que estão sendo olhados e, por isso, testemunhados, ainda assim, a passividade desse testemunho é o que causa a violência no olhar.

A menina tem até um plano de escrever um conto de fadas sobre aquela terra das coisas perdidas, onde todos os pertences desaparecem (sim, o pente também se perdeu), fitas de trança, grampinhos de cabelo, caneta com pena, todos lápis, etc.
Não há volta deste país, tal como há nos contos de fadas.

E agora a menina, que perdeu todas as suas coisinhas, não vive sem lápis, borracha e régua (PETRUSHEVSKAYA, 1999, p. 2).

Deste modo, é possível observar como essa menina que, em sua inocência de criança, sonhava com os contos de fada, passa a se coletivizar. Seus pertences são comuns e, agora, seu comportamento. Ela não mais usa fitas nos cabelos, mas continua sonhando com os contos de fada secretamente e acredita que Tolik é seu príncipe no cavalo branco e pode resgatá-la de um lugar de ausência e dor.

Por isso essa passagem é tão significativa no âmbito da *vitimização*, *prazer e poder* que, de acordo com Zherebkina (2003), constituem a "Performatividade feminina".

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado. (BUTLER, 2003, p. 194 apud. GRAÇA, 2.3).

Essa *vitimização* da mulher russa, que pode ser um dos muitos traços da *psicose coletiva*, isto é, da construção sexual do coletivo, constrói sua personalidade e relações de prazer de forma tal que são expressas em "Groselhas Verdes" na esperança da salvação. Para a menina, sair do sanatório - da coletivização selvagem que este representa - pode ser feito apenas pela fuga da realidade dura, como uma princesa dos contos de fadas que depende do príncipe - ou do Hermes, como ela nomeia Tolik - para ser resgatada.

Para além disso, a *vitimização* pode conferir uma sensação de prazer e poder à vítima, que, ao ser resgatada, impera sobre seu salvador pela relação de que todo salvador precisa de uma vítima, e toda vítima precisa de um salvador. No entanto, o que a menina ainda não compreende é que Tolik não é seu príncipe, mas Hermes, o deus dos ladrões e com isso pretendemos esclarecer que o menino já faz parte do coletivo que toma tudo para si, inclusive o corpo.

Quando a narradora começa a contar sobre uma possível violência sexual, ela comenta que havia testemunhas, que os adultos e as meninas sabem o que acontece no lugar, que alguns até a viram ser abordada por Tolik e seus comparsas, mas que não houve a escolha de ajudá-la.

Essa menina das grandes galochas - característica que distingue nossa narradora - é observada por Tolik, e o olhar é sempre violento como afirmam Rovenskaya (2003), que não tem a intenção de salvá-la do sanatório, mas de coletivizá-la num rito de passagem comum, mas nunca falado.

A menina, por causa de suas galochas grandes demais, é atrasada do ritmo constante da fila das meninas para o refeitório e quando se dá conta, está cercada por Tolik e seus amigos. Ela tenta chamar as outras meninas e os adultos, algumas meninas a escutam, mas não a socorrem, por isso a menina grita com seus agressores que se assustam e assim ela foge.

Existem, portanto, algumas inferências a serem feitas a partir dos eventos descritos. Não é comum que um grupo de meninos se assustem com o grito de uma única menina, e pode ser que a autora tenha tentado conferir a esta menina, mesmo que fictícia, um destino diferente de tantos outros comuns à realidade. Por isso, ponderamos se, a partir de um outro ponto de vista, este trecho propõe uma quebra com a *vitimização*, fugindo do estilo obscuro comum à Petrushevskaya.

Em contrapartida, retomando o que Rovenskaya (2003) concebe como *iniciação do corpo adolescente pelo olhar* e as reações que este olhar desperta, nos atentamos a quais sensações foram acordadas nessa menina. O medo de ser estuprada e a instintividade em gritar e fugir são respostas claras, mas há ainda um desejo pelo agressor que parece ser despertado simultaneamente. Essa suposição parte dos eventos que acontecem posteriormente, quando a menina fala sobre seu amor por Tolik, trechos que veremos em um momento futuro. Agora, é essencial falar sobre as testemunhas da tentativa de violência.

Naquela noite, todas as meninas ficaram em silêncio, ninguém me disse nada. Como se alguma coisa importante tivesse acontecido, necessária para todos, a justiça reinou, todos ficaram satisfeitos. Eles ainda não sabiam que eu havia escapado (PETRUSHEVSKAYA, 1999, p. 6).

Quando a garota fala sobre justiça, ao contrário do que parece óbvio, ela se refere ao fato de que as companheiras do sanatório têm a certeza de que essa menina fora estuprada e, assim, *iniciada*, coletivizada como elas, e por isso se satisfazem. Uma indagação a ser feita é o porquê dessa satisfação quase perversa, e à luz da CF, compreendemos que parte disso se dá pela *psicose coletiva sexual* (ZHEREBKINA, 2003), todas passaram por isso e não seria “justo” que essa menina escapasse de um processo coletivo, mesmo que este processo seja violento. Esta interpretação dos fatos, nos leva a crer que o *olhar*, por mais passivo que seja, é violento.

No dia seguinte, em um momento no refeitório “[...] por algum motivo, as meninas perceberam que eu havia escapado. Tudo voltou ao seu lugar.” (ZHEREBKINA, 2003, p. 9). Com essa sentença, ela se refere aos olhares insatisfeitos e excludentes, a percepção de que essa garota ainda não pertencia ao coletivo, ela escapara da iniciação. Como destacado anteriormente, acreditamos que isso seja um produto de um processo de construção da *sexualidade coletiva*, que, em sua grande maioria, inicia e massifica o corpo feminino através da dor. Esse processo é o que Rovenskaya (2003, p. 9) chama de *iniciação do corpo feminino pela violência* e comenta: “a violência é uma forma comum de relação com a mulher, o mundo está repleto de violência e o corpo da mulher está inserido nesse mundo. Por vezes o violentador não se difere do amante”.

Neste segmento, destacamos como essa menina passa a descrever sua relação com Tolik a partir da emboscada a fim de complementar sua *iniciação violenta* e o desejo despertado a partir da *iniciação pelo olhar*.

Depois do Ano Novo, eles nos deixariam ir para casa, o fim. E não verei mais meu algoz, meu deus Tolik. Tolik, Tolik, eu delirava, um nome como leite cozido, doce, quente. Seus olhos são como estrelas. Suas sardas são como estrelas. Sua voz é como cristal. Seu rosto brilha sobre mim, seus cachos negros, seu olhar arrogante e lânguido (PETRUSHEVSKAYA, 1999, p. 11).

A partir da abordagem dos meninos, consideramos se essa resposta da menina, ou seja, o modo como esta se apaixona por Tolik mesmo após uma tentativa de estupro, não seja fruto do *olhar* desses meninos e uma possível assimilação como “desejo”. Portanto, é possível que esta menina tenha sentido que foi alvo do desejo de Tolik e isso a fez se apaixonar pelo garoto. Ainda assim, retomamos o que Rovenskaya (2003) nomeia *iniciação violenta* para refletir que a realidade da mulher

soviética era violenta e esta menina, mesmo que ainda não iniciada, fora concebida em meio a esta realidade. Assim sendo, aos olhos da menina, Tolik é “algoz e deus”, ambos violentadores e amante.

Tolik vez ou outra aborda a protagonista com alguns empurrões e zombarias, o que hoje entende-se por assédio. Não obstante, mesmo que esta pesquisa não se atenha a compreender os processos que constituem a formação do homem russo e muito menos os conceitos da CF, buscamos fazer uma rápida análise do personagem Tolik.

Mesmo que as autoras utilizadas para a análise deste conto se atenham à dialogar unicamente com a mulher russa, cabe dizer que a *psicose sexual é coletiva* e, por isso, homens e mulheres estão inseridos em um mesmo contexto. Assim, sondamos se a resposta violenta de Tolik também seja consequência de uma *iniciação violenta* de seu corpo.

Com a chegada do ano novo e do fim do ano letivo, a menina percebe que voltar para casa é deixar o seu amor, com quem chega a partilhar uma dança na festade encerramento do sanatório. Quando retorna à cidade, a menina começa a receber ligações de Tolik na casa da família convidando-a para sair. A menina então escuta outras vozes pelo telefone, risadas e zombarias, e percebe que para Tolik aquilo era uma grande brincadeira, ela desliga o telefone e o conto acaba.

Com este conto, Petrushevskaya nos conduz pelo despertar da sexualidade em uma adolescente que é vítima de um sistema político generalizador e agressivo que trabalha por meio do sanatório, um órgão que acaba por padronizar e submeter os pacientes a uma realidade dura e fria. Há também o grito de uma menina, metafórico e ao mesmo tempo real, que ao mesmo tempo em que a salva do estupro, a exclui do coletivo, assim, este conto é a narração da dicotomia “público x privado” do ponto de vista de uma adolescente, ele dá voz às muitas meninas e mulheres que foram caladas em sua época.

3.2 “Ala das condenadas”

A segunda escritora que iremos abordar é a já mencionada Marina Paley, escritora, poetisa e roteirista nascida em St. Petersburgo (na época - Leningrad). Estudou medicina finalizando o curso em 1978, área na qual atuou por alguns anos

como técnica médica, além de fazer trabalhos também como modelo e participar de um círculo teatral amador.

Foi apenas em 1984, durante seus estudos no Instituto da Literatura de Maxim Gorky, onde foi uma das cinco mulheres em sua classe de oitenta homens. A partir daí começou a escrever e foi também nesse período que tomou gosto por ficção. A autora se formou com louvor em 1991 e foi convidada a ingressar no Sindicato dos Escritores.

Como muitos artistas da época, Marina Paley trabalhou como vigilante noturna e faxineira, trabalhos que lhe permitiam simultaneamente expressar sua insatisfação com as instituições culturais oficialmente sancionadas e ser livre para se dedicar à escrita por longos períodos. Em 1987 deixou de vez o trabalho como vigilante noturna para se dedicar integralmente à escrita, redigindo suas primeiras publicações de crítica literária e resenhas.

Foi nesse período que se tornou membro do movimento dissidente, ingressando no partido independente A União Democrática em 1988 e logo depois publica seu primeiro conto (1989) seguido pelo seu famoso romance "Evgesha e Annushka" (1990) que a colocou definitivamente no circuito literário

Em 1991, foi publicada pela revista "Novo Mundo" uma história ainda mais escandalosa de Marina Paley - "Cabiria do Canal Obvodny", um romance explicitamente feminino, repleto de cenas sexuais e considerações sobre o prazer da mulher. Nesse mesmo ano foi também publicado em Moscou seu primeiro livro, "Ala das condenadas", título que também dá nome ao conto analisado. Em 1995 se muda para os Países Baixos onde reside até os dias atuais, mas continua a escrever e publicar na Rússia.²⁹

É possível distinguir duas fases no trabalho da escritora. O primeiro está ligado à sua vida na Rússia, onde foi escrita a história "Cabiria do Canal Obvodny", notada tanto pela crítica russa quanto ocidental, criando assim sua reputação como escritora literária.

O segundo período começa com sua partida permanente, em 1993, para a Holanda. Durante esses anos, após uma pausa bastante significativa, surgiram suas principais obras, que gerou uma reação ambígua entre os leitores russos: o ensaio

²⁹ Cf. a descrição em: <https://magazines.gorky.media/authors/p/marina-palej>. Acesso em: 2 set. 2021.

"Longa distância ou sotaque eslavo" (2000), que a autora chamou de "imitações de cenário", e o romance "Almoço" (2000).

Apesar das críticas sobre suas obras escritas e publicadas no "estrangeiro", fora da Rússia, suas obras foram traduzidas para várias línguas, são elas: italiano, inglês, francês, finlandês, japonês, tcheco, letão, esloveno, espanhol, norueguês, entre outras.

Além da atividade literária, ela cria performances de seus textos, combinando-os com música e fotografias. Assim, ela atua como um "objeto de várias imagens" e cria sua própria performance artística no estilo "one-person-show". Paley também atua como tradutora de poesias do italiano, holandês, grego moderno, inglês e esloveno, bem como prosa flamenca.

Os trabalhos de Marina Paley foram selecionados para vários prêmios russos e internacionais, em 1995, no Festival Internacional de Rotterdam Story, recebeu o título de "Russische Stijlprinses" (princesa russa do estilo). Recentemente, de 2011 a 2013, a editora Eksmo (Moscou) publicou uma coleção de 9 volumes de sua prosa e drama.

Em "Ala das condenadas" (1991) as protagonistas são várias mulheres pacientes da ala ginecológica e obstétrica de uma clínica pública. As outras personagens são as enfermeiras e os dois médicos, um velho e um novo que chega à capital com a intenção de ganhar experiência para depois ter maior facilidade para entrar no doutorado. Os dois médicos não estão interessados em ajudar suas pacientes e, como personificação disso o tom da narração é pessimista, tedioso, a atitude indulgente e depreciativa dos médicos e das enfermeiras e a negligência com a pacientes permeiam a obra.

O conto relata a crueldade contra os corpos femininos, tanto através da denúncia de abortos como único método de contracepção, como através dos relatos de atendimentos pré e pós-natal. Paley divide o conto em 5 partes que se assemelham a um prontuário dos atendimentos no consultório de Philip Arnoldovich, um médico que realiza procedimentos ginecológicos, em grande maioria abortos.

Philip é caracterizado como um homem ríspido, que está cortando as cutículas das unhas e abre buracos na própria carne sem esboçar o menor traço de dor quando recebe a primeira paciente. Esta é referida como "baba", palavra russa comum às mulheres robustas do campo, que está grávida e procura atendimento para realizar

um aborto. Como já dito anteriormente, esta era para a maioria das mulheres soviéticas a única maneira de contraceptivo e, assim, um recurso utilizado repetidamente. Esse é o caso de baba, que retorna ao consultório de Philip Arnoldovich pouco tempo depois de ter feito seu último aborto.

- Vá, minha querida, direto para casa - sem tirar os olhos da navalha, Philip Arnoldovich finalmente fala com sua voz enfadonha: beba algo [para abortar], não sei o que diabo vocês bebem por aí, ou levante seu marido, ele deve ser pesado, né? (PALEY, 1991, p. 2).

O médico então é nosso primeiro ponto de análise, pois é através dele que o *olhar* ganha vida no escrito de Paley. Como elucidado anteriormente, o *olhar* em “Groselhas verdes” desperta na menina a sua própria sexualidade, já aqui, em “A ala das condenadas”, o *olhar* de Arnoldovich é sempre carregado de violência e acorda em cada uma de suas pacientes as mais diversas sensações. Desta maneira, é importante comentar que todos os conceitos escolhidos para a análise dos contos ganham uma nova perspectiva em “Ala das condenadas”, que é permeado por um tom mais realista, e até pessimista, em comparação ao conto anterior.

Portanto, é já nesta primeira paciente que percebemos o que Rovenskaya chama de “iniciação do corpo feminino” (2003). É de extrema importância resgatar tal conceito e esclarecer que, para Rovenskaya, a iniciação do corpo da mulher se dá de diferentes formas e estas formas nunca estão livres da violência. Aqui nos apropriaremos de todas as formas de iniciação do corpo da mulher com exceção da *iniciação do corpo adolescente*, são elas: o *olhar* ou o *olhar violento*, o *aborto* e a *dor*.

- Você veio para mim há dois meses? Veio. Eu limpei você? Eu limpei. Você teve alguma reclamação contra mim? Você não tinha queixas contra mim. - No ritmo das palavras de Philip Arnoldovich, ele vira a cabeça detalhadamente, olhando de todos os lados os buracos em suas unhas que parecem presunto no celofane. - E agora você quer que eu faça um buraco em você? Você sabe qual vai ser o buraco? - Sem deixar a navalha, ele puxa os seus dedos profissionalmente alongados e os cruza com os dedos da outra mão, fazendo um sinal que representa as grades de cadeia. Baba, paralisada na mesma posição, tenta sorrir por precaução (PALEY, 1991, p. 2).

No trecho em questão observamos o médico negar o procedimento à baba, pois sua gravidez se estende além do período permitido para realizar o aborto e, por isso, receia ser preso; a enfermeira Petrovna despacha a paciente e subteende-se em

um breve diálogo que irá realizar o aborto clandestinamente. Assim, o procedimento é também uma espécie de rito de passagem da mulher soviética, comum - senão a todas - a grande maioria delas. Não é de nosso interesse atribuir valor ao ato do aborto, mas compreender o que esse ato significou para as tantas mulheres que o fizeram, para as gerações inteiras que foram marcadas pelas diversas vezes em que tiveram de deitar na mesa de um médico, como Philip Arnoldovich, que as “limpava”.

Desta forma, o aborto é para Rovenskaya uma forma de *iniciar* o corpo de uma mulher e depois outra, formando assim um coletivo de corpos femininos interrompidos que compõem uma *neurose coletiva*. Portanto, é essencial indagar sobre as cicatrizes emocionais desse coletivo, de que forma e até que ponto esse coletivo se constrói no trauma, ou seja, na *dor*? Essa é uma das muitas questões que ruminam nesta pesquisa.

Quando evocamos o trecho em que o médico nega realizar o aborto em baba, somos de certa forma *testemunhamas* do *olhar* que Arnoldovich emprega à sua paciente, expressados por meio da linguagem ofensiva. Assim, termos como “limpar” e “buraco” sugerem que o médico se exime de qualquer abordagem afetiva com relação às mulheres que atende, afirmando aquilo que Zhrebkina observa ser característico na literatura pós-soviética.

O fenômeno da “linguagem ofensiva” em relação ao funcionamento do feminino na sociedade se entende como prática dual, - não só como língua relacionado às mulheres (quando a língua não simplesmente as ofende, mas as cria como ofendidas), e também como uma linguagem do ofendido, do subordinado, que se transforma na linguagem do ódio (ZHEREBKINA, 2003, p. 10).

Portanto, a “linguagem ofensiva” é um recurso amplamente utilizado por Marina Paley em seus contos. Aqui, em “Ala das condenadas”, a linguagem está presente já no título, quando atribui às mulheres a característica de “condenadas”, pois é desta maneira que as pacientes são recebidas no consultório, como corpos fadados à *dor*. Quem personifica a “linguagem ofensiva” na maior parte do conto são os médicos Philip Arnoldovich e Zhenya; no entanto, como Zhrebkina explica, essa também se torna a linguagem do subordinado e é reproduzida ocasionalmente pelas mulheres. Uma perspectiva de análise é que essa linguagem não somente ofende ou qualifica essas mulheres, mas as transforma em “condenadas” ao ponto delas próprias se perceberem como tal e reproduzirem a condenação.

Ainda no que se refere à “linguagem ofensiva”, Zherebkina afirma haver duas óticas sob as quais essa linguagem deve ser vista, por isso:

Uma especificidade da literatura feminina pós-soviética [...] é que nela está sendo pesquisada essa dualidade da “linguagem ofensiva” - não só como cruéis estereótipos e atitudes do governo patriarcal que leva a mulher às condições desumanas (como os horrores de abortários ou estupro como instrumentos de poder), mas também como uma linguagem criada como resposta da mulher a crueldade do poder, uma linguagem que desesperadamente representa as “suas entranhas” (ZHEREBKINA, 2003, p. 10).

A primeira delas é então a constante subordinação da mulher refletida nas falas dos personagens e não pertence às autoras da CF, mas estão presentes aqui porque também estavam no período da União Soviética; a outra é o que chamamos de “linguagem documental”, a descrição dos corpos que reflete a realidade crua destes. Essa última, acreditamos ser uma forma de denúncia e, principalmente, de libertação da dicotomia “público x privado” (ZHEREBKINA, 2003), daquilo que é sabido e nunca falado. Logo após a consulta de baba o seguinte diálogo acontece:

- Bem, como ela pode manter o bebê? Por favor, diga - o médico se vira para Darya Petrovna, acenando com a cabeça.
- Como preservar [a gravidez] quando ela estava se debatendo nos arbustos com um funcionário do hospital ontem? Ela está com seis meses de gravidez, seis meses, e ela cavalga nele a toda velocidade
- isso é, talvez, a sua forma de salvar o bebê
- Mas... - Darya Petrovna começa por uma questão de aparência, pois a pergunta é retórica.
- Feche as portas da ala para que nenhuma vagabunda corra para o quintal. [...] (PALEY, 1991, p. 3).

Esta é uma conversa entre o médico e a enfermeira Petrovna logo após ouvirem o grito de uma paciente grávida que chega ao hospital com dores; novamente, Arnoldovich é implacável no tratamento da mulher. Cabe mencionar que esse descuido com o corpo por parte das mulheres pode ser uma sequela dessas diversas violências e ofensas, mas há também de se compreender o contexto no qual elas estão inseridas; a vida rural é árdua, o trabalho é pesado e penoso, característica que pode refletir em outros aspectos da vida social, como o sexo.

Destarte, a percepção que este médico tem de suas pacientes, a forma como ele expressa esse *olhar*, ou melhor dizendo, pela linguagem, é em si uma forma de

iniciar seus corpos dentro de uma sócio-cultura patriarcal, de maneira tal a culpabilizar essas mulheres pelo sexo e pela gravidez. Logo, os traumas do aborto e a rispidez do médico nos levam a crer que a gravidez, e também o sexo, tornam-se sentenças para essas mulheres, potencializando aquilo que observamos extensamente nos capítulos anteriores, isto é, a negação do prazer.

Em consequência, retomamos o conceito de *dessublimação repressiva* (Noheil, 1996) pois, à medida em que estas pacientes precisam relegar o prazer em função das suas consequências indesejadas e a única maneira de remediar é por meio de um procedimento invasivo como o aborto, seu corpo já não é mais seu e passa a pertencer ao juízo de um médico incompreensivo.

O problema da corporalidade tem outro aspecto importante, além de ser corpo e poder ou corpo e semiótica, a civilização patriarcal vê na independência da mulher a ameaça para a alteridade masculina, que é o princípio básico realizado em todos os níveis nas instituições governamentais e religiosas. O controle sobre a corporalidade feminina se faz necessária para a estabilidade do discurso patriarcal (ROVENSKAYA, 2003, p. 3).

À vista disso, relembremos o aspecto histórico comentado no primeiro capítulo que se sucedeu após a - suposta - libertação sexual, os diversos estupros coletivos podem ser uma das motivações pelas quais essas mulheres recorrem ao aborto. Logo, por diversos momentos, Paley parece atribuir a seus personagens metáforas que agenciam em função de um contexto maior; ou seja, uma paciente não é apenas uma mulher, mas a corporalidade feminina, e Arnoldovich não é apenas um médico, mas o sistema falocrático e seu consultório é um instrumento de estabilização desse patriarcado.

Há ainda uma questão recorrente durante a leitura do conto: por qual razão a mulher deve sofrer sozinha não apenas o corte da “limpeza”, mas também ser alvo da arbitrariedade deste médico? É em função desta questão que esta pesquisa é redigida no viés do corpo feminino, pois o apagamento destes corpos se dá de forma arbitrária, solitária e - por que não? - machista.

A posteriori, uma nova paciente visita o doutor Philip Arnoldovich, dessa vez uma moça mais jovem, casada com um homem rico que a manda para o centro urbano para colocar o DIU e é Arnoldovich quem acompanha o sucesso do evento.

- Do que você está rindo? - entra Darya Petrovna - Responda. Lembre-se disso: o médico e o alfaiate não são homens.
- E eu não sinto nada - a de cabelo encaracolado habilmente traduz a conversa, levantando-se sem constrangimento na cadeira odiada pelas mulheres, como se para ela, esta cadeira não existisse.
- Procure-o melhor na cama, talvez você o encontre lá - diz Philip Arnoldovich bruscamente, mas quase sem malícia, calçando luvas de borracha (PALEY, 1991, p. 6).

Esta paciente é uma exceção à realidade da Rússia soviética, pois recursos como o DIU não eram conhecidos. Desta passagem, a primeira inferência observada é a jovem não ter optado pelo uso do contraceptivo, mas ter sido sugerida por seu marido a colocá-lo, abdicando de seu poder de escolha sobre seu próprio corpo. Philip a trata com o usual descaso, usando a ironia como munição para negligenciar seu corpo - seja por desprezo ou por ignorância - e essa queixa contra o sistema médico é constante em Paley.

Entretanto, uma análise tendenciosamente otimista é que, dentre as tantas mulheres que são iniciadas, esta é uma das poucas que pode usufruir do sexo como prazer sem temer uma iniciação mais violenta e dolorosa, e, ironicamente, isso é fruto de sua abdicação. Assim se encerra a primeira parte do conto.

Na segunda parte, é introduzido o doutor Evgeny Igorevich Razduvaev, médico recém formado que planeja praticar por algum tempo nessa clínica do interior a fim de adquirir experiência rapidamente e voltar para a cidade grande em uma melhor posição profissional.

Desta maneira, Arnoldovich, que ignorante aos planos do recém formado acredita ter agora um colega de profissão com quem possa partilhar suas experiências, compreende o plano de carreira do novo médico e se frustra ao ser lembrado de suas próprias ambições fracassadas. Logo Philip nomeia o jovem médico como titular do departamento, que é chamado pelas enfermeiras insatisfeitas com sua abordagem e soberba de Zhenya.

Sussurros de outro tipo vieram a ele - das pacientes. Elas reclamaram uma para a outra - baixinho, com medo - que Zhenya não fazia a curetagem corretamente, que depois sangravam novamente ("Eu acordei em casa - é como um carneiro de sangue") e que você encontra o mesmo Zhenya pela segunda vez. Yevgeny Igorevich, ignorando, não condescendia com explicações, mas com sua aparência mostrava às mulheres que seus organismos errados, instrumentos domésticos ruins e condições locais insuficientes eram os culpados (PALEY, 1991, p. 9).

As pacientes, descontentes com Zhenya reclamam a Arnoldovich, mas não surte efeito e continuam a ser atendidas pelo jovem. Essas mulheres que outrora eram violentadas pelo *olhar* arbitrário de Arnoldovich, agora são violentadas pelo *não olhar* e indiferença de Zhenya, que atribui tais doenças aos seus corpos “errados”. É nessa sequência que, em uma onda de frio, muitas mulheres adoecem, inclusive a jovem que havia colocado o DIU no ato anterior e quando seu marido percebe que está sendo medicada com placebo, exige um tratamento mais eficaz.

Zhenya prescreve penicilina para a jovem e o marido se prontifica a comprar no centro da cidade, mas Arnoldovich, com seu ego ferido, afirma que a clínica dispõe desse medicamento e como punição a Zhenya por ter cogitado permitir que o marido da jovem pagasse pelo remédio diz que irá descontar o medicamento da folha de pagamento do jovem doutor, por isso ele opta por não medicar a moça dizendo: “quantos menos fazemos, menos prejudicamos” (PALEY, 1991, p. 8), logo após, a paciente falece, mesmo assim, não há grande comoção no hospital, que começa a se preparar para os feriados de fim de ano.

Retomando a análise crítica do conto em questão, Marina Paley subentende que a paciente morreu por negligência médica, mais uma vez operando por meio da “linguagem documental” para falar sobre as tantas mulheres que morreram por abortos mal feitos, medicamentos não ministrados, entre outros. A ironia que Paley denota a esta paciente que havia escapado da *iniciação pelo aborto*, a leva a ser *iniciada pela dor*, o que nos traz de volta ao ponto de generalização, ou melhor, coletivização da violência ao corpo feminino. Uma outra concepção irônica na passagem desta mulher é que ao ser *iniciada*, ela morre, configurando uma denúncia à realidade crua da União Soviética.

Cinco minutos depois ele foi visto realizando um aborto com uma jovem enfermeira-estagiária da área, a qual ele muito habilmente ensinou as técnicas de sua ciência bárbara: uma enfermeira assustada sentou-se em frente ao útero aberto de uma mulher ignorante e Zhenya se encolheu atrás dela como um demônio ladrão, com uma das mãos conduzindo círculos em um buraco sangrento com sua escova e a outra - forte, lentamente, como se estivesse ordenhando - apertou o grande seio da enfermeira (PALEY, 1991, p. 11).

O trecho em questão é a sequência após Zhenya não ministrar o medicamento à jovem que morreu, a cena descreve que, enquanto o médico auxilia a nova enfermeira a realizar um aborto, ele a molesta sexualmente. A questão do assédio em si já é problemática, quando somada a um procedimento tão íntimo e doloroso quanto o aborto é possível experimentar uma parcela da repressão a qual a mulher soviética é submetida.

Dois corpos aqui estão sendo violentados, enquanto uma mulher é tocada sem seu consentimento, a outra deve consentir ao toque para se libertar da gravidez indesejada, ambas à mercê de um médico, aquele que é juramentado para cuidá-las. Com essas denúncias de violência e negligência, se encerra a segunda parte do conto. Já no início da terceira parte, a autora observa os corpos femininos pelos olhos da enfermeira Daria Petrovna:

Durante uma conversa tão pacífica, as mulheres, nuas e mansas, cada uma com um balde nas mãos, diligentemente ficam atrás da cabeça uma da outra. A sina da mulher pela geografia dos corpos vaporizados, seus corpos mudam do dia para a noite: cicatrizes após a amamentação em seios caídos, cicatrizes no abdômen após a cesariana, varizes nas veias flácidas em pernas arqueadas pelo trabalho pesado, estrias de gravidez nos culotes caídos, barrigas que pariram tantas vezes que parecem pochetes (PALEY, 1991, p. 13).

Não há neste conto, passagem tão honesta com a mulher soviética, que é mais uma vez descrita de forma visceral, “documental”; seus corpos são, para Marina Paley e muitas outras autoras russas, os contadores de suas próprias histórias, fato que gerou diversas críticas como explanado no segundo capítulo. Muitos críticos soviéticos negavam o mérito de autoras mulheres por sua linguagem “menstrual”, com enfoque nessa documentação, afirmando que esse enfoque era o que dificultava a globalização e, assim, o enaltecimento da literatura russa.

Contudo, é por meio desta passagem que retomamos a noção de “corpo e poder” concebida por Zhrebkina (2003) e outras autoras da CF ao afirmarem que o corpo sacrificial confere poder à vítima. O que buscamos compreender aqui é que as mulheres descritas não têm seu sacrifício reconhecido, seus corpos são alvo de repúdio pelos médicos que os cortam, são estuprados, cortados, marcados pelo parto, amamentação e pelo trabalho pesado.

Em diversas partes do texto somos lembradas que se existe barganha para o sexo feminino, não é de toda forma justa: parto ou o aborto, estupro por um ou por

outro, Arnoldovich ou Zhenya, jovem morta pela não manutenção do DIU ou a baba que passa pelo aborto de número sabe-se lá qual. Por isso há a necessidade de refutar esta concepção escrita por Zherebkina, mas entendendo que estes corpos estão sim em uma configuração de poder, como subalternos do sistema falocrático.

A manutenção dessa subalternidade se dá de tal forma que, quando Petrovna faz sua análise das mulheres na sauna, ela mesma utiliza da “linguagem ofensiva” para falar da primeira paciente, a baba, que está grávida. Ela se questiona se o aborto que fez clandestinamente não teve efeito, mas após fazer as contas constata: “é um novo recheio!” (PALEY, 1991, p. 12). A “linguagem ofensiva” passa a fazer parte da construção coletiva de poder sobre a mulher de maneira que é agora perpetuada por elas próprias e assim se transforma em “linguagem do ofendido”, isto é, não é mais um instrumento de submissão, é agora normal e cotidiana.

Sucedendo o encontro na sauna, Znobishina (a baba) já com cinquenta anos dá à luz um bebê doente, amarelo, e retorna ao hospital onde escuta o Doutor Zhenya falar sobre uma menina também recém nascida: “mais uma condenada nasceu” (PALEY, 1991, p. 13). Por esse comentário e pelo fato de ter parido um menino doente, Znobishina sente profunda vergonha e culpa.

E, como um pecado, a criança nasceu, aparentemente não está tudo bem, porque todos os outros bebês já foram trazidos para se alimentar, mas ele não. As mulheres da enfermaria comem para ter leite, e Znobishina engole a comida de graça e toma em uma cama para nada, e tem uma vergonha insuportável de sua ociosidade inesperada (PALEY, 1991, p. 13).

A mulher sente, por meio da linguagem do médico e da já perpetuada ideia de desmerecimento, que é indigna dos cuidados, mesmo que escassos, daquele lugar.

Ela tem vergonha de incomodar Yevgeny Igorevich com perguntas, oprimida por se sentir como um parasita e preocupada com sua incompreensível e perceptível, mas inexplicável, nocividade para o hospital, mas as mulheres, antes de qualquer médico, lhe disseram que ela tinha um filho amarelo-esverdeado, um sapo. E agora ela está aprendendo a deitar de frente para a parede (PALEY, 1991, p. 13).

Diante de todos os conceitos já elucidados, é, neste trecho, evidenciada a figura histórica da mulher soviética, a mulher subalterna, envergonhada, indigna de qualquer cuidado. Com maestria, Paley expressa essa face coletiva por meio da linguagem,

não com o intuito de envergonhar ainda mais sua personagem, mas de desvelar as sensações e múltiplas violências incutidas ao corpo desta. Logo:

[...] nos tempos pré-soviéticos e soviéticos, o gênero feminino e, com isso, a sexualidade feminina, eram representados pela linguagem na função de "vergonha", ou seja, a função de fazer a mulher envergonhada. Então, no período pós-soviético, a literatura feminina com sua fórmula de "mostrar as entranhas" e contra a função de envergonhamento do feminino na cultura, inevitavelmente se constrói como um experimento linguístico, em qual a função política de legalização da repressividade prevalece sobre a literatura pura, a literatura em si [...] (ZHEREBKINA, 2003, p. 9)

Para Znobishina, que é soviética e por isso coletiva, a sua presença no hospital e o “prejuízo” que gera ao governo por estar ali é motivo de vergonha e culpa superior a dor do parto ou o afeto pelo filho doente. Znobishina é uma mulher de 50 anos que passou por diversos abortos, sendo um deles clandestino, o que provavelmente causou a má formação de seu filho; entretanto, ela e as outras mulheres na ala dizem que o real motivo de ter parido um filho amarelo foi um mau agouro que Zhenya trouxe para o hospital ao contar histórias assustadoras sobre seus pacientes do passado.

De qualquer forma, a mulher se culpa por não ser capaz de gerar um filho saudável e, mais ainda, por estar usufruindo dos benefícios da clínica, o que nos leva a ponderar se este não é um caso contemplado pela opressão múltipla, gerações inteiras de mulheres foram oprimidas e subalternizadas, findando por absorver de maneira intrínseca e inconsciente o “seu lugar”, isto é, a sua inferioridade programada. Por fim, Znobishina é banida do coletivo, seu leite deve ser colhido e jogado fora, pois é impuro, e espera seu filho morrer para que enfim pare de explorar recursos públicos.

As outras duas últimas divisões de “Ala das acabadas” falam sobre o período de espera pela morte do garoto, da vergonha de Znobishina e de eventos corriqueiros que acontecem no hospital; de forma poética, Paley (1991, p. 19) finaliza o conto com Zhenya recebendo uma paciente: “Bem, acabada? O que, minha alma, o que tem pra me contar? - o chefe dos departamentos ginecológicos e obstétricos Yevgeny Igorevich Razduvaev inicia uma consulta ambulatorial”.

Por fim, “Ala das acabadas” ecoa tantas denúncias ao tratamento da mulher na ex-União Soviética quanto queixas à própria União Soviética que, metaforicamente, é mostrada por meio de uma ala ginecológica e obstétrica. As mulheres que passam por essa clínica não são todas vítimas de assédio e estupro, mas escolhem abortar;

por isso concluímos que o motivo do aborto não é uma questão para Marina Paley, e sim a forma como este se faz presente, suas consequências psicológicas e sociais. Ainda assim, é de suma importância a propriedade com que Paley fala de assuntos políticos, sociais, coletivos - mesmo que individuais - e tão atuais para as mulheres russas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se delineou a partir da necessidade de compreender porque o corpo da mulher é alvo de tantos tabus, com foco na negação e vergonha da sexualidade da mulher durante e após a União Soviética. Por isso, procuramos entender como se deu, na história, a construção da consciência do corpo como um receptáculo de dores, mesmo em um país com tantos discursos libertários e de da mulher. Para isso, seguimos uma série de objetivos específicos, tais como a trajetória histórica da mulher na URSS “igualitária” e os direitos do corpo, para depois introduzir a questão: “se a Rússia era de fato um país onde havia a igualdade social e de gênero, por que hoje há tamanho retrocesso em relação aos direitos da mulher?”

No decorrer da pesquisa percebemos o quanto é desconhecido o tema proposto, o que delimitou um caminho mais informativo do que o previsto no início, mas igualmente necessário para o esclarecimento de aspectos históricos na formação da presente autora, que é de nacionalidade soviética. Em vigor dessa falta do conhecimento tanto da história da mulher quanto da escrita da autoria feminina, surgiu mais adiante a necessidade de realizar um mapeamento acerca da literatura de autoria feminina e apresentar as escritoras que delinearam a formação deste gênero literário nos tempos pós-soviéticos. Ainda assim, foi necessário traçar um corte e analisar apenas produções de um certo período em função das limitações de tempo e recurso geográfico, por isso a priorização daquelas autoras mais conhecidas e lidas, e também daquelas que, ao nosso ver, tornaram-se porta-vozes das questões da mulher e abriram caminhos para que outras pudessem também se formar como autoras da prosa feminina.

Inicialmente, houve também o desejo de comparar as teorias feministas russas e ocidentais a respeito da crítica literária, no entanto este objetivo não foi alcançado, tendo em vista que as teorias russas são adaptações do que foi anteriormente produzido no ocidente. Por isso, o trabalho foi redigido sob a ótica das peculiaridades russas presentes na Crítica Literária Feminista, o que não representa um isolamento de teorias e críticas, mas uma maior percepção do que as moldou nas condições históricas e literárias na ex-União Soviética até os dias atuais. Desse modo, frisamos o uso de conceitos e teorias específicas russas, o que tornou possível nos

debruçarmos sobre uma nova concepção da mulher, pois os capítulos foram elaborados, em sua grande maioria, a partir de pesquisadoras mulheres.

Durante a escrita do primeiro capítulo, que diz respeito à leitura histórica da mulher soviética, foi possível detectar que a propaganda igualitária sob a qual se embasou a Revolução Comunista foi estruturalmente corrompida e acabou por refletir negativamente na construção dos ideais de liberdade de gênero. Rememoramos aqui que essa ideologia apenas foi incluída no programa político comunista por Lenin após a insistência de Armand, Krupskya e Kolontai. Assim, vimos que o feminismo é incitado levando em conta alguns pontos, a exemplo da diferença salarial pois, apesar das novas possibilidades de empregos e educação, homens ainda recebiam mais dinheiro; do aborto como único “método contraceptivo” e os traumas consequentes a este; a igualdade de gênero em função da necessidade de força de trabalho e, por isso; o apagamento do indivíduo, que foi massificado pelas políticas de nacionalização e unificação, e; a extinção da noção de privacidade.

Ademais, a compreensão da estrutura familiar como extensão da nação, nos possibilitou compreender como se constrói a paternidade na Rússia até os dias atuais, uma ausência revelada no conto de Marina Paley “Evgesha e Annushka”(1991), e em tantos outros, onde as famílias são construídas por crianças e gerações de mulheres. Também nessa perspectiva destacamos a influência da igreja ortodoxa, que, mesmo após seu banimento, reforçou o patriarcalismo e a criação de papéis de gênero vinculados à normatividade e moralidade, como por exemplo a figura da “boa esposa”.

Esse aspecto já, parcialmente, responderia à nossa pergunta: por que a mulher e a sexualidade feminina ainda são vistas de maneira tão estática e repreensiva? Com a literatura clássica, e sua constante repetição a partir dos grandes nomes Tolstói e Dostoiévski e seus ideais da mulher glorificada, é improvável que haja mudanças. Não pretendemos subestimar a produção clássica, mas a sua reprodução como uma tentativa de engessar a estrutura social. Junto ao processo de escrita, descobrimos inúmeros fatos violentos sob os quais se edifica a Rússia pós-soviética, tais como estupros, tanto no começo da revolução sexual, quanto nos campos de concentração.

Em suma, a luta pela igualdade e liberdade feminina nunca foi em nome da mulher, mas um projeto político, a violência doméstica sempre foi tratada com desatenção e hoje é ignorada.

Já no segundo capítulo, objetivamos analisar a construção da crítica literária feminista russa e seu desenvolvimento na literatura pós soviética, por isso promovemos uma breve investigação acerca do feminismo em geral, entretanto não foi possível concluir acerca dessa CF genuinamente russa. Isso se dá porque a maioria das teorias literárias desenvolvidas na Rússia advém da Europa-ocidental, em especial da psicanálise. Neste sentido, foi proposto um apanhado de conceitos utilizados por diversas estudiosas da literatura de autoria feminina a fim de serem posteriormente apropriados para uma análise de contos russos.

Mesmo não sendo possível operar conceitos construídos na União Soviética, priorizamos teóricas russas ou russo-falantes que se apropriaram dos conceitos ocidentais e os adaptaram à realidade soviética. Essa divergência quanto aos conceitos adotados é também abordada, mas é preciso destacar que as pesquisadoras trabalham com adaptações teóricas e por isso fundamentam uma base teórica fortuita para que suas contemporâneas possam delinear uma nova crítica literária pensada a partir do contexto russo atual.

Ainda no segundo capítulo, realizamos um mapeamento da produção literária feminina na Rússia, em busca de conectar a história da mulher russa, as teorias críticas fomentadas pelas pesquisadoras estudadas e diagnosticar como se dá a escrita feminina hoje. De modo curioso, o que observamos foi um início tortuoso, onde as autoras não apreciavam serem atribuídas títulos como “autoras femininas”, mas sedimentaram o caminho para que, a partir da década de 1990, houvesse a adoção de uma estilística visceral, com o intuito de denúncia das violências contra o corpo da mulher; já atualmente, o que se vê é a abertura da produção literária para âmbitos menos dolorosos, já sendo possível discutir prazer e sexualidade sem tantos tabus.

Por fim, no terceiro capítulo, houve a tentativa de analisar dois contos que discutem o contexto das dores às quais o corpo feminino foi submetido e como as representações são materializadas por Paley e Petrushevskaya. No que diz respeito à constituição da mulher soviética, observamos que o regime comunista em distintos

períodos, e como este interferiu no processo de consciência corporal, de consciência individual e social, bem como trouxe muitos traumas que hoje podem ser perpassados por mérito de produções tão reveladoras quanto “Groselhas Verdes” (ano) e “A ala das condenadas” (ano).

Um dos escopos que originalmente almejamos com esta dissertação era a análise da sexualidade na Rússia pós-soviética, objetivo que não foi cumprido na íntegra. É eventual a menção à sexualidade nos estudos de Kollontai, porém não alcançamos a percepção individual da sexualidade nos teóricos abordados. Já a visão soviética sobre o sexo foi abordada por intermédio de juristas e publicistas, mas o foco de suas críticas eram abuso sexual, pornografia, prostituição e abortos ilegais, pois poucos estavam interessados em discutir sobre uma sexualidade saudável e o prazer sexual. Outros objetivos não puderam ser concluídos, como os diversos aspectos do corpo, em função da necessidade de divergência com o tema originalmente proposto.

Em conclusão, relembramos que na introdução desta pesquisa falamos sobre as mulheres que estão presas por se manifestarem publicamente contra a violência e sobre a decisão do governo Putin de revogar as leis contra a violência doméstica. Entretanto, nos três anos de escrita, surgiram novas maneiras por meio das quais as mulheres têm denunciado o apagamento da liberdade feminina, a exemplo de vídeos em plataforma de streaming, podcasts, entre outros, que falam abertamente sobre aborto, maternidade, depressão pós-parto, sexo etc. Portanto, respondemos a entrevista dada por Lyudmila Petrushevskaya (2020) quando afirma que “nada pode salvar a mulher russa” por meio dessas ações e de trabalhos que conferem à mulher o lugar de protagonista de sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

АЙВАЗОВА, Светлана. **Русские женщины в лабиринте равноправия.** Очерки политической теории и истории Документальные материалы Москва: ЗАО Редакционно-издательский комплекс, 408 с. Ю, 1998.

AIVAZOVA, Svetlana. **As mulheres russas no labirinto da igualdade.** Ensaaios sobre a teoria política e a história. Matérias documentais. Moscow: ZAO izdatelsko-redakcionnij kompleks, 1998.

АРБАТОВА, Мария. Женская литература как факт состоятельности отечественного феминизма. **Преображение.** Русский феминистский журнал. - М., 1995. № 3. СС. 26-27.

ARBATOVA, Maria. A literatura da mulher como fato de acontecimento do feminismo russo. **Preobrazhenie.** A revista feminista russa, Moscow, n. 3, p. 26-27, 1995.

_____. **Меня зовут женщина.** Москва: АСТ, 2008.

_____. **Meu nome é mulher.** Moscou: AST, 2008.

БАРАБАН, Елена. Заметки на полях феминистской критики русской литературы. **Гендерные исследования,** Харьков, n. 9, 2003.

BARABAN, Elena. Anotações nas margens de crítica feminista da literatura russa. **Gendernije Issledovanija,** Harkov, n. 9, s/p. 2003.

BATISTA DE JESUS, Nataly; CALVO TULESKI, Silvana. O papel das organizações de mulheres e partidos na Rússia pré-revolucionária. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate,** Salvador, v. 12, n. 1, p. 24-36, 2002.

CARVALHO SENNA, Thaiz. A questão feminina na Rússia e suas respostas: análise por meio da lei de desenvolvimento desigual e combinado. **Marx e Marxismo,** São Paulo, v. 4, n. 7, p. 258-280, 2016.

БУЛАВИНА, Татьяна. Самое скучное в отечественном феминизме. **Новый образ,** ХЦГИ, Харьков, № 1, 1997, с. 18-19.

BULAVINA, Tatiana. O mais tedioso no feminismo doméstico (russo). **Novij Obraz, HCGI,** Harkov, n.1, p. 18-19, 1997.

ГАБРИЭЛЯН, Нина. Ева это значит жизнь. **Вопросы литературы.** n. 4, 1996, сс. 31-71.

GABRIELIAN, Nina. Eva significa vida. **As questões da literatura,** n. 4, p. 31-71, 1996.

GONÇALVES, Renata. Páginas feministas de outubro. **Ponto e Virgula**, São Paulo, n. 21, p. 21-35, 2017.

GOSCILO, Helena. **Dehexing Sex. Russian womanhood During and after Glasnost**. Michigan: University of Michigan Press, 1996.

_____. **The Explosive World of Tatyana N. Tolstaya's Fiction**. Routledge, 1996.

ЕЛЬНИКОВА, Галина. СТАНОВЛЕНИЕ И РАЗВИТИЕ ФЕМИНИЗМА В РОССИИ: К ИСТОРИИ ВОПРОСА. Известия вузов. Северо-кавказский регион, n. 12, 2003.

IELNIKOVA, Galina. Formação e desenvolvimento do feminismo na Rússia: acerca de história da questão. **Izvestija vuzov**, Severo-Kavkazkij region, n. 12, p. 2-9, 2003.

ЮКИНА, Ирина. На пути к марксистскому феминизму; деятельность. Александры Коллонтай. **Социология наук и технологий**, том 5, n. 2, 2014, ss. 81-92.

IUKINA, Irina. A caminho para feminismo marxista, as atividades de Aleksandra Kollontai. **Sociology of Science and Technology**, v. 5, n. 2, p. 81-92, 2014.

КЛИМЕНКОВА, Татьяна. Женщина под сексуальным взглядом. **Преображение**, 1996, ss. 88-117

KLIMENKOVA, Tatiana. Mulher sob o olhar sexual. **Preobrazhenije**, Moscow, p. 88-117, 1996.

КОЛЛОНТАЙ АЛЕКСАНДРА. **Труд женщины в эволюции народного хозяйства**. М.: Госиздат, 1923. с. 190

KOLLONTAI Aleksandra. **O trabalho feminino na evolução das relações de produção**. Moscow: Gosizdat, 1923.

_____. **Проституция и меры борьбы с ней**. М.: Госиздат, 1921.

_____. **Prostituição e os métodos da luta contra ela**. М.: Gosizdat. 1921.

_____. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Global, 1970.

Курганов И. Принудительный труд женщин // Женщины и коммунизм. Нью-Йорк, 1968 С. 108-138.

KUBÍNYIOVÁ, Júlia Осмысление критикой феномена современной русской женской прозы конца XX века. **Новая русистика**, v. 4, n. 1, 2011, с. 37-49

KUBÍNYIOVÁ, Júlia. The phenomenon of contemporary Russian women's prose in the perception of literature critique at the end of the 20th century. **Novaja rusistika**, v. 4, n.1, p. 37-49, 2011.

МИТИНА, Наталья. Марксистский гендерный проект. **Вестник ТГЭУ**, n. 1, с. 114- 127, 2007.

MITINA, Natalia. O projeto marxista de gênero. **Vestnik TGEU**, n. 1, p. 114-127, 2007.

MOHANTY, CHANDRA TALPADE. Sob os olhos do ocidente e discursos coloniais. Tradução Maria Isabel de Castro Lima. In: Brandão Izabel et al (Orgs). **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: Edufal; Editora da UFSC, 2017.

МУХИНА, ЗИНАИДА & ПУШКАРЕВА, НАТАЛЬЯ. Гендерные аспекты российской истории. **Вестник Пермского университета**, n. 3, с. 43-55, 2012.

MUHINA, Zinaida; PUSHKARIOVA, Natalia. Os aspectos de gênero na história russa. **Vestnik Permskogo Universiteta**, v. 3, n. 20, p. 43-55, 2012.

НОХЕЙЛЬ, Р. Мечты и кошмары. О телесном и сексуальном в российской женской прозе. **Преображение**, n. 4, с. 54-61, 1996.

NOHEIL, R. Os sonhos e os pesadelos. Sobre o corporal e o sexual na prosa da mulher na Rússia. **Preobrazhenije**, n. 4, p. 54-61, 1996.

ПУШКАРЕВА, Ирина; ПУШКАРЕВА, Наталья. Участие женщин в политической жизни России начала XX века (Советская и пост-советская историография). **Женщины в российском обществе**. n. 2, с.15-34, 2017.

PUSHKARIOVA, Irina; PUSHKARIOVA, Natalia. A participação das mulheres da vida política da Rússia do começo do século XX (A historiografia soviética e pós-soviética). **Zhenschini v rossiiskom obschestve**, n. 2, p. 15-34, 2017.

ПУШКАРЕВА, Наталья. У истоков русского феминизма. **СП Философское общество**, с. 79-84, 2001,.

PUSHKARIOVA, Natalia. Nas origens do feminismo russo. **SP filosofskoje obschestvo**, p. 79-84, 2001.

_____. Сексуальность в частной жизни русской женщины (X-XX вв): влияние православного и этакратического гендерных порядков. **Женщины в российском обществе**. n. 2, с. 3-17, 2008.

_____. A sexualidade na vida privada da mulher na Rússia (sec. X-XX): a influência das regras do gênero da igreja ortodoxa e ideologia da igualdade. **Zhenschini v rossiiskom obschestve**, n. 2, p. 3-17, 2008.

САВКИНА, ИРИНА. Факторы раздражения: о восприятии и обсуждении феминисткой критики и гендерных исследований в русском контексте. **НЛО**, n. 4, 2007.

SAVKINA, Irina. Fatores de irritação: sobre a percepção da crítica feminista e estudos do gênero no contexto russo. **NLO**, n. 4, s/p. 2007

_____. История Аси Каменской, которая хотела, да не смогла. Национальные особенности русского феминизма в детективах А. Марининой. Гендерные **Исследования**, n. 13, 2005.

_____. A história de Asia Kamenskaia que queria, mas não conseguiu. As peculiaridades do feminismo russo nos detetives da A. Marinina. **Revista Pesquisas de gênero**, n. 13, s/p., 2005.

САВЧУК, А. Была ли сексуальная революция в России в 1920-е гг. К постановке проблемы. **История повседневности**, n. 47, с. 22-39, 2017.

SAVCHUK, A. Se aconteceu a revolução sexual na Rússia nos anos 1920. Fundamentando o problema. **Istoria povsednevnosti**, n. 47, p. 22-39, 2017.

САТКЛИФ, Б. Критика о современной женской прозе. **Филологические науки**, № 3, с. 117-132, 2000.

SATKLIFF, B. Crítica de prosa moderna da mulher. **Ciências filológicas**, São Paulo, n. 3, p. 117-132, 2000.

SAHNO, Elena. **A tentativa de construir a igualdade de gênero na Rússia soviética 1917-1937**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

СЕРГО, ЮЛИЯ. Женская проза в России: Особенности художественной философии. **Филологический класс**, n. 2, с. 52-56, 2006.

SERGO, IULIA. A prosa da mulher na Rússia: as características da filosofia da ficção. **Filologicheskij klass**, n. 2, p. 52-56, 2006.

SEVERI, Fabiana Cristina. Legislação familiar soviética e utopias feministas. **Direito & Praxis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 2295-2313, 2017.

ШАПОВАЛОВ, В. Особенности российской сексуальной культуры. Семья и брак в России. **Общественные науки и современность**, n. 2, с. 163-172, 2007.

SHAPOVALOV, V. As características da cultura sexual da Rússia. Família e o casamento na Rússia. **As ciências sociais e a modernidade**, p. 163-172, n. 2, 2007.

ТРОФИМОВА, Елена. Терминологические вопросы в гендерных исследованиях. **Общественные науки и современность**, n. 6, с. 178-189, 2002.

TROFIMOVA, Elena. As questões da terminologia em pesquisas de gênero. **As ciências sociais e a modernidade**, n. 6, p. 178-189, 2002.

_____. Феминизм и женская литература в России. **Валдай-96**, МЦГИ, n. 6, с. 47-52, 1997.

_____. Feminismo e a literatura da mulher na Rússia. **Valdai-96**, MCGL, n. 6, p. 47-52, 1997.

ЖЕРЕБКИНА, Ирина. О перформативности женского или литературные бригады как факт развития постсоветской литературы. **Гендерные исследования**, ХЦГИ, n. 9, 2003.

_____. Страсть: женское тело и женская сексуальность в России. **Гендерные исследования**, ХЦГИ. Харьков, n. 1, с. 155-209, 1998.

_____. Paixão: o corpo feminino e a sexualidade feminina na Rússia. **Gendernije Issledovania**, HCGI, n. 1, p. 158-209, 1998.

WERTH, Nicolas. **Histoire de l'union soviétique 1900-1991**. Paris: Progress-academia 1994.

ZHEREBKINA, Irina. Sobre a performatividade feminina nos grupos literários como fato de desenvolvimento da literaturas pós-soviéticas. **Gendernije Issledovania**, HCGI, n. 9, s/p., 2003.